



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 5 - SAFRA 2017/18- N. 3 - Terceiro levantamento | **DEZEMBRO 2017**



Presidente da República

Michel Temer

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Blairo Maggi

Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Francisco Marcelo Rodrigues Bezerra

Diretoria de Operações e Abastecimento (Dirab)

Jorge Luiz Andrade da Silva

Diretoria de Gestão de Pessoas (Digepe)

Marcus Luis Hartmann

Diretoria Administrativa, Financeira e Fiscalização (Diafi)

Danilo Borges dos Santos

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Cleide Edvirges Santos Laia

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Aroldo Antônio de Oliveira Neto

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Danielle Cristina da Costa Torres (estagiária)

Eledon Pereira de Oliveira

Fabiano Borges de Vasconcellos

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote

Aquila Felipe Medeiros (menor aprendiz)

Bárbara Mayanne Silva (estagiária)

Fernando Arthur Santos Lima

Gilson Panagiotis Heusi (estagiário)

Jade Oliveira Ramos (estagiária)

Kelvin Andres Reis (estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Lucas Barbosa Fernandes

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA

**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 5 - SAFRA 2017/18 - N. 3 - Terceiro levantamento | **DEZEMBRO
2017**

Monitoramento agrícola

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v. 5 Safra 2017/18 - Terceiro levantamento, Brasília, p. 1-130
dezembro 2017.

Copyright © 2017 – Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Colaboradores

João Marcelo Brito Alves (Geint)
João Figueiredo Ruas (Gefab - feijão)
Mozar de Araújo Salvador (Inmet)
Candice Mello Romero Santos (Suinf)

Leonardo Amazonas (Gerpa - soja)
Thomé Luiz Freire Guth (Gerpa - milho)
Bruno Pereira Nogueira (Gefab - algodão)

Sérgio Roberto G. S. Júnior (Gefab - arroz)
Rodrigo Gomes de Souza (Gerpa - trigo)
Adriene Alves de Melo (Gecup)

Colaboradores das Superintendências

André Araújo e Thiago Cunha (AC); Aline Santos, Antônio de Araújo Lima Filho, Cesar Lima, Lourival de Magalhães (AL); Glenda Queiroz, José Humberto Campo de Oliveira, Pedro Jorge Barros (AM); Ednabel Lima, Gerson Santos, Israel Santos, Jair Lucas Oliveira Júnior, Joctã do Couto, Marcelo Ribeiro (BA); Cristina Diniz, Danylo Tajra, Eduardo de Oliveira, Fábio Ferraz, José Iranildo Araújo, Lincoln Lima, Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros (DF); Kerley Souza (ES); Adayr Souza, Espedito Ferreira, Gerson Magalhães, Lucas Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Lima, Roberto Andrade, Rogério Barbosa (GO); Dônavan Nolêto, Humberto Souza Filho, José de Ribamar Fahd, José Francisco Neves, Olavo Oliveira Silva, Valentino Campos (MA); Eugênio Carvalho, Hélio de Rezende, José Henrique de Oliveira, Márcio Carlos Magno, Patrícia Sales, Pedro Soares, Telma Silva, Túlio de Vasconcellos (MG); Edson Yui, Fernando Silva, Marcelo Calisto, Maurício Lopes, Luciana Diniz de Oliveira (MS); Allan Salgado, Gabriel Heise, José Júlio Pereira, Helena Mara Souza, Pedro Ramon Manhone, Raul Pio de Azevedo, Sizenando Santos, Jacir Silva (MT); Nicolau da Silva Beltrão Júnior, Eraldo da Silva Sousa, Gilberto de Sousa e Silva (PA); Carlos Meira, Juarez Nóbrega (PB); Clóvis Ferreira Filho, Daniele Santos, Bruno Valentim Gomes, Francisco Dantas de Almeida Filho (PE); Itamar Pires de Lima Junior, José Bosqui, Rafael Fogaça, Luiz Vissoci (PR); André Nascimento, Francisco Souza, Hécio Freitas, José Pereira do N. Júnior, Oscar Araújo, Thiago Miranda (PI); Cláudio Figueiredo, Jorge de Carvalho, Matheus Ribeiro, Olavo Godoy Neto, Wilson de Albuquerque (RJ); Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira (RN); João Kasper, Erik de Oliveira, Matheus Twardowski, Niccio Ribeiro (RO); Alcidesman Pereira, Karina de Melo, Luciana Dall'Agnese (RR); Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Marcio Renan Weber Schorr, Matheus Carneiro de Souza, Iure Rabassa Martins, Jordano Luis Girardi (RS); César Rubin, Ricardo Oliveira, Ricardo Paschoal, Luana Schneider (SC); José Bomfim de Oliveira Santos Junior, José de Almeida Lima Neto, Bruno Valentim Gomes (SE); Cláudio Ávila, Elias Tadeu de Oliveira, Mari-sete Belloli (SP); Alzeneide Batista, Francisco Pinheiro, Eduardo Rocha, Luiz Miguel Ricordi Barbosa, Rafael Alvez da Silva, Samuel Valente Ferreira (TO).

Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Rondônia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondônia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (Ruraltins) e a Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapec); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Ematerce); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater-RN); Secretaria de Agricultura, da Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agronômico de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento Rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, Irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri); Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (Faeb); Banco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer); Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agraer/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater-GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agradeasa); Secretaria Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater-DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater-MG); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio de Janeiro (Emater-RJ); Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PR); Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater-RS); Instituto Rio-Grandense do Arroz (Irga).

Editoração

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)
Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Martha Helena Gama de Macêdo, Guilherme Rodrigues

Fotos

Superintendência Regional do Piauí

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843

Impressão

Superintendência de Administração (Supad)/ Gerência de Protocolo, Arquivo e Telecomunicações (Gepat)

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)
C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-).

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

SUMÁRIO



1. Resumo executivo 8



2. Introdução 10



3. Estimativa de área plantada 12



4. Estimativa de produtividade 19



5. Estimativa de produção 27



6. Crédito rural 30



7. Análise climática - Inmet 38



8. Análise das culturas 43

8.1. Culturas de verão 43

8.1.1. Algodão 43

8.1.2. Amendoim 48

8.1.3. Arroz 53

8.1.4. Feijão -----	62
8.1.5. Girassol -----	80
8.1.6. Mamona -----	81
8.1.7. Milho-----	83
8.1.8. Soja -----	94
8.1.9. Sorgo -----	103
8.2. Culturas de inverno-----	104
8.2.1. Aveia-----	104
8.2.2. Canola -----	105
8.2.3. Centeio -----	106
8.2.4. Cevada-----	107
8.2.5. Trigo -----	108
8.2.6. Triticale -----	110



9. Receita bruta ----- 111



10. Balanço de oferta e demanda ----- 120

10.1. Algodão-----	120
10.2. Arroz-----	121
10.3. Feijão-----	122
10.4. Milho-----	123
10.5. Soja -----	123
10.6. Trigo-----	124





1. RESUMO EXECUTIVO

SAFRA 2017/18

A produção total de grãos está estimada em 226,5 milhões de toneladas para a safra 2017/18, redução de 4,7% em relação à safra anterior.

A área plantada está prevista em 61,5 milhões de hectares, ou seja, crescimento de 0,9% se comparada com a safra 2016/17.

Algodão: a produção deverá ser superior em 10,2% em relação à safra anterior.

Amendoim: a produção está estimada em 457,9 mil toneladas, redução de 1,8% em relação à safra 2016/17.

Arroz: a produção deverá ser menor que a safra passada em 5,8%, ficando em 11,6 milhões de toneladas.

Feijão primeira safra: deverá ter redução de 11,2% na área em relação à safra passada, refletindo numa produção de 1,21 milhão de toneladas, sendo 764,1 mil toneladas de feijão-comum cores, 315,8 mil toneladas de feijão-comum preto e 128,5 mil toneladas de feijão-caupi.

Milho primeira safra: estima-se uma redução na produção de 17,8% em relação à safra anterior, podendo ficar em 25,1 milhões de toneladas.

Soja: o crescimento previsto na área é de 3,1% e a produção deverá ser de 109,2 milhões de toneladas. O clima está favorecendo o desenvolvimento da cultura.

Safra inverno 2017: nas culturas de inverno (aveia, canola, centeio, cevada, trigo e triticale), diferentemente do que ocorreu na safra anterior, as condições meteorológicas adversas como geadas em setembro, estia-

gem entre julho e setembro, chuvas intensas em outubro e novembro, causaram perdas significativas às lavouras, como a redução de 29,4% na produtividade do trigo, principal cultura de inverno.





2. INTRODUÇÃO

Dentre os primordiais objetivos da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), empresa pública vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), há de se citar o acompanhamento da safra brasileira de grãos, que visa fornecer informações e os conhecimentos relevantes aos agentes envolvidos nos desafios da agricultura, segurança alimentar, nutricional e do abastecimento do país.

No citado processo de acompanhamento da safra brasileira de grãos se gera um relatório construído de maneira a registrar e indicar variáveis que auxiliem na compreensão dos resultados da safra, inserindo-se como parte da estratégia de qualificação das estatísticas agropecuárias, do processo de transparência e da redução da assimetria da informação. O objetivo desse trabalho é subsidiar o referido ministério, em tempo hábil, no monitoramento e na formulação das políticas públicas, agrícola e de abastecimento, além do atendimento aos demais agentes do agronegócio brasileiro, especialmente no auxílio relacionado à tomada de decisão por parte dos produtores rurais.

Assim, a Companhia, para a consecução desses serviços, utiliza métodos que envolvem modelos estatísticos, pacotes tecnológicos modais das principais culturas em diversos locais de produção, acompanhamentos agrometeorológicos e espectrais, pesquisa subjetiva de campo, como outras informações que complementam os métodos citados.

Nesse foco, além das diversas variáveis levantadas, abordam-se nesse boletim, o resultado das pesquisas da safra de verão para as culturas de algodão, amendoim primeira safra, arroz, feijão primeira safra, mamona, milho primeira safra e soja. São informações de área plantada e/ou a ser plantada, produtividade, produção, monitoramento agrícola e análise de mercado. Consta também o acompanhamento da safra de inverno 2017 (aveia, canola, centeio, cevada, trigo e tritica-le), com dados de evolução da colheita e influência climática.

Aos resultados das pesquisas empreendidas pela Companhia, em todo território nacional, agregam-se outros instrumentos como: indicadores econômicos nas áreas de crédito rural, mercado de insumos, custos de produção, como também informes da situação climática, acompanhamento agrometeorológico e espectral e a análise de mercado das culturas pesquisadas.

Além dos aspectos metodológicos que mencionamos, cumpre-nos esclarecer que as informações levanta-

das na oportunidade indicam a estimativa de plantio dos produtores rurais. O plantio avançou em todas as regiões produtoras.

É importante realçar que a Companhia detém a característica de suprir suas atividades de levantamento de safra de grãos por meio do envolvimento direto com diversas instituições e informantes cadastrados por todo o país.

Assim, os resultados, quando divulgados, devem registrar a colaboração e os esforços dos profissionais autônomos, dos técnicos de escritórios de planejamento, de cooperativas, das secretarias de agricultura, dos órgãos de assistência técnica e extensão rural (oficiais e privados), além dos agentes financeiros, dos revendedores de insumos, de produtores rurais e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A todos, o especial agradecimento da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), pelo empenho e dedicação profissional, quando instados a colaborar.





3. ESTIMATIVA DE ÁREA

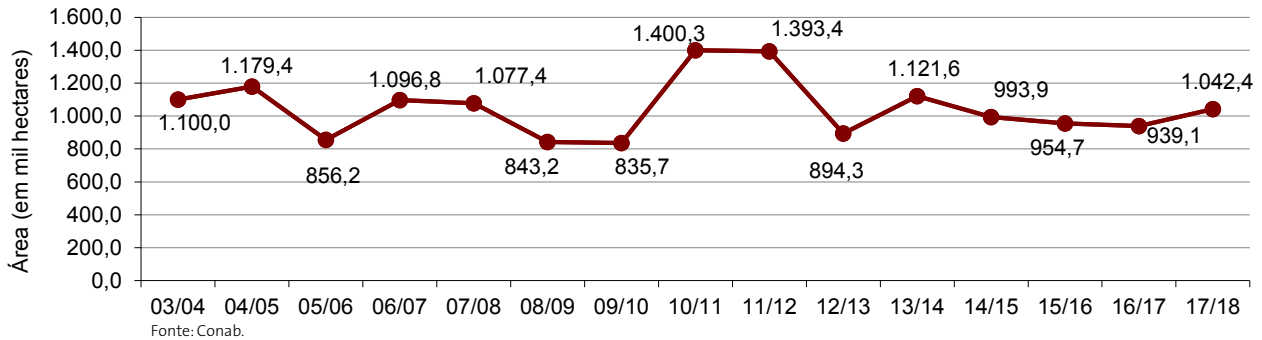
No terceiro levantamento realizado pela Conab, as estimativas apontam para um incremento de 0,9% na área para o plantio da safra 2017/18, atingindo 61.458,1 mil hectares. Culturas com maior rentabilidade e liquidez são as responsáveis pelo aumento na área, principalmente soja e algodão.

3.1. ALGODÃO

As perspectivas futuras de mercado foram responsáveis pelo forte aumento de área nas principais regiões produtoras, particularmente Mato Grosso e Bahia, onde se concentram a produção brasileira. Outros estados, como Mato Grosso do Sul, Goiás, Maranhão

e Minas Gerais, possuidoras de regiões favoráveis à produção dessa cultura, também experimentaram importantes incrementos. A expectativa atual é que a área brasileira atinja 1.042,4 mil hectares, representando um aumento de 11% em relação à safra anterior.

Gráfico 1 – Comportamento da área de algodão – Brasil



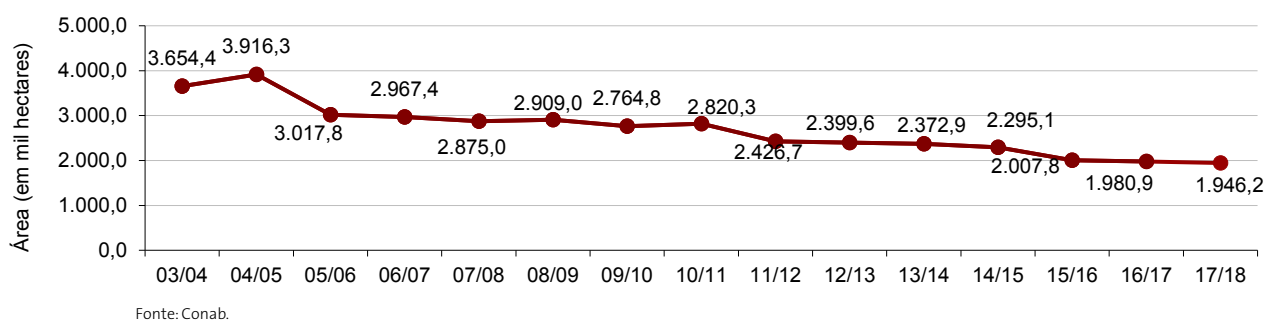
3.2. ARROZ

Nos principais estados produtores, a área plantada deverá apresentar redução nessa safra, reflexo da tendência observada nos maiores estados produtores. A expectativa é que a área brasileira de arroz totalize 1.946,2 mil hectares, representando redução de 1,8% em relação à área da safra 2016/17. A tendência de re-

dução em áreas de sequeiro permanece nessa safra, caso do Mato Grosso e Maranhão, mesmo levando em conta a forte reconversão de pastagens degradadas que vem ocorrendo no país. O fato é que a competição por área para culturas mais rentáveis, como é o caso da soja, tem aumentado a cada ano.



Gráfico 2 – Comportamento da área de arroz - Brasil

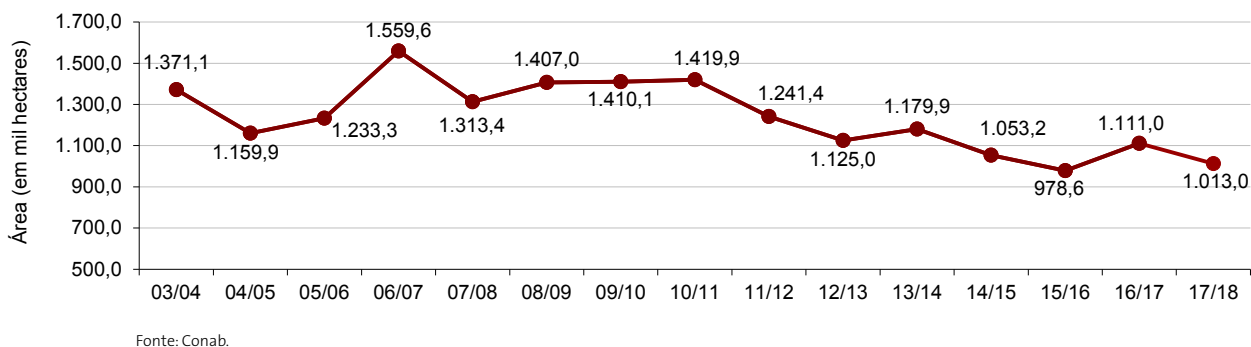


3.3. FEIJÃO

As peculiaridades que envolvem a cultura do feijão, aliadas aos preços recebidos pelos produtores, têm desestimulado o aumento da área semeada. As dificuldades de manejo, os problemas sanitários, a possibilidade de clima chuvoso na época da colheita e dos problemas de comercialização, vinculados às exigências de qualidade, estabelecem uma pressão sobre

o produto, particularmente o produzido na primeira safra, quando compete com soja, milho e outras lavouras mais seguras. Os dados levantados pela Conab apontam para uma redução na área de primeira safra de 8,8% em relação ao exercício anterior, criando suporte para um aumento da área, no produto da segunda safra.

Gráfico 3 – Comportamento da área de feijão primeira safra - Brasil



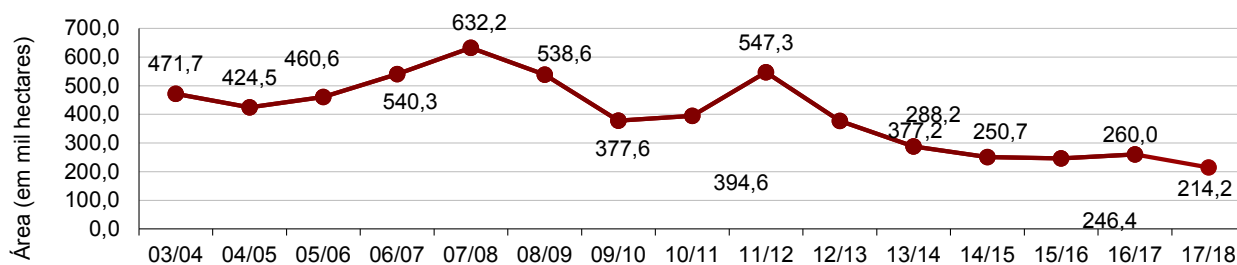
3.4. MILHO

Os impactos no preço, provocado pela grande produção da safra passada trouxeram reflexos na área plantada da safra 2017/18. A perspectiva é que ocorra redução de 3%, comparada com o exercício anterior, quando foram plantados 17.591,7 mil hectares. O complicador nessa safra é que a tendência de transferência da produção desse cereal para a segunda safra, após a colheita da soja, deverá apresentar problemas

neste ano em virtude do atraso das chuvas nas principais regiões produtoras do país e da consequente redução da janela climática para o milho. Plantios que venham ocorrer após a primeira semana de março certamente serão acompanhados por uma redução no uso de tecnologia, com repercussão nos níveis de produtividade.

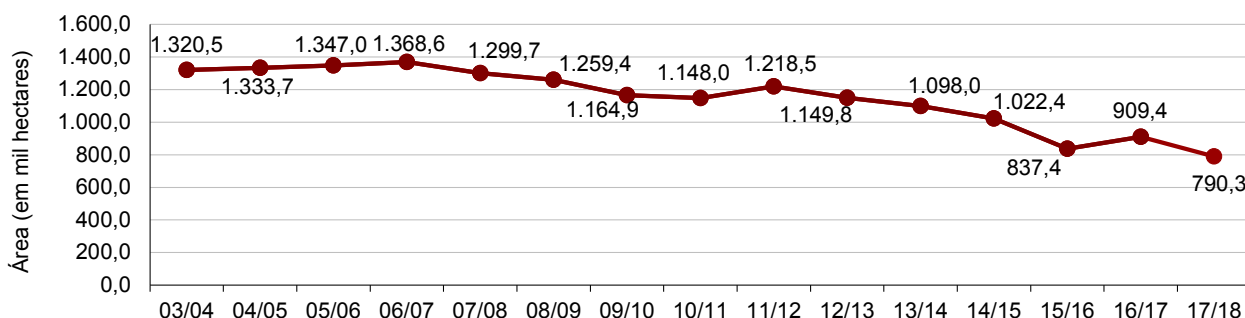


Gráfico 4 - Comportamento da área de milho 1ª safra – GO



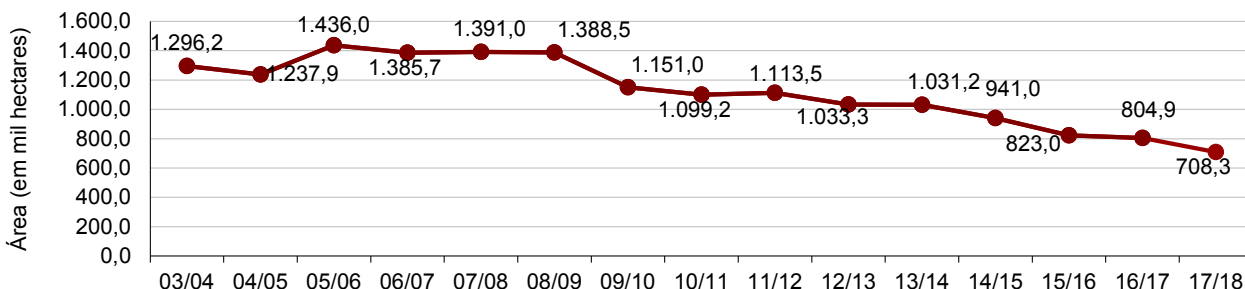
Fonte: Conab.

Gráfico 5 - Comportamento da área de milho 1ª safra – MG



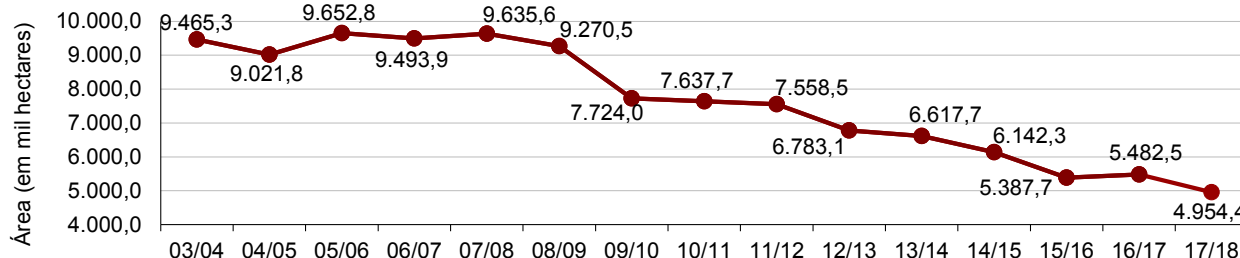
Fonte: Conab.

Gráfico 6 - Comportamento da área de milho 1ª safra – RS



Fonte: Conab.

Gráfico 7 - Comportamento da área de milho 1ª safra – Brasil



Fonte: Conab.

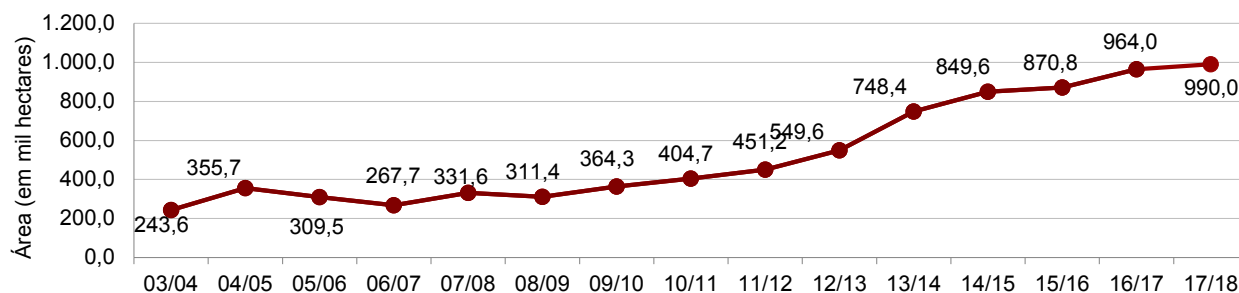


3.5. SOJA

A lavoura de soja tem sido a protagonista no aumento da área e produção de grãos no país. Sua maior liquidez e a possibilidade de melhor rentabilidade em relação a outras culturas fazem com que os produtores se sintam estimulados a continuar apostando na cultura.

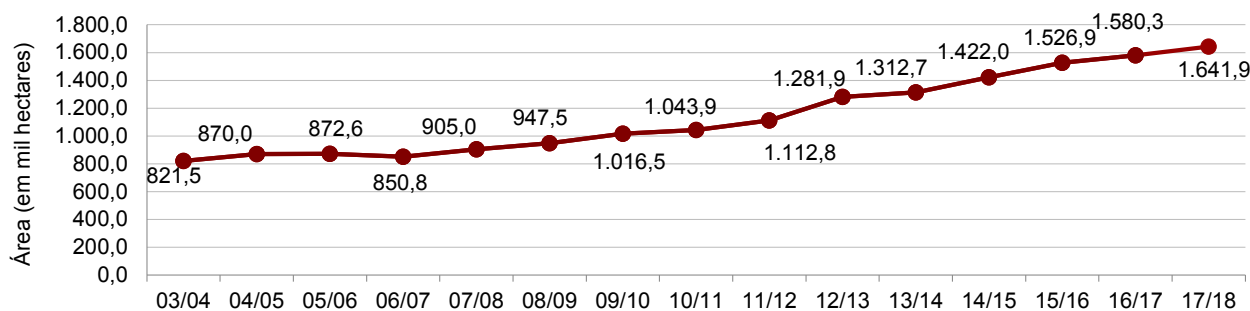
Nesse levantamento o crescimento da área está estimada em 3,1% em relação ao ano passado, atingindo 34.964,5 mil hectares.

Gráfico 8- Comportamento da área de soja – TO



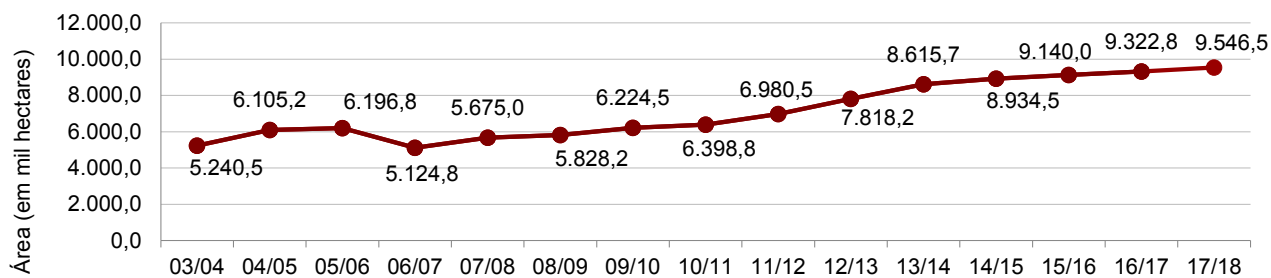
Fonte: Conab.

Gráfico 9 - Comportamento da área de soja – BA



Fonte: Conab.

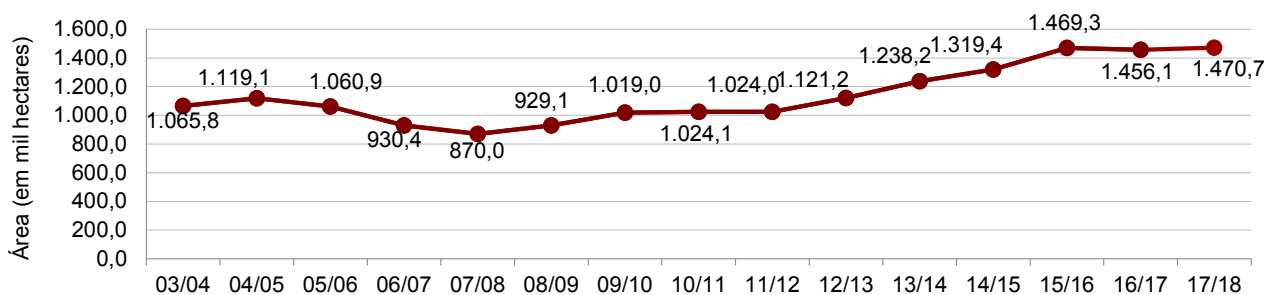
Gráfico 10 - Comportamento da área de soja – MT



Fonte: Conab.

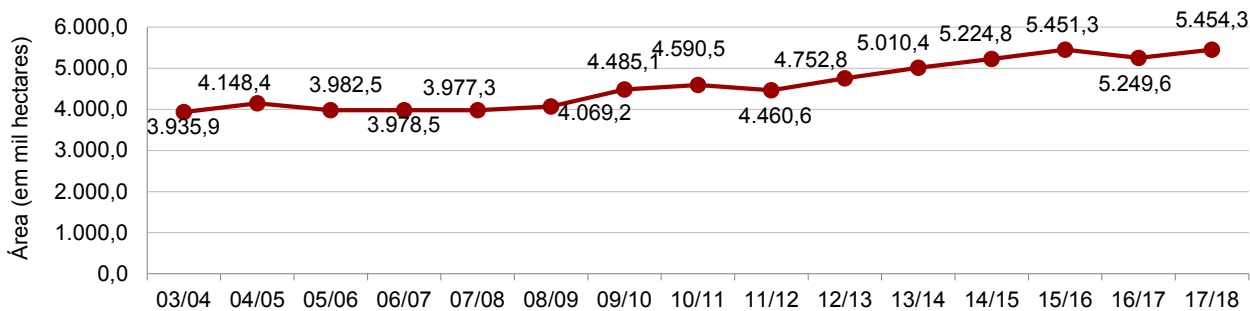


Gráfico 11- Comportamento da área de soja – MG



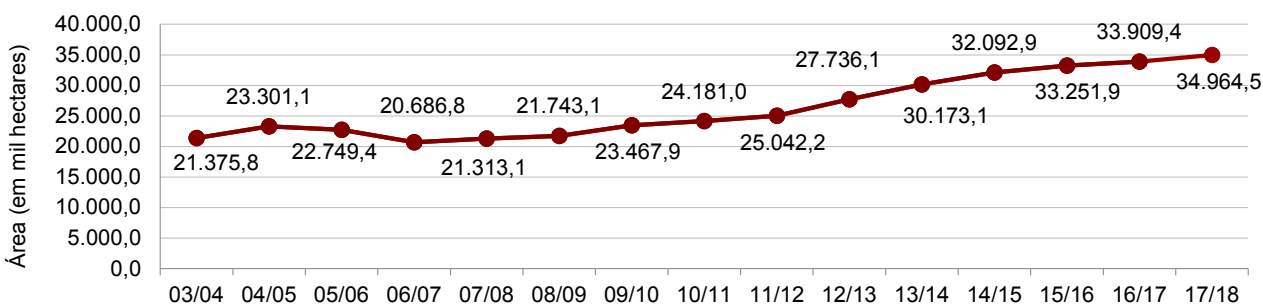
Fonte: Conab.

Gráfico 12 - Comportamento da área de soja – PR



Fonte: Conab.

Gráfico 13 - Comportamento da área de soja – Brasil



Fonte: Conab.



Tabela 1 – Estimativa de área plantada de grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	16/17 (a)	17/18		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		Nov/2017 (b)	Dez/2017 (c)		
ALGODÃO	939,1	1.041,3	1.042,4	11,0	103,3
AMENDOIM TOTAL	129,3	131,3	131,1	1,4	1,8
AMENDOIM 1ª SAFRA	118,3	120,3	120,1	1,5	1,8
AMENDOIM 2ª SAFRA	11,0	11,0	11,0	-	-
ARROZ	1.980,9	1.964,2	1.946,2	(1,8)	(34,7)
ARROZ SEQUEIRO	524,4	520,3	513,2	(2,1)	(11,2)
ARROZ IRRIGADO	1.456,5	1.443,9	1.433,0	(1,6)	(23,5)
FEIJÃO TOTAL	3.180,3	3.142,2	3.142,3	(1,2)	(38,0)
FEIJÃO TOTAL CORES	1.447,3	1.415,5	1.408,6	(2,7)	(38,7)
FEIJÃO TOTAL PRETO	323,7	331,6	330,0	1,9	6,3
FEIJÃO TOTAL CAUPI	1.409,3	1.395,1	1.403,7	(0,4)	(5,6)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.111,0	1.012,9	1.013,0	(8,8)	(98,0)
CORES	478,2	436,4	429,5	(10,2)	(48,7)
PRETO	174,7	182,6	181,0	3,6	6,3
CAUPI	458,1	393,9	402,5	(12,1)	(55,6)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.426,9	1.486,9	1.486,9	4,2	60,0
CORES	430,3	440,3	440,3	2,3	10,0
PRETO	134,7	134,7	134,7	-	-
CAUPI	861,9	911,9	911,9	5,8	50,0
FEIJÃO 3ª SAFRA	642,4	642,4	642,4	-	-
CORES	538,8	538,8	538,8	-	-
PRETO	14,3	14,3	14,3	-	-
CAUPI	89,3	89,3	89,3	-	-
GIRASSOL	62,7	62,7	62,7	-	-
MAMONA	28,0	29,2	32,3	15,4	4,3
MILHO TOTAL	17.591,7	17.071,1	17.063,6	(3,0)	(528,1)
MILHO 1ª SAFRA	5.482,5	4.961,9	4.954,4	(9,6)	(528,1)
MILHO 2ª SAFRA	12.109,2	12.109,2	12.109,2	-	-
SOJA	33.909,4	34.975,6	34.964,5	3,1	1.055,1
SORGO	628,5	631,7	632,2	0,6	3,7
SUBTOTAL	58.449,9	59.049,1	59.017,3	1,0	567,4
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2017 (a)	2018		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		Nov/2017 (b)	Dez/2017 (c)		
AVEIA	340,1	340,1	340,1	-	-
CANOLA	48,1	48,1	48,1	-	-
CENTEIO	3,6	3,6	3,6	-	-
CEVADA	109,2	109,2	109,2	-	-
TRIGO	1.917,1	1.917,1	1.917,1	-	-
TRITICALE	22,7	22,7	22,7	-	-
SUBTOTAL	2.440,8	2.440,8	2.440,8	-	-
BRASIL	60.890,7	61.489,9	61.458,1	0,9	567,4

Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em dezembro/2017.



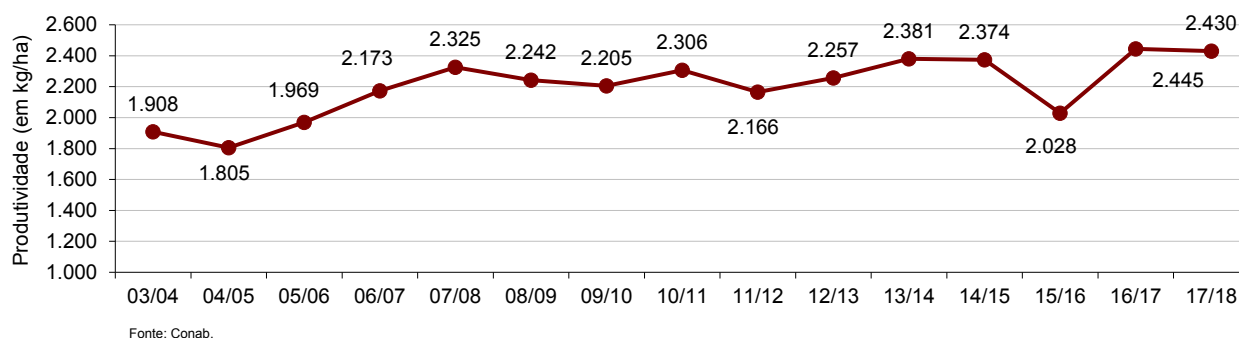


4. ESTIMATIVA DE PRODUTIVIDADE

4.1. ALGODÃO

Para ter resultados positivos, a semeadura exige alto padrão tecnológico e gestão profissional, o que resulta em alta produtividade. O método estatístico utilizado pela Conab, nesse momento, traduz essa característica e tem as penalidades climáticas das últimas safras observadas nos resultados. A estimativa é de produtividade próxima da safra passada. Na Região Centro-Oeste, onde concentra 72% da produção brasileira, a estimativa é de melhores produtividades na atual safra, isso ocorre porque nos estados dessa região o algodão é uma cultura de custo de produção maior do que as outras culturas e, por isso, é cultivado nas melhores áreas das fazendas, além da melhor tecnologia disponível, isso possibilita uma estabilidade de produtividade melhor do que em outras regiões do país. A Bahia e Mato Grosso são os maiores produtores de algodão e o comportamento da produtividade do Brasil pode ser observado nos gráficos abaixo.

Gráfico 14 - Comportamento da produtividade de caroço de algodão no Brasil



4.2. ARROZ

No cômputo geral, a estimativa de produtividade é de menor redução em relação à safra anterior, que teve bom comportamento. Nos principais estados produ-

tores, a estimativa de produtividade é compatível com os pacotes tecnológicos utilizados pelos produtores.

Gráfico 15 - Comportamento da produtividade de arroz em Mato Grosso

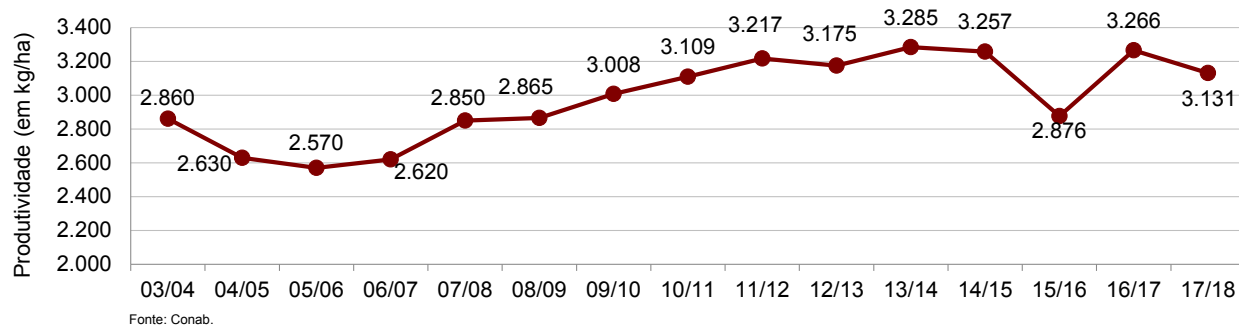


Gráfico 16 - Comportamento da produtividade de arroz em Santa Catarina

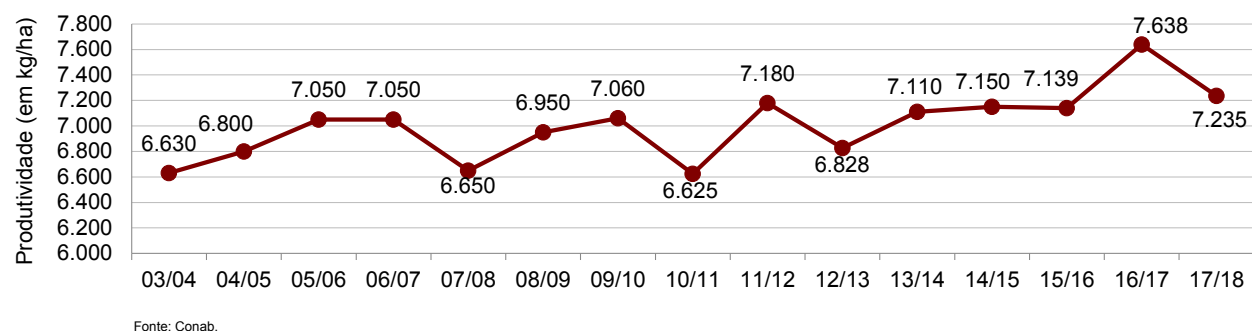
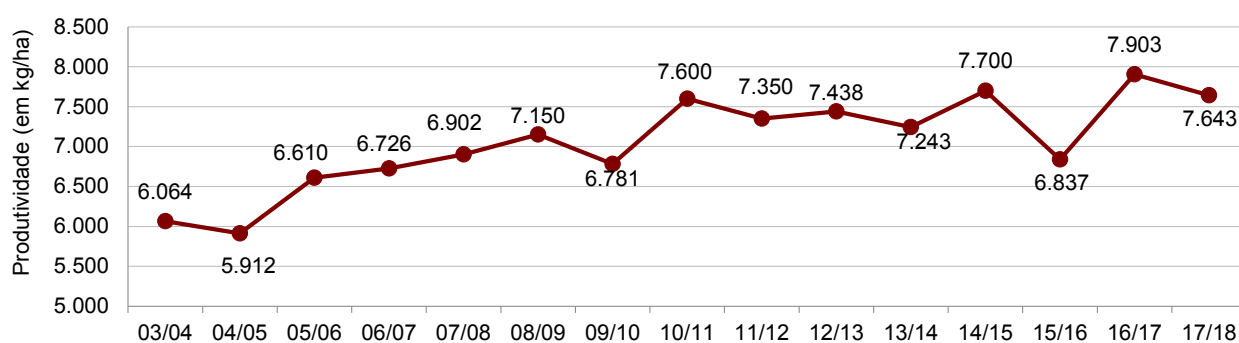
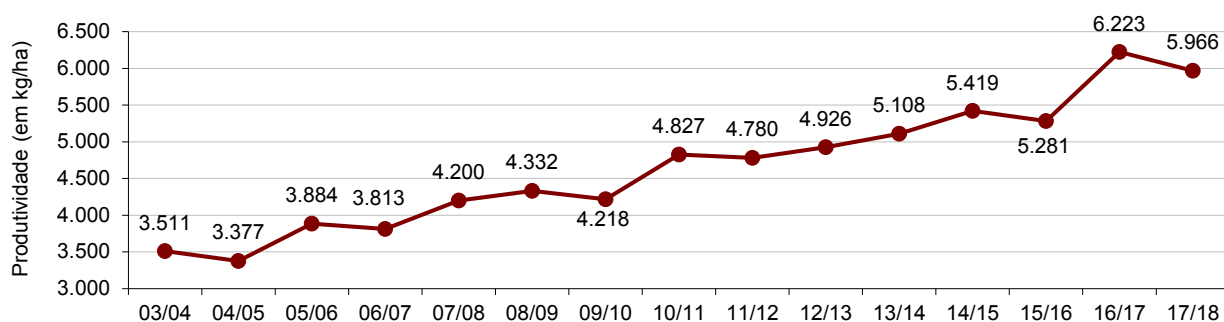


Gráfico 17 - Comportamento da produtividade de arroz no Rio Grande do Sul



Fonte: Conab.

Gráfico 18 - Comportamento da produtividade de arroz no Brasil



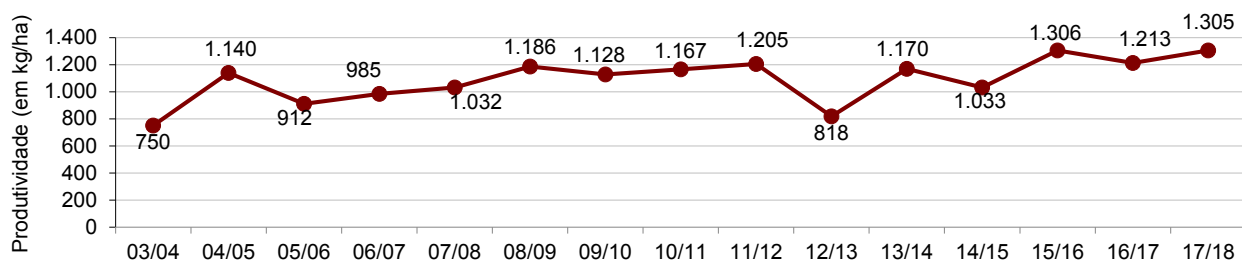
Fonte: Conab.

4.3. FEIJÃO

O cultivo é considerado de risco pela baixa tecnificação, além dos problemas climáticos e sanitários. A estimativa é de redução na produtividade do feijão-comum cores (0,8%) e feijão-comum preto (5%), sem que haja impacto de destaque na sua produção. No caso do feijão-caupi a estimativa é de redução de pro-

dutividade, dada às condições de plantio e de baixa tecnologia utilizada para o seu plantio. Nos principais estados produtores se pode observar que a produtividade da primeira safra de feijão aumenta apenas em Minas Gerais, que apresenta condições melhores de plantio.

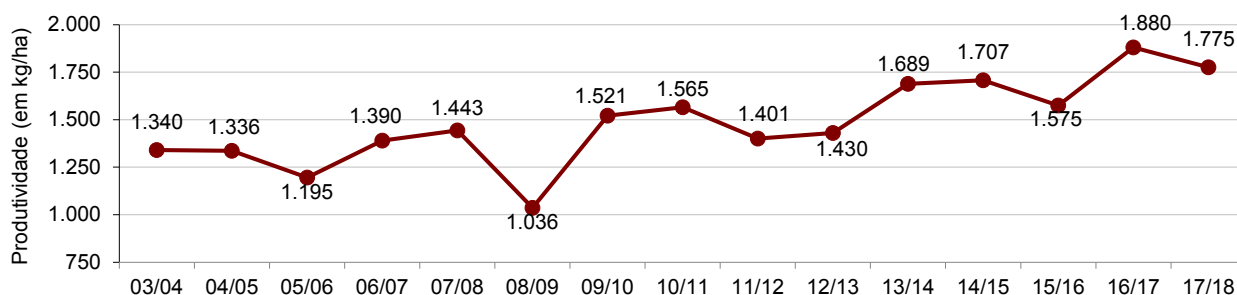
Gráfico 19 - Comportamento da produtividade de feijão primeira safra em Minas Gerais



Fonte: Conab.

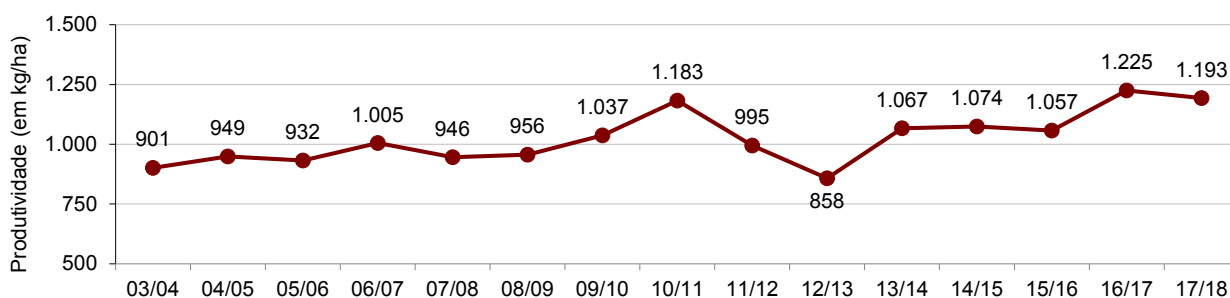


Gráfico 20 - Comportamento da produtividade de feijão primeira safra no Paraná



Fonte: Conab.

Gráfico 21 - Comportamento da produtividade de feijão primeira safra no Brasil



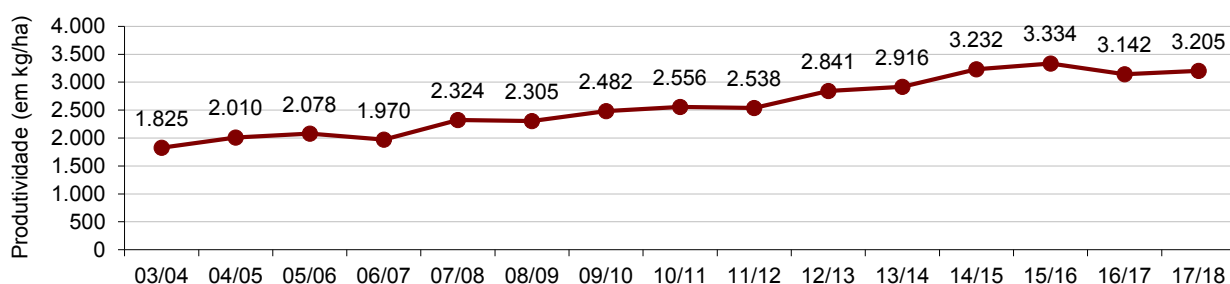
Fonte: Conab.

4.4. MILHO

A estimativa é de redução de 9% na produtividade do milho. Mesmo assim, a produtividade esperada é a segunda melhor no período entre 2003/04 a 2017/18.

Nos estados da Região Sul, a estimativa da produtividade pode ser considerada normal, uma vez que na safra anterior o rendimento pôde ser considerado excepcional.

Gráfico 22 - Comportamento da produtividade de milho primeira safra no Pará



Fonte: Conab.



Gráfico 23 - Comportamento da produtividade de milho primeira safra na Bahia

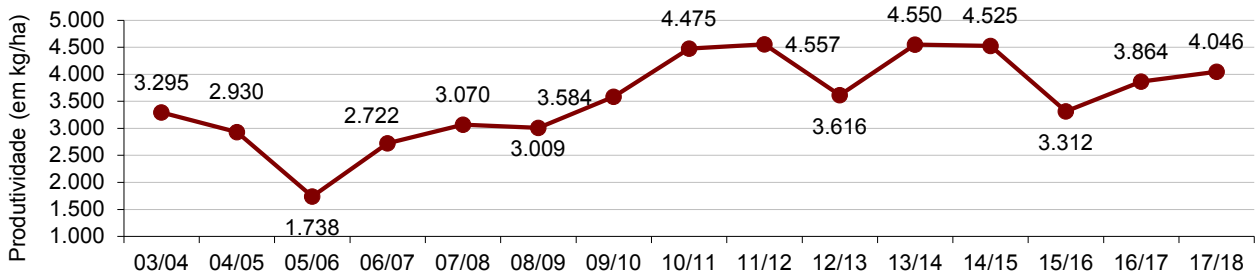
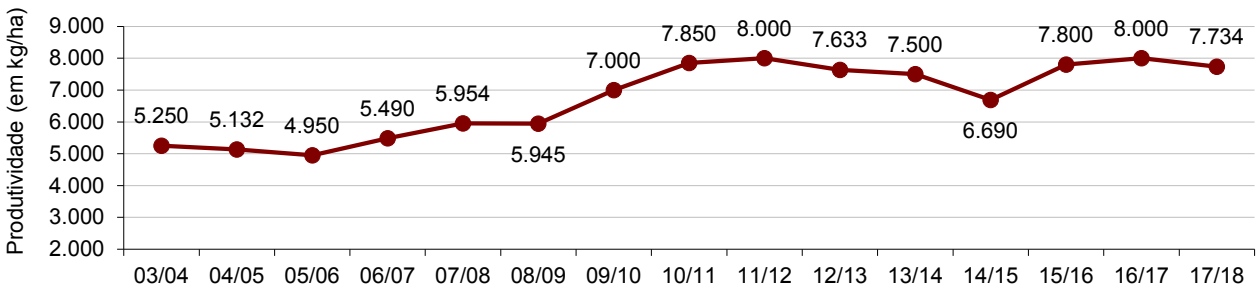
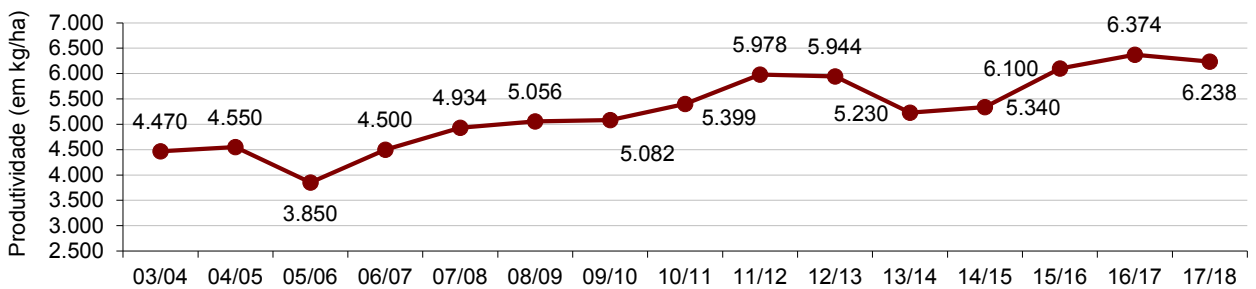


Gráfico 24 - Comportamento da produtividade de milho primeira safra em Goiás



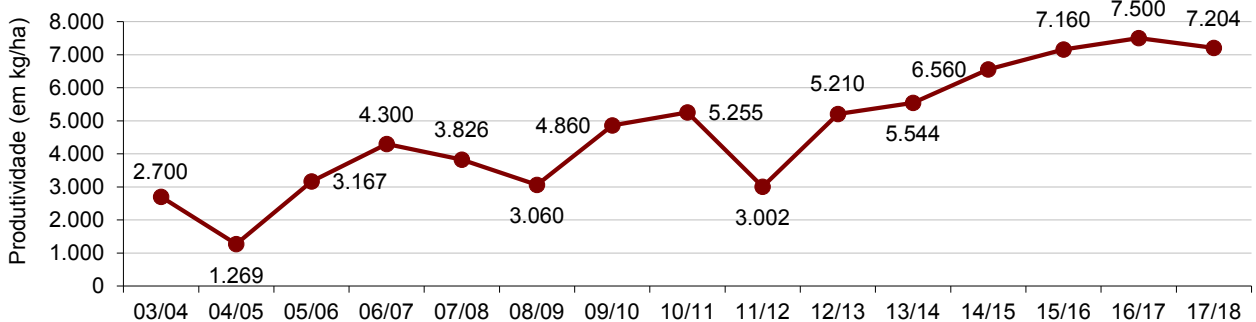
Fonte: Conab.

Gráfico 25 - Comportamento da produtividade de milho primeira safra em Minas Gerais



Fonte: Conab.

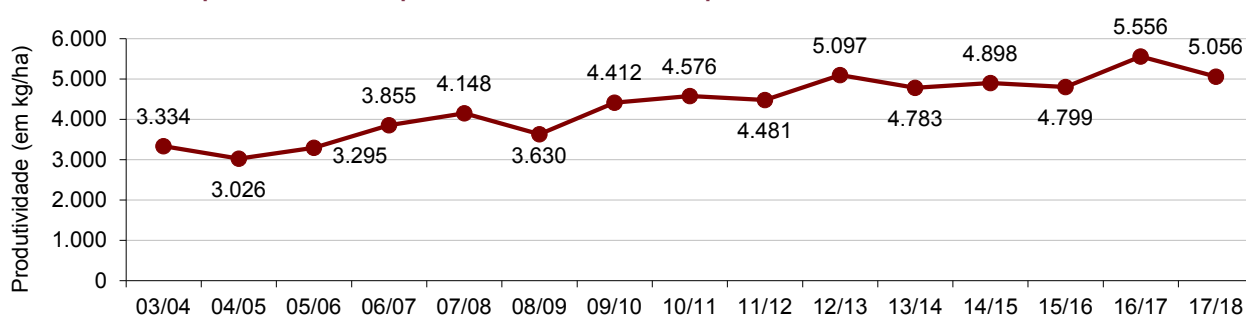
Gráfico 26 - Comportamento da produtividade de milho primeira safra no Rio Grande do Sul



Fonte: Conab.



Gráfico 27 - Comportamento da produtividade de milho primeira safra no Brasil



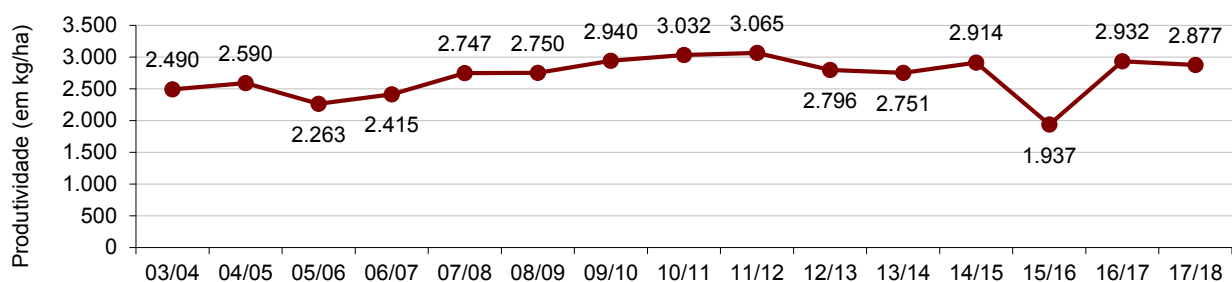
Fonte: Conab.

4.5. SOJA

Excluindo os resultados da safra 2016/17, a produtividade média nacional esteve entre 2,5 e 3 mil kg/ha, nos últimos dez anos. A estimativa do rendimento para a safra 2017/18 está de acordo com o pacote tecnológico utilizado e com o rendimento médio comentado. Observando a estimativa de produtividade de

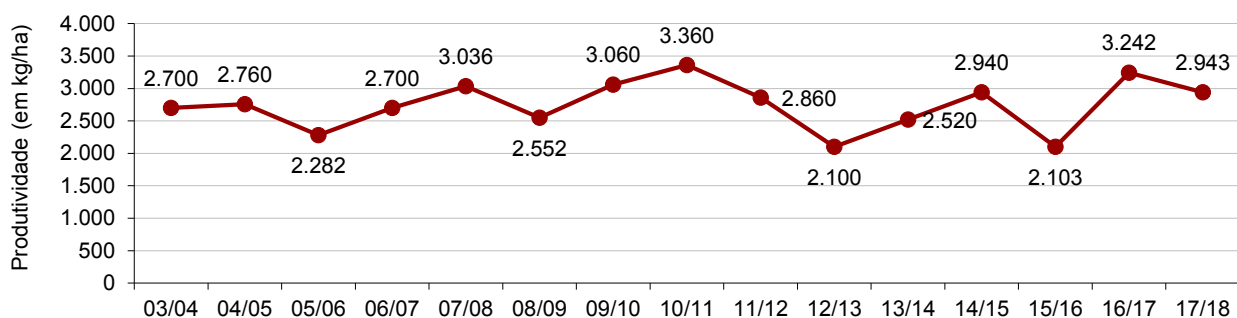
Tocantins, Bahia, Mato Grosso, Minas Gerais, Paraná, percebe-se que todos estão próximos ou acima da média nacional, resultado da estabilidade de produção da cultura no país.

Gráfico 28 - Comportamento da produtividade de soja em Tocantins



Fonte: Conab.

Gráfico 29 - Comportamento da produtividade de soja na Bahia



Fonte: Conab.



Gráfico 30 - Comportamento da produtividade de soja em Mato Grosso

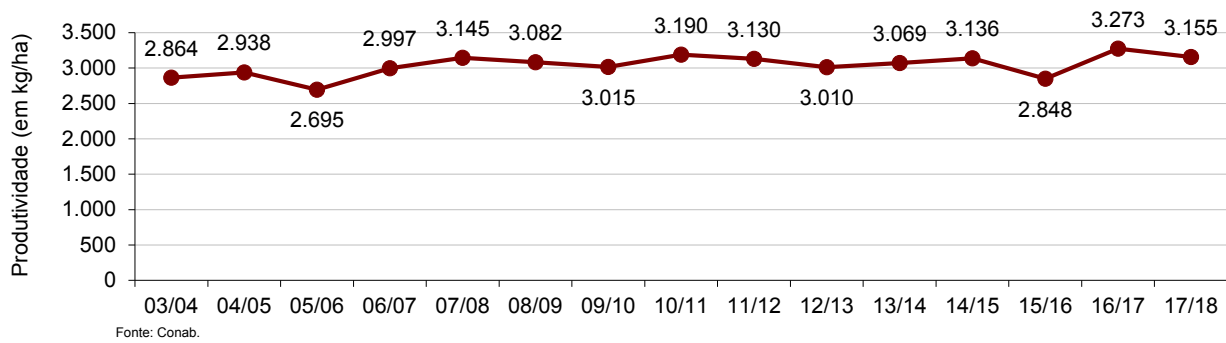


Gráfico 31 - Comportamento da produtividade de soja em Minas Gerais

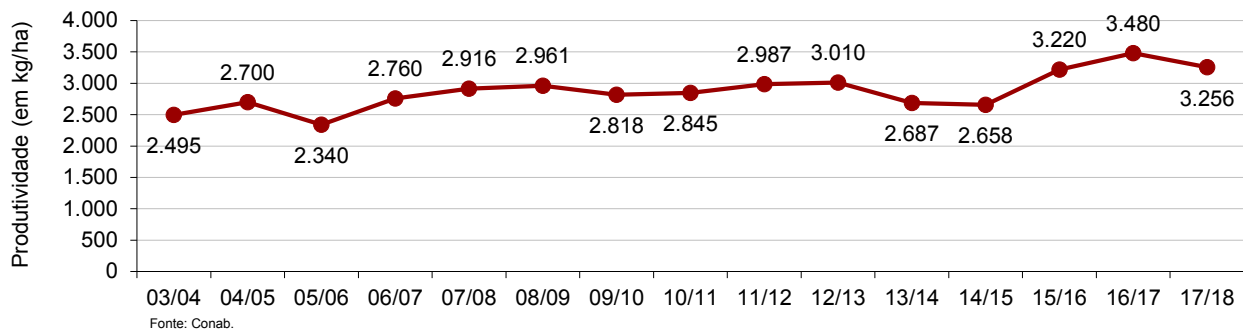


Gráfico 32 - Comportamento da produtividade de soja no Paraná

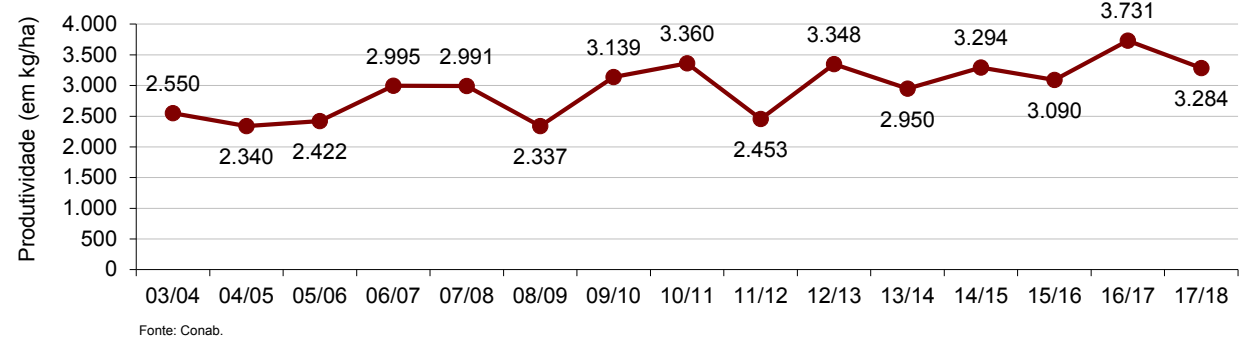


Gráfico 33 - Comportamento da produtividade de soja no Brasil

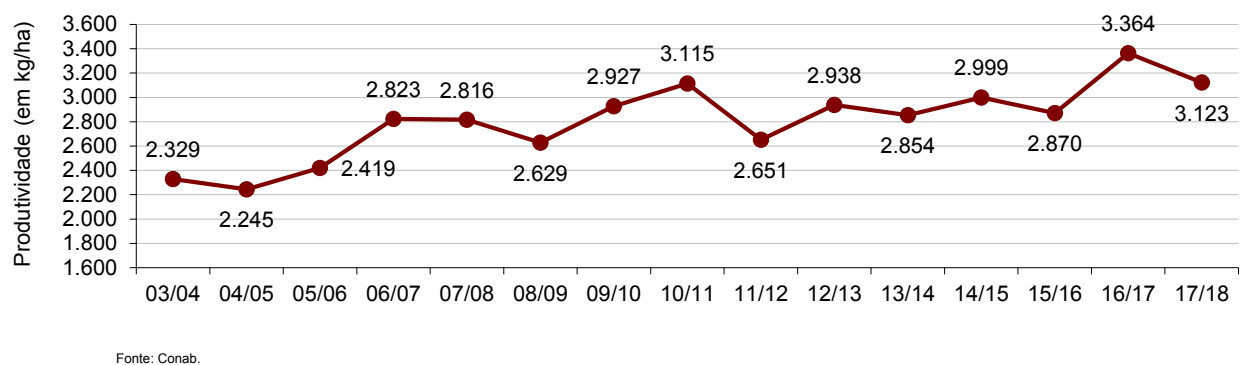


Tabela 2 – Estimativa de produtividade – Grãos

(Em kg/ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	16/17 (a)	17/18		Percentual	Absoluta
		Nov/2017 (b)	Dez/2017 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO ⁽¹⁾	2.445	2.431	2.430	(0,6)	(14,8)
ALGODÃO EM PLUMA	1.629	1.622	1.622	(0,5)	(7,5)
AMENDOIM TOTAL	3.606	3.493	3.493	(3,1)	(112,8)
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.709	3.594	3.592	(3,2)	(117,2)
AMENDOIM 2ª SAFRA	2.494	2.413	2.413	(3,3)	(81,5)
ARROZ	6.223	5.989	5.966	(4,1)	(257,1)
ARROZ SEQUEIRO	2.347	2.173	2.169	(7,6)	(177,6)
ARROZ IRRIGADO	7.619	7.335	7.326	(3,8)	(292,9)
FEIJÃO TOTAL	1.069	1.050	1.044	(2,3)	(25,0)
CORES	1.505	1.492	1.490	(1,0)	(14,8)
PRETO	1.568	1.575	1.578	0,6	9,8
CAUPI	506	470	470	(7,1)	(35,9)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.225	1.209	1.193	(2,6)	(31,6)
CORES	1.779	1.764	1.779	-	0,3
PRETO	1.829	1.740	1.746	(4,5)	(83,0)
CAUPI	416	315	320	(23,2)	(96,7)
FEIJÃO 2ª SAFRA	842	847	847	0,6	5,4
CORES	1.338	1.356	1.356	1,4	18,3
PRETO	1.338	1.448	1.448	8,2	109,4
CAUPI	516	512	512	(0,8)	(3,9)
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.304	1.264	1.264	(3,1)	(39,8)
CORES	1.396	1.370	1.370	(1,9)	(26,1)
PRETO	554	687	687	23,9	132,3
CAUPI	869	719	719	(17,2)	(149,8)
GIRASSOL	1.653	1.564	1.564	(5,4)	(88,7)
MAMONA	470	473	477	1,5	7,2
MILHO TOTAL	5.562	5.418	5.405	(2,8)	(157,2)
MILHO 1ª SAFRA	5.556	5.107	5.056	(9,0)	(499,7)
MILHO 2ª SAFRA	5.564	5.547	5.547	(0,3)	(17,3)
SOJA	3.364	3.075	3.123	(7,2)	(241,4)
SORGO	2.967	2.859	2.858	(3,7)	(108,8)
SUBTOTAL	3.976	3.728	3.748	(5,7)	(228,0)
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2017 (a)	2018		Percentual	Absoluta
		Nov/2017 (b)	Dez/2017 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	1.868	2.316	1.868	-	-
CANOLA	840	1.281	840	-	-
CENTEIO	1.806	2.222	1.806	-	-
CEVADA	2.648	3.129	2.648	-	-
TRIGO	2.243	2.546	2.243	-	-
TRITICALE	2.361	2.678	2.361	-	-
SUBTOTAL	2.181	2.516	2.181	-	-
BRASIL (2)	3.904	3.681	3.686	(5,6)	-218,0

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.





5. ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO

Nesse terceiro levantamento, para a safra 2017/18, a produção estimada indica um volume de 226,5 milhões de toneladas. Apesar desse resultado ser 4,7% menor que na última safra, a expectativa é que a produção expresse o comportamento normal de safras anteriores. A redução de produção é, sobretudo, em virtude da última safra ter sido excepcional.

A soja e o milho permanecem como principais culturas produzidas no país. A produção da soja está estimada em 109,2 milhões de toneladas, enquanto o milho deverá ter uma produção de 92,2 milhões de toneladas, distribuídas entre primeira e segunda safras. Estima-se que a primeira safra de milho seja 17,8% menor em relação à safra 2016/17 e alcançar 25 milhões de toneladas. A estimativa para a segunda safra de milho é de 67,2 milhões de toneladas.

Para a atual safra, destaca-se também a estimativa de aumento da produção de algodão em pluma, estimada em 1,7 milhão de toneladas, aumento de 10,5% em relação à safra passada.

Tabela 3 – Estimativa de produção – Grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	16/17(a)	17/18		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		Nov/2017 (b)	Dez/2017 (c)		
ALGODÃO - CAROÇO (1)	2.298,3	2.531,2	2.533,5	10,2	235,2
ALGODÃO - PLUMA	1.529,5	1.688,9	1.690,1	10,5	160,6
AMENDOIM TOTAL	466,2	458,7	457,9	(1,8)	(8,3)
AMENDOIM 1ª SAFRA	438,8	432,2	431,4	(1,7)	(7,4)
AMENDOIM 2ª SAFRA	27,4	26,5	26,5	(3,3)	(0,9)
ARROZ	12.327,8	11.711,4	11.612,0	(5,8)	(715,8)
ARROZ SEQUEIRO	1.230,7	1.134,0	1.113,5	(9,5)	(117,2)
ARROZ IRRIGADO	11.097,1	10.577,4	10.498,5	(5,4)	(598,6)
FEIJÃO TOTAL	3.399,5	3.268,1	3.280,4	(3,5)	(119,1)
FEIJÃO TOTAL CORES	2.178	2.091	2.100	(3,6)	(78,6)
FEIJÃO TOTAL PRETO	508	522	521	2,6	13,1
FEIJÃO TOTAL CAUPI	713	655	660	(7,5)	(53,3)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.360,6	1.196,2	1.208,4	(11,2)	(152,2)
CORES	850,4	754,9	764,1	(10,1)	(86,3)
PRETO	319,5	317,5	315,8	(1,2)	(3,7)
CAUPI	190,7	123,8	128,5	(32,6)	(62,2)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.200,9	1.259,6	1.259,6	4,9	58,7
CORES	575,8	597,4	597,4	3,8	21,6
PRETO	180,2	195,1	195,1	8,3	14,9
CAUPI	445,0	467,2	467,2	5,0	22,2
FEIJÃO 3ª SAFRA	837,7	812,4	812,4	(3,0)	(25,3)
CORES	752,1	738,2	738,2	(1,8)	(13,9)
PRETO	7,9	9,8	9,8	24,1	1,9
CAUPI	77,6	64,3	64,3	(17,1)	(13,3)
GIRASSOL	103,7	98,0	98,0	(5,5)	(5,7)
MAMONA	13,1	13,9	15,4	17,6	2,3
MILHO TOTAL	97.842,8	92.342,5	92.222,5	(5,7)	(5.620,3)
MILHO 1ª SAFRA	30.462,0	25.171,6	25.051,6	(17,8)	(5.410,4)
MILHO 2ª SAFRA	67.380,9	67.170,9	67.170,9	(0,3)	(210,0)
SOJA	114.075,3	107.539,0	109.183,4	(4,3)	(4.891,9)
SORGO	1.864,8	1.805,8	1.807,1	(3,1)	(57,7)
SUBTOTAL	232.391,5	219.768,3	221.210,2	(4,8)	(11.181,3)
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	16/17(a)	17/18		Percentual (b/a)	Absoluta (b-a)
		Nov/2017 (b)	Dez/2017 (c)		
AVEIA	635,2	681,7	635,2	-	-
CANOLA	40,4	41,9	40,4	-	-
CENTEIO	6,5	7,4	6,5	-	-
CEVADA	289,1	291,3	289,1	-	-
TRIGO	4.299,4	4.568,4	4.299,4	-	-
TRITICALE	53,6	57,3	53,6	-	-
SUBTOTAL	5.324,2	5.648,0	5.324,2	-	-
BRASIL (2)	237.715,7	225.416,2	226.534,4	(4,7)	(11.181,3)

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.



Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção – Produtos selecionados (*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	2.934,9	3.001,8	2,3	3.246	3.160	(2,7)	9.527,5	9.485,2	(0,4)
RR	54,8	54,8	-	4.210	4.093	(2,8)	230,7	224,3	(2,8)
RO	553,0	560,2	1,3	3.371	3.431	1,8	1.864,0	1.922,3	3,1
AC	46,8	46,8	-	1.976	2.002	1,3	92,5	93,7	1,3
AM	19,2	19,2	-	2.214	2.214	-	42,5	42,5	-
AP	23,5	23,5	-	2.498	2.434	(2,6)	58,7	57,2	(2,6)
PA	861,5	899,7	4,4	3.129	2.971	(5,0)	2.696,0	2.673,3	(0,8)
TO	1.376,1	1.397,6	1,6	3.301	3.200	(3,1)	4.543,1	4.471,9	(1,6)
NORDESTE	7.852,4	8.104,8	3,2	2.319	2.158	(7,0)	18.206,1	17.487,5	(3,9)
MA	1.565,3	1.691,2	8,0	3.061	2.916	(4,7)	4.790,7	4.931,9	2,9
PI	1.476,8	1.490,5	0,9	2.469	2.117	(14,3)	3.645,5	3.154,7	(13,5)
CE	932,0	932,0	-	591	501	(15,2)	550,4	467,2	(15,1)
RN	67,6	67,6	-	426	454	6,6	28,8	30,7	6,6
PB	179,5	179,5	-	393	378	(3,7)	70,5	67,9	(3,7)
PE	344,3	344,3	-	329	382	16,2	113,4	131,6	16,0
AL	80,1	80,1	-	790	754	(4,5)	63,3	60,4	(4,6)
SE	193,0	193,0	-	4.468	3.325	(25,6)	862,4	641,7	(25,6)
BA	3.013,8	3.126,6	3,7	2.681	2.559	(4,5)	8.081,1	8.001,4	(1,0)
CENTRO-OESTE	24.963,6	25.311,0	1,4	4.144	3.997	(3,5)	103.449,8	101.169,2	(2,2)
MT	15.119,1	15.342,1	1,5	4.100	3.962	(3,4)	61.986,5	60.784,4	(1,9)
MS	4.441,3	4.501,4	1,4	4.229	4.028	(4,8)	18.784,2	18.130,3	(3,5)
GO	5.241,5	5.305,1	1,2	4.173	4.034	(3,3)	21.873,1	21.399,3	(2,2)
DF	161,7	162,4	0,4	4.985	5.266	5,6	806,0	855,2	6,1
SUDESTE	5.486,0	5.408,9	(1,4)	4.221	4.070	(3,6)	23.157,8	22.015,6	(4,9)
MG	3.372,7	3.270,0	(3,0)	4.175	4.051	(3,0)	14.080,0	13.247,4	(5,9)
ES	24,0	24,0	-	2.058	1.942	(5,7)	49,4	46,6	(5,7)
RJ	4,8	4,5	(6,3)	1.938	1.933	(0,2)	9,3	8,7	(6,5)
SP	2.084,5	2.110,4	1,2	4.327	4.129	(4,6)	9.019,1	8.712,9	(3,4)
SUL	19.653,8	19.631,6	(0,1)	4.242	3.891	(8,3)	83.374,5	76.376,9	(8,4)
PR	9.734,1	9.771,9	0,4	4.201	3.847	(8,4)	40.894,2	37.592,8	(8,1)
SC	1.312,8	1.277,1	(2,7)	5.304	4.654	(12,3)	6.963,7	5.943,9	(14,6)
RS	8.606,9	8.582,6	(0,3)	4.127	3.826	(7,3)	35.516,6	32.840,2	(7,5)
NORTE/NORDESTE	10.787,3	11.106,6	3,0	2.571	2.429	(5,5)	27.733,6	26.972,7	(2,7)
CENTRO-SUL	50.103,4	50.351,5	0,5	4.191	3.963	(5,4)	209.982,1	199.561,7	(5,0)
BRASIL	60.890,7	61.458,1	0,9	3.904	3.686	(5,6)	237.715,7	226.534,4	(4,7)

Legenda: (*) Produtos selecionados: Carozo de algodão, amendoim (1º e 2º safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1º, 2º e 3º safras), girassol, mamona, milho (1º e 2º safras), soja, sorgo, trigo e triticale.
 Fonte: Conab.
 Nota: Estimativa em dezembro/2017.





6. CRÉDITO RURAL

O crédito rural é importante para compreender o comportamento e a intenção dos produtores rurais no financiamento da safra agrícola. O crédito utilizado pelo produtor tem como origem o sistema financeiro e outros agentes econômicos.

As informações a seguir têm origem no Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (Sicor), que disponibiliza informações acerca de variados produtos, dentre eles os presentes nesse levantamento, como valores, quantidades, programas de custeio por região e Unidade da Federação. Nesse sentido, em 10 de novembro de 2017, foram extraídas as informações atualizadas até outubro de 2017 no endereço eletrônico do Banco Central do Brasil na internet.

As informações utilizadas para esse documento são dos recursos oriundos do crédito ofertado do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), do Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor Rural (Pronamp) e na modalidade Sem Vínculo a Programa Específico.

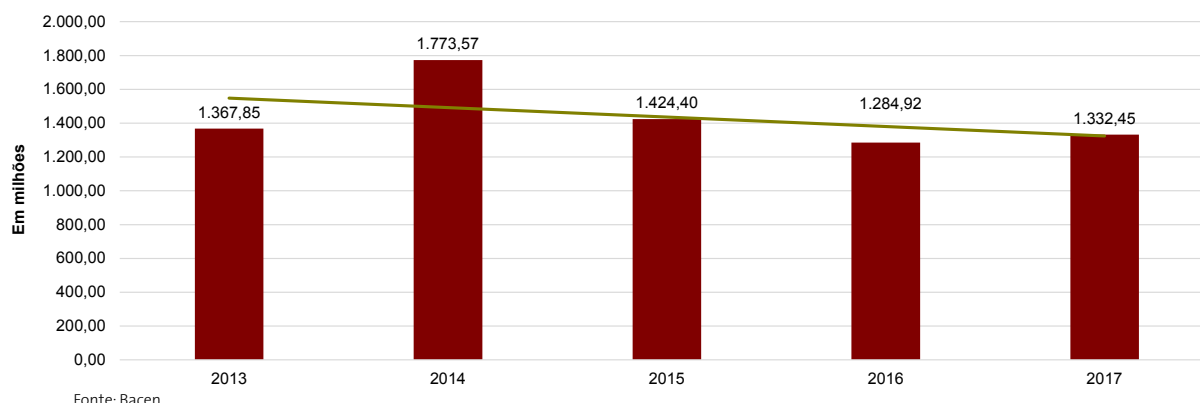
No acumulado, janeiro a outubro, o valor observado é de R\$ 49,19 bilhões, 10,41% superior ao montante utilizado no mesmo período no exercício de 2016 (44,55 bilhões de reais). As análises que serão observadas nesse espaço se referem ao algodão, o feijão, o milho e a soja.

6.1. A CULTURA DO ALGODÃO

O financiamento de custeio para a cultura do algodão ocorre, prioritariamente, via aporte Sem Vínculo a Programa Específico, o que ratifica a sua característica ser de uso intensivo de alta tecnologia e presença de grandes produtores.

O Gráfico 1 apresenta os valores acumulados de janeiro a outubro para o algodão, apresentando retomada de aporte entre 2016 e 2017, com variação observada de 3,70%.

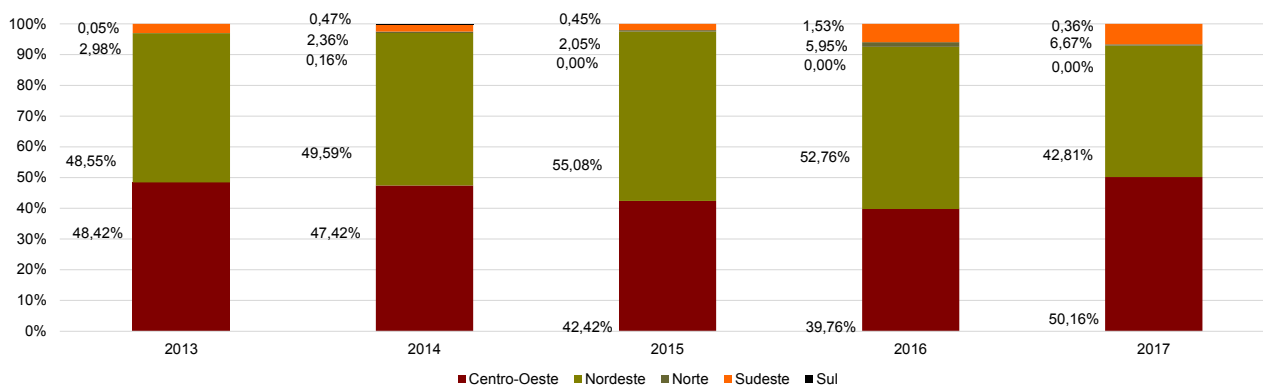
Gráfico 34 - Total de Aporte – Algodão – Janeiro a outubro



Além disso, a cultura da fibra está fortemente concentrada na Bahia e Mato Grosso, corroborando as informações apresentadas no Gráfico 2, a qual apresenta

as distribuições do aporte do algodão nas regiões brasileiras. Em 2017, o Centro-Oeste apresenta 37,44% de crescimento em relação ao ano de 2016.

Gráfico 35 - Distribuição do Aporte – Algodão – Janeiro a outubro



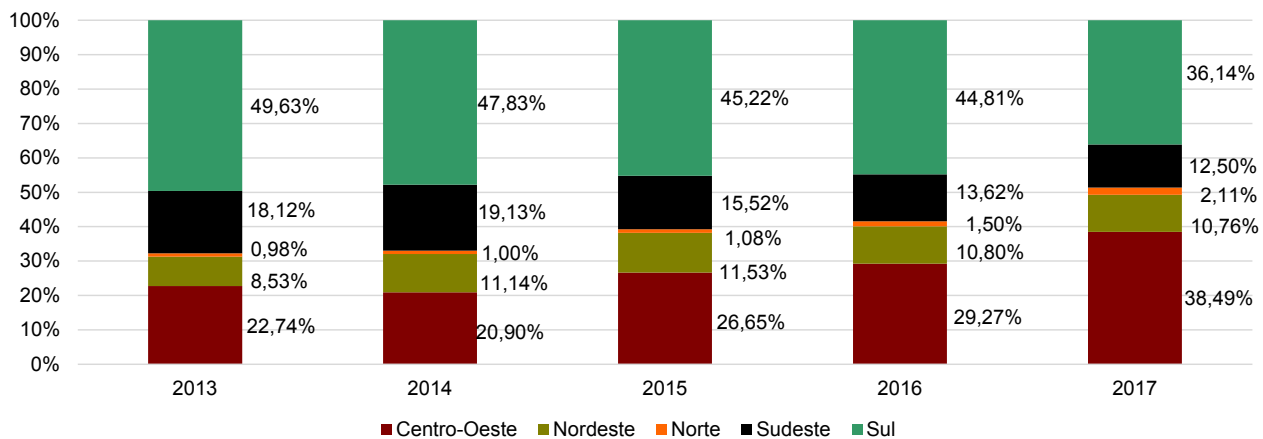
6.2. A CULTURA DO MILHO

O Gráfico 3 apresenta a distribuição do crédito pelas regiões brasileiras entre 2013 e 2017 (janeiro a outubro), apresentando forte participação das Regiões

Centro-Oeste, Sul e Sudeste. O plantio do milho primeira safra é concentrado nessas regiões tradicionalmente.



Gráfico 36 - Distribuição do aporte – Milho - Regiões – Janeiro a outubro – 2013 a 2017

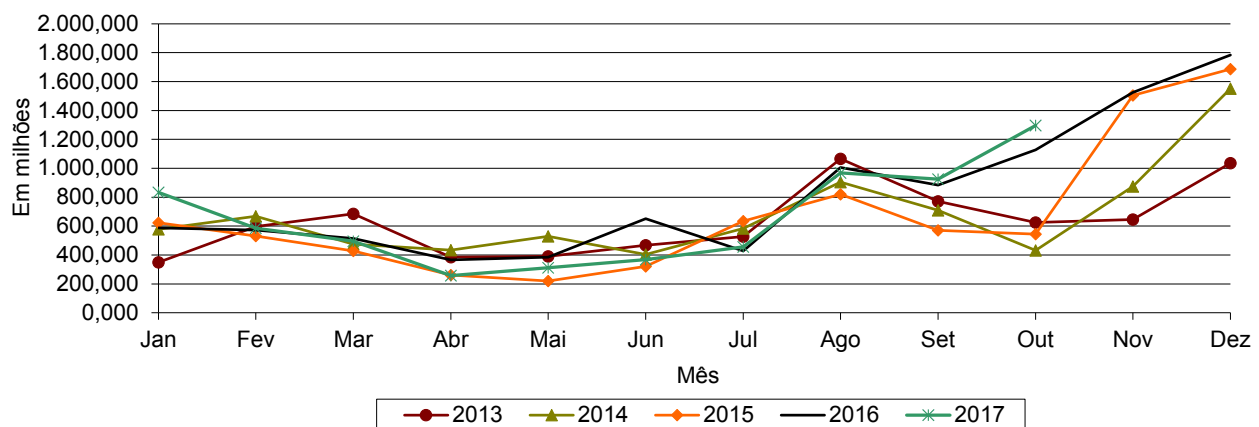


Fonte: Bacen.

No ano de 2017 – janeiro a outubro - os recursos utilizados no custeio de milho atingiram o montante de 6,5 bilhões de reais. O comportamento do crédito em 2017 é de pequena redução, de 0,6% em relação ao mesmo período de 2016.

Para outubro de 2017 foi observado o maior valor para o mês na análise em questão. Conforme apresentado no Gráfico 4, o valor observado foi de 1,3 bilhão, 15% maior do que o observado em outubro de 2016.

Gráfico 37 - Total de investimentos – Milho – Janeiro a outubro – 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

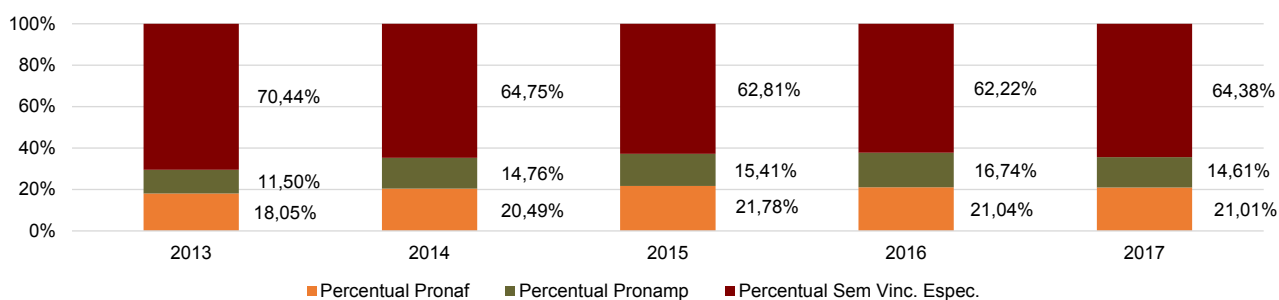
6.3. A CULTURA DO FEIJÃO

A cultura do feijão possui três distintas safras e ocorre em todas as regiões brasileiras. Isso posto, em distintos momentos do calendário, é possível encontrar plantio e colheita de feijão em diversas regiões brasi-

leiras. A distribuição do aporte para a cultura do feijão é prioritariamente realizada Sem Vínculo a Programa Específico, conforme verificado no Gráfico 5.



Gráfico 38 - Distribuição do aporte – Janeiro a outubro– 2013 a 2017.



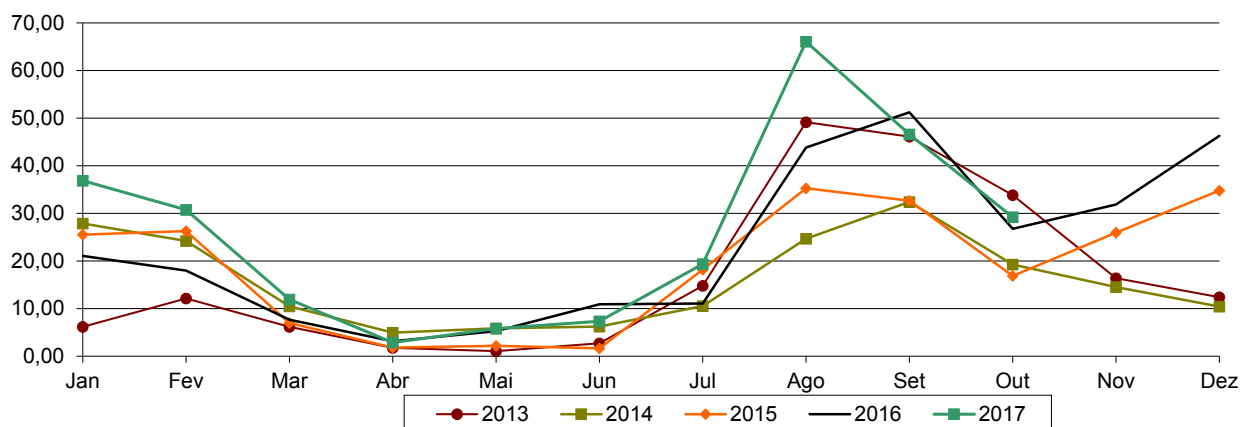
Fonte: Bacen.

Deve-se registrar que o plantio de feijão é realizado por pequenos produtores e agricultores familiares que, na maioria das vezes, não se utiliza de crédito para a produção.

No Gráfico 6, observam-se os valores aportados, men-

salmente, para a Região Sul, de 2013 até 2017. Verifica-se crescimento nas quantidades alocadas, nessa cultura, no ano de 2017. Além disso, ratifica-se esse comportamento com o valor acumulado de janeiro a outubro no valor de 256 milhões de reais, 29% maior que o mesmo valor observado em 2016.

Gráfico 39 - Total do aporte – Feijão – Região Sul– Janeiro a outubro – 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

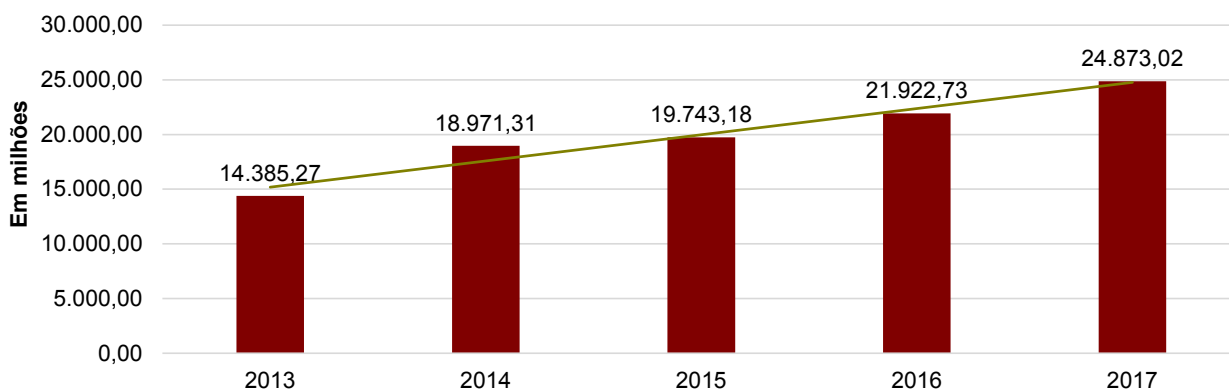
6.4. A CULTURA DA SOJA

A cultura da soja possui características no escopo de toda a produção de grãos brasileira. É destaque na produção nacional de grãos, é um dos principais produtos na balança comercial brasileira, além de ser responsável por crescentes ganhos no contexto do agronegócio nacional.

O aumento da demanda desse grão e seus produtos é observado no crescimento da sua produção e, conseqüentemente, incrementos nos valores aportados para essa cultura. O gráfico 7 nos indica o aumento no uso do crédito em 2017 para a cultura da soja. Deve-se ressaltar que o valor é o maior na série em análise. O incremento é de, aproximadamente, 13,46% em relação ao ano passado.



Gráfico 40 - Total do aporte – Soja – Janeiro a setembro – 2013 a 2017

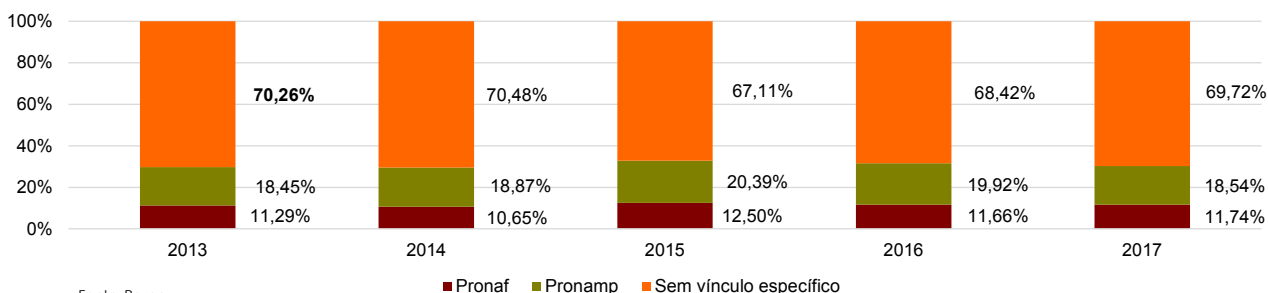


Fonte: Bacen.

O aporte para custeio da soja é prioritariamente efetuado Sem Vínculo a Programa Específico, evidenciando a maior participação de grandes produtores com

utilização de tecnologias e constantes aprimoramentos no plantio. O Gráfico 8 apresenta a constante participação no tipo de produtor supracitado.

Gráfico 41 - Distribuição do aporte – Soja – Janeiro a outubro – 2013 a 2017

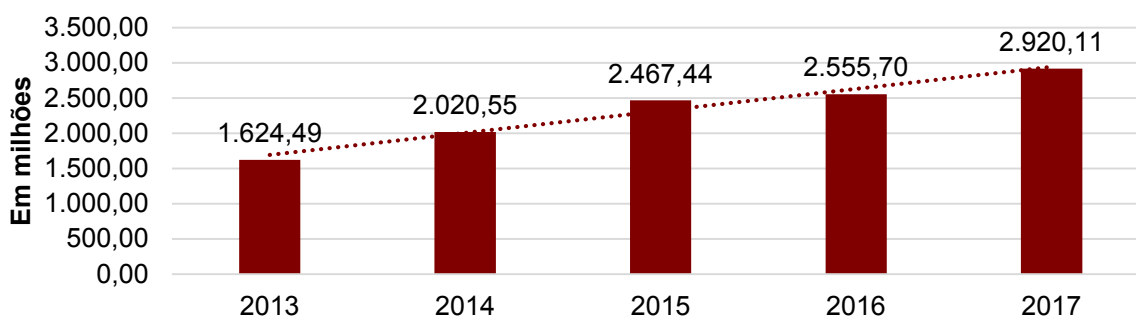


Fonte: Bacen.

É importante destacar o fato do crescimento de 13,46% no total de aporte supracitado estar diluído em todos os tipos de financiamento. Conforme verificado nos Gráficos 9, 10 e 11; tanto no Pronaf, no Pronamp e na

perspectiva Sem Vínculo a Programa Específico, observam-se crescimentos de, aproximadamente 14%; 5% e 16%, respectivamente.

Gráfico 42 - Total de aporte – Soja – Pronaf - Janeiro a outubro – 2013 a 2017



Fonte: Bacen.



Gráfico 43 - Total de aporte – Soja – Pronamp - Janeiro a outubro – 2013 a 2017

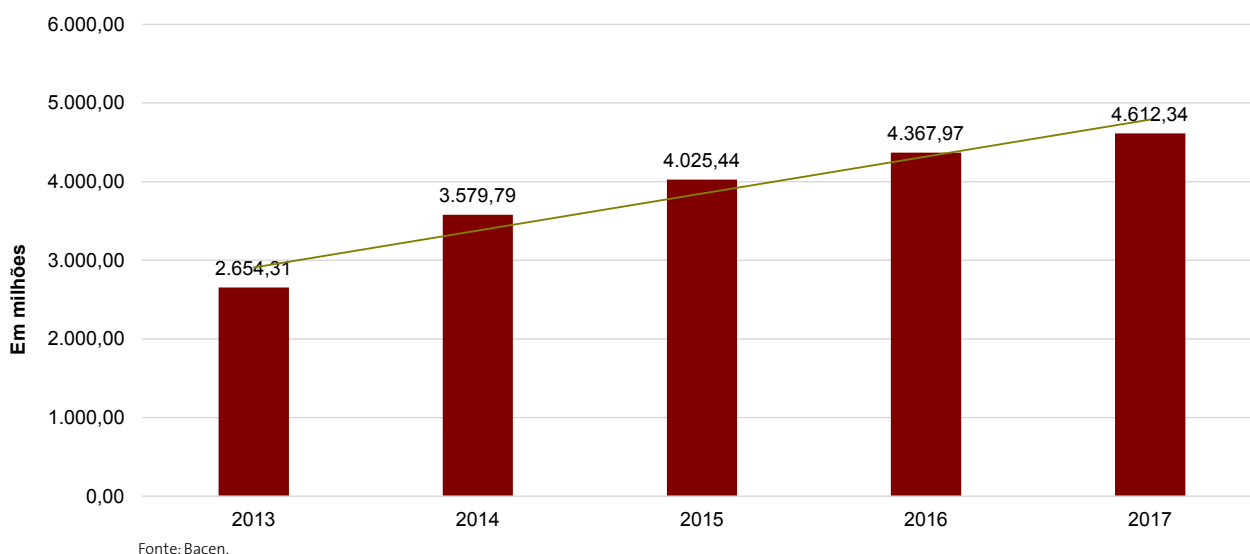
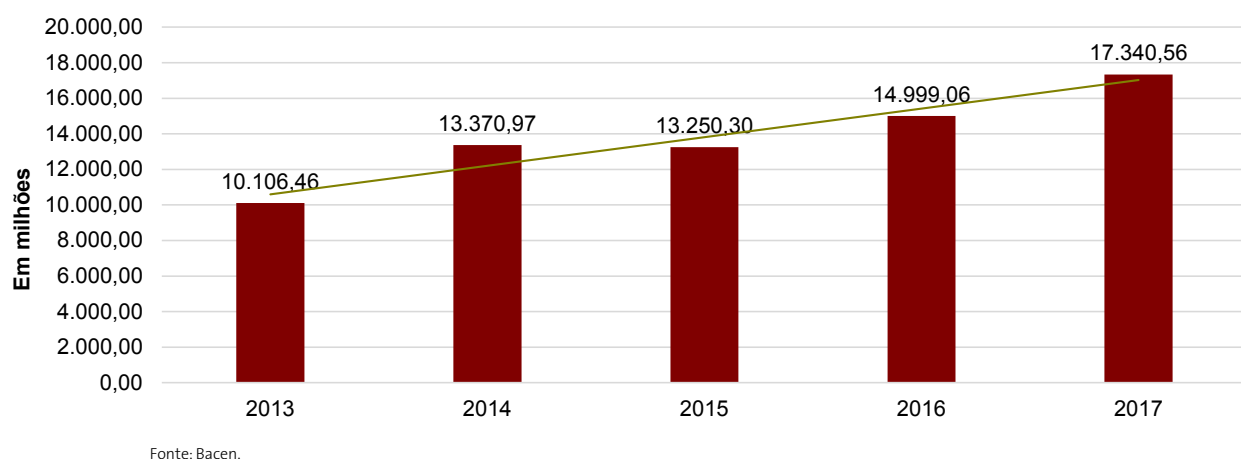


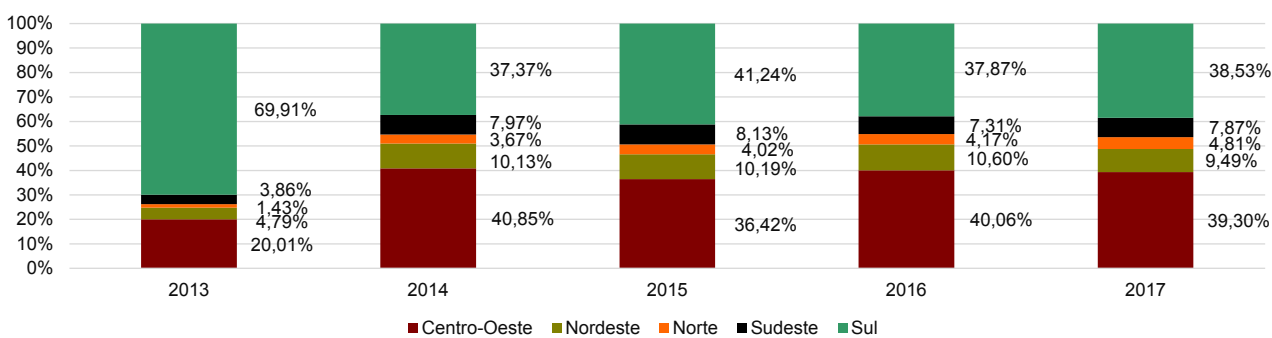
Gráfico 44 - Total de aporte – Soja – Sem Vínculo a Programa Específico - Janeiro a outubro – 2013 a 2017



Além disso, outro enfoque na análise dos valores aportados para a soja consiste nas visões das distintas regiões produtoras. As Regiões do Centro-Oeste e do Sul são as principais produtoras de soja no Brasil.

No Gráfico 12, observa-se que, de fato, essas regiões são aquelas com os maiores percentuais de valores aportados no custeio.

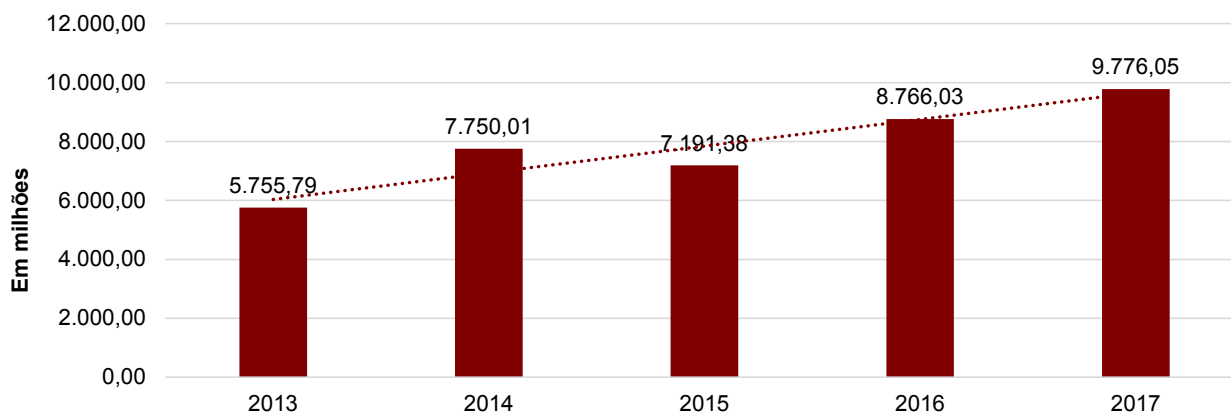
Gráfico 45 - Distribuição do aporte – Soja - Janeiro a outubro – 2013 a 2017



A Região Centro-Oeste é responsável por grande parte da produção brasileira de soja. Isso posto, é interessante apresentar informações detalhadas das Unidades da Federação dessa região. Para isso, verifica-se

no Gráfico 13 os valores totais aportados (acumulado de Janeiro a outubro), de 2013 a 2017, com expressivo aumento de 60% quando comparados os valores de 2017 e 2016.

Gráfico 46 - Distribuição do aporte – Centro-Oeste - Soja - Janeiro a outubro – 2013 a 2017

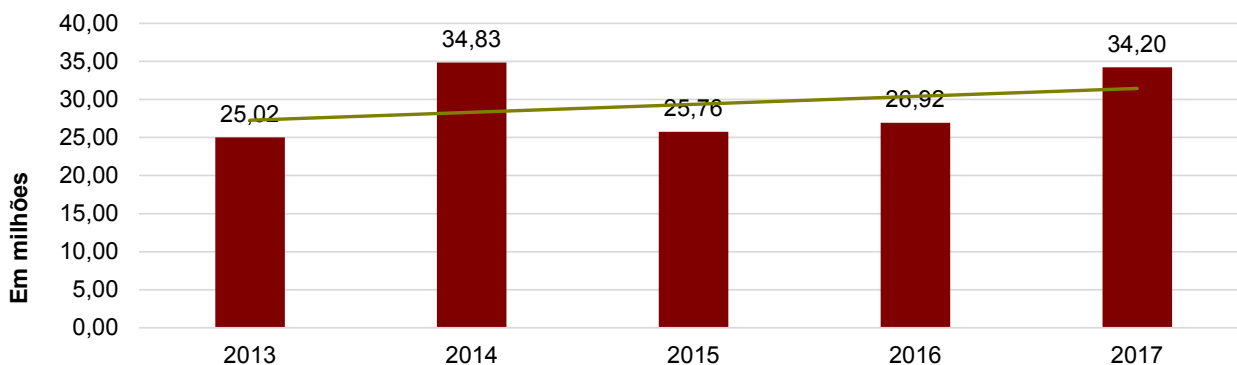


Fonte: Bacen.

Além disso, em todas as Unidades da Federação dessa região brasileira são observados aumentos, conforme

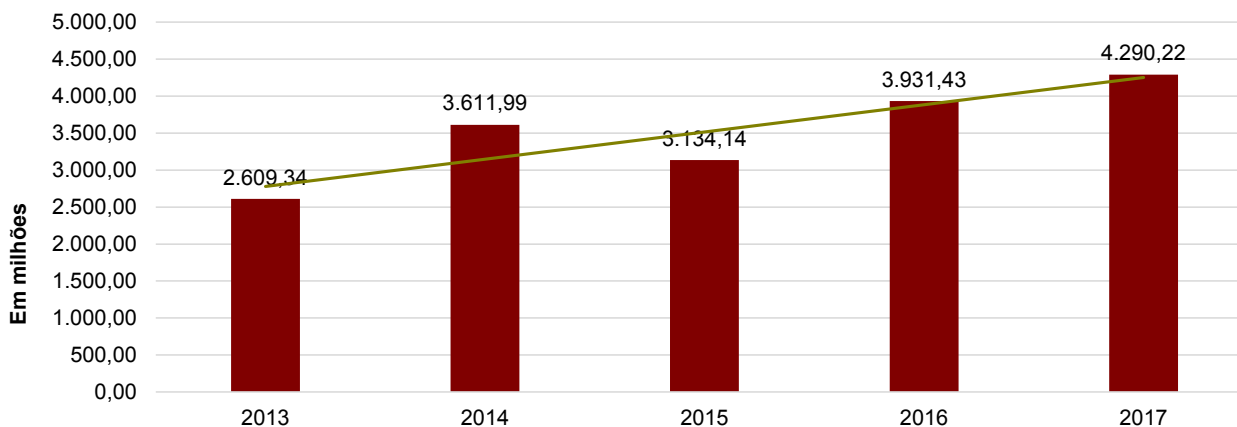
apresentados nos Gráficos 14, 15, 16 e 17..

Gráfico 47 - Total de aporte – Distrito Federal - Soja - Janeiro a outubro – 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

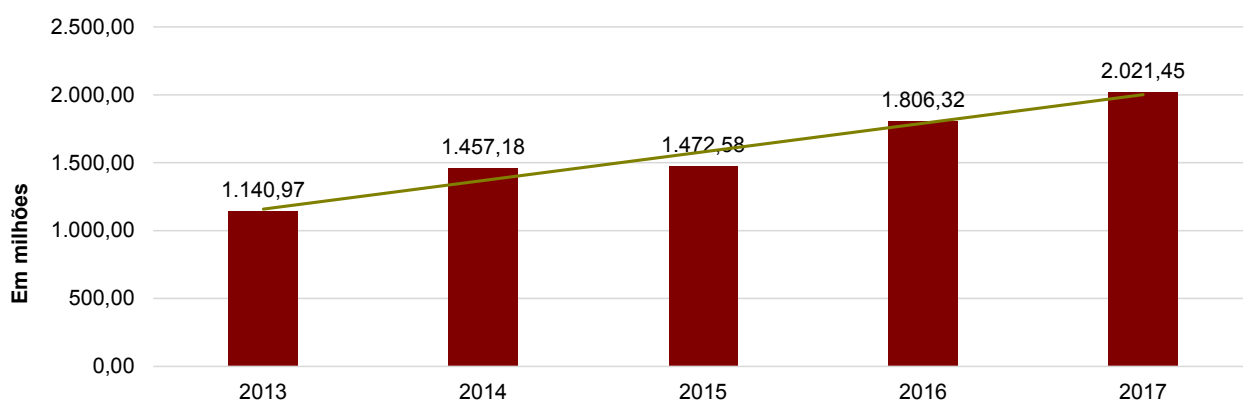
Gráfico 48 - Total de aporte – Mato Grosso- Soja - Janeiro a outubro – 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

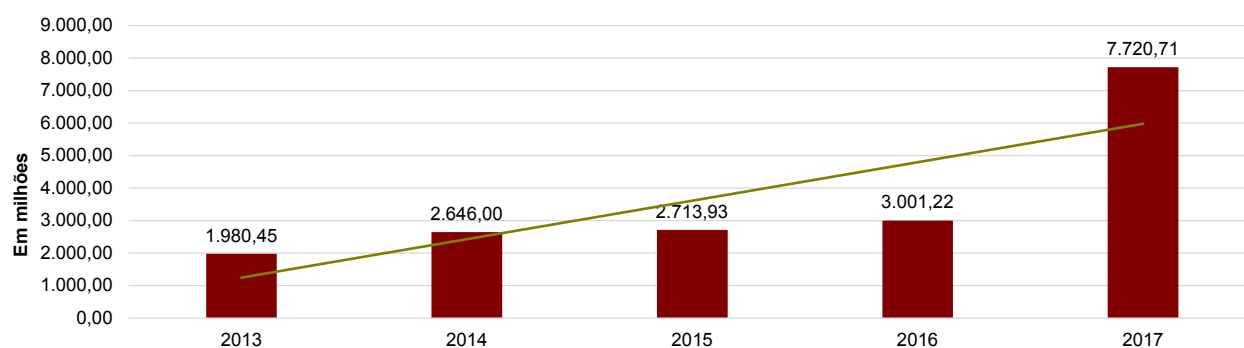


Gráfico 49 - Total de aporte – Mato Grosso do Sul- Soja - Janeiro a outubro – 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

Gráfico 50 - Total de aporte – Goiás - Soja - Janeiro a outubro – 2013 a 2017



Fonte: Bacen.





7. ANÁLISE CLIMÁTICA¹ - INMET

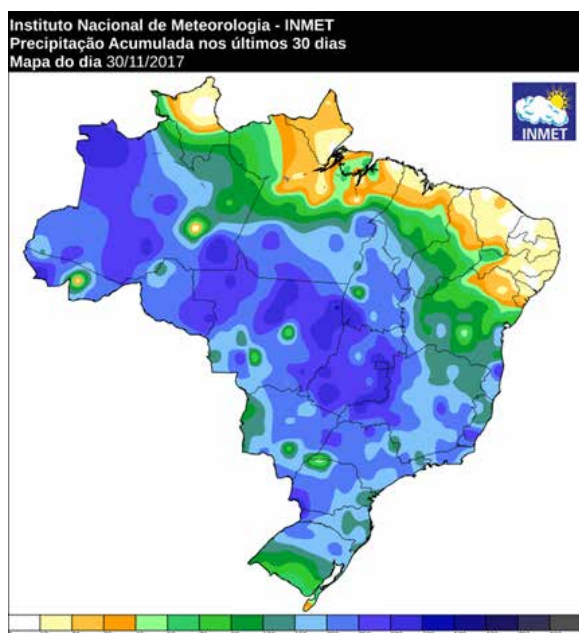
7.1. ANÁLISE CLIMÁTICA DE NOVEMBRO

Após um início de período chuvoso, com volumes abaixo da média na maioria das regiões produtoras do Centro-Norte do Brasil, novembro termina com volumes de chuva bem mais expressivos (Figura 1), atingindo ou ultrapassando a média em grande parte das Regiões Centro-Oeste, Sudeste e no Matopiba. Nessa última, os maiores volumes ocorreram principalmente em Tocantins. Em Porto Nacional, por exemplo, o volume total, com quase 200 mm, foi muito próximo à média histórica de novembro, que é de 207 mm (Figura 2). Contudo, algumas localidades, como em Barreira, no oeste baiano, os volumes foram menores e ficaram abaixo da média. No Centro-Oeste, destaca-se Goiás, com volumes entre 200 e 400 mm. Na localidade de Jataí, o total de 395 mm foi bem acima da média de 178 mm. No Sudeste, os volumes entre 120 e 250 mm foram, predominantemente, dentro da faixa normal do período.

Na Região Sul, a maior parte do território contabilizou volumes entre 120 e 250 mm, atingindo ou ultrapassando a faixa normal do período, como na cidade de Londrina, no Paraná, onde o acumulado foi de aproximadamente 250 mm, significativamente acima dos 134 mm da média do mês nessa localidade. Apenas no sul do Rio Grande do Sul, as chuvas foram mais irregulares, resultando em totais bem mais modestos, entre 30 e 90 mm, ficando abaixo da média do período em alguns municípios.

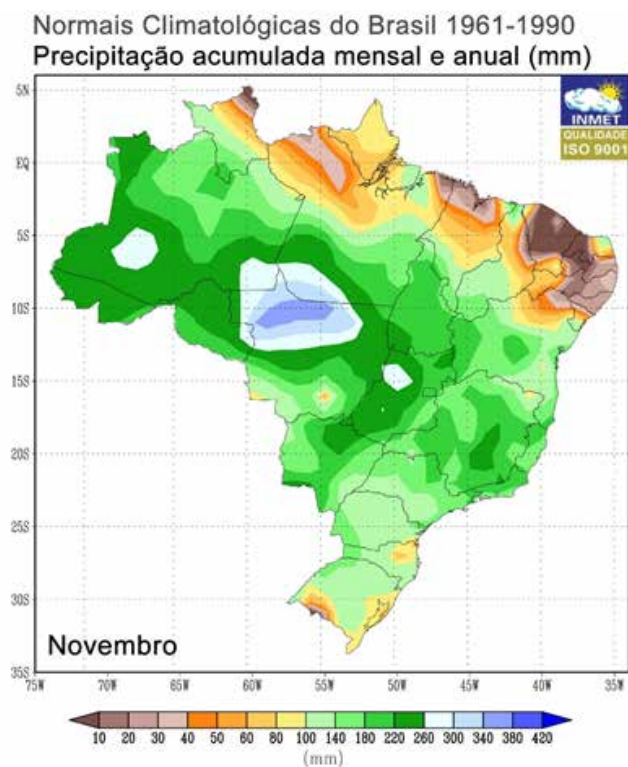
¹ Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista do Inmet-Brasília

Figura 1 - Acumulado da precipitação pluviométrica em novembro de 2017 no Brasil



Fonte: Inmet.

Figura 2 - Normal climatológica de precipitação do mês de novembro.



Fonte: Inmet.



7.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

O mapa de anomalias da temperatura na superfície do mar (TSM) da segunda quinzena de novembro (Figura 3) mostra um predomínio de áreas com anomalias negativas em torno de $-1,5\text{ }^{\circ}\text{C}$ no Oceano Pacífico Equatorial, principalmente na sua porção mais a oeste. Nos últimos dois meses, essa região oceânica tem apresentado alguma oscilação, porém mantendo sempre valores negativos de desvio em torno de $1\text{ }^{\circ}\text{C}$, como observado no gráfico de índice diário da região 3.4 do El Niño (entre 170°W - 120°W) até o dia 4 de dezembro (Figura 4). Tal persistência é característica de formação de La Niña, o que reforça a possibilidade de um novo episódio do fenômeno ter se iniciado em novembro de 2017.

Para se considerar a atuação de um La Niña, o índice tem que persistir com valor negativo de pelo menos meio grau por alguns meses seguidos. A faixa de neutralidade está entre $+0,5$ e $-0,5\text{ }^{\circ}\text{C}$.

As anomalias positivas de TSM no Atlântico Sul próximo à costa do Rio Grande do Sul e do Uruguai perderam intensidade e ficaram dentro da normalidade na segunda quinzena de novembro, reduzindo o fluxo de umidade do oceano em direção ao continente e, consequentemente, contribuindo para uma redução no volume total de chuvas em relação ao mês anterior no estado gaúcho.

Figura 3 - Mapa de anomalias da TSM no período 16 a 30 de novembro/2017

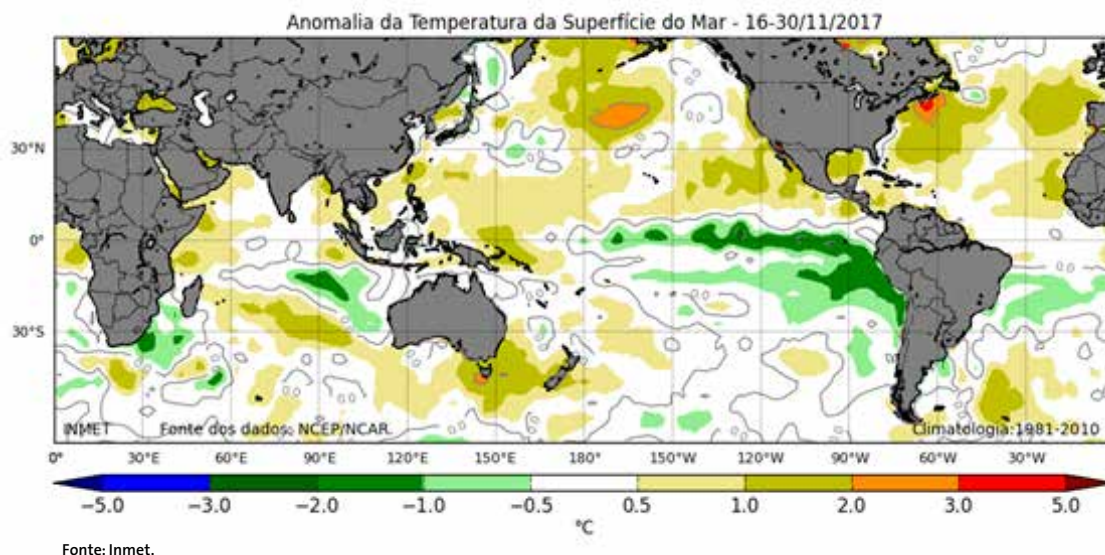
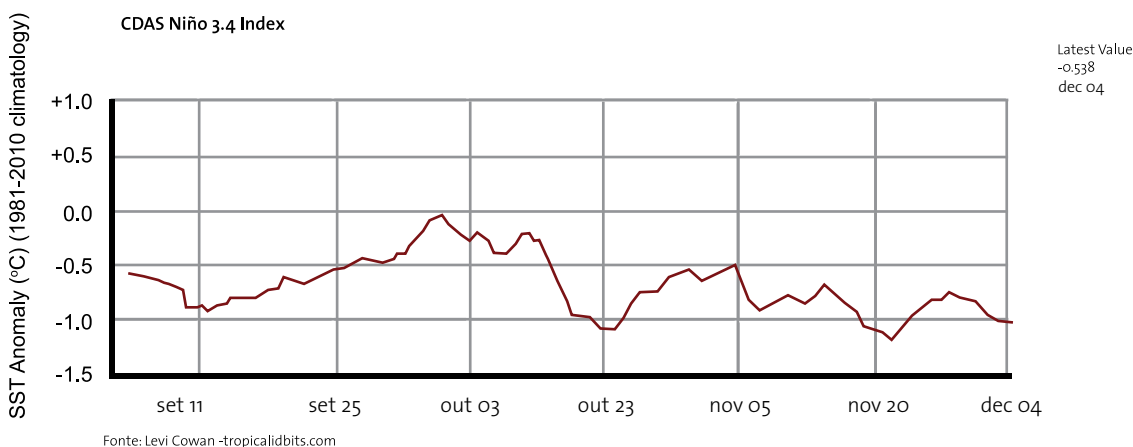


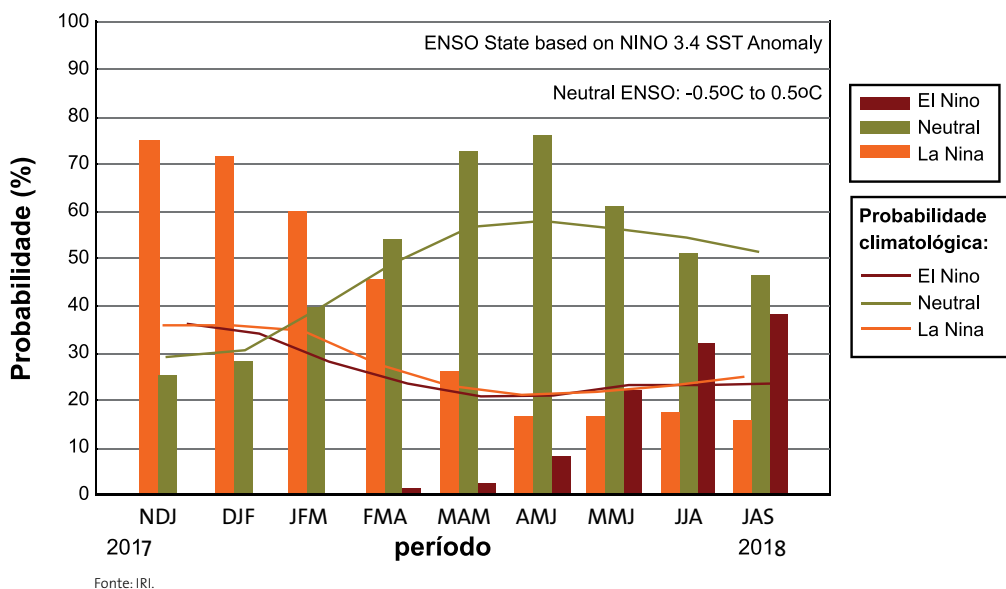
Gráfico 51 - Gráfico de monitoramento do índice diário de El Niño/La Niña 3.4.



A média dos modelos de previsão de El Niño/La Niña do IRI (Research Institute for Climate and Society) apresenta maior probabilidade de ocorrência de um La Niña, até início de 2018 (Figura 5). Com base nas saídas dos modelos e nas condições térmicas observadas no Oceano Pacífico, há significativa chance de que essa La Niña seja de intensidade moderada ou fraca e

de curta duração. Devido às oscilações das temperaturas na superfície do Pacífico Equatorial, esses prognósticos devem ser vistos com cautela, seguidos de acompanhamento constante das condições térmicas em outras áreas oceânicas, como no Atlântico, e das atualizações dos modelos de previsão de TSM.A

Gráfico 52 - Previsão probabilística do IRI para ocorrência de El Niño ou La Niña



7.3. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – PERÍODO DEZEMBRO/2017-JANEIRO-FEVEREIRO/2018

Os modelos de previsão climática indicam para a Região Sul maior probabilidade de que as chuvas ficarão dentro da faixa normal ou abaixo na maioria das localidades (Figura 6), principalmente no Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Para o Paraná, as probabilidades indicam chuvas dentro da faixa normal ou acima. O início do trimestre deve apresentar baixa pluviometria em toda a região, principalmente em de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste, o modelo do Inmet apresenta grande variabilidade espacial nas probabilidades. Há áreas com maior probabilidade de precipitação acima ou dentro da faixa normal nos estados do Mato Grosso, Espírito Santo, São Paulo e no Distrito Federal. Também há possibilidade de chuvas abaixo ou dentro da faixa normal em parte de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso do Sul, porém com

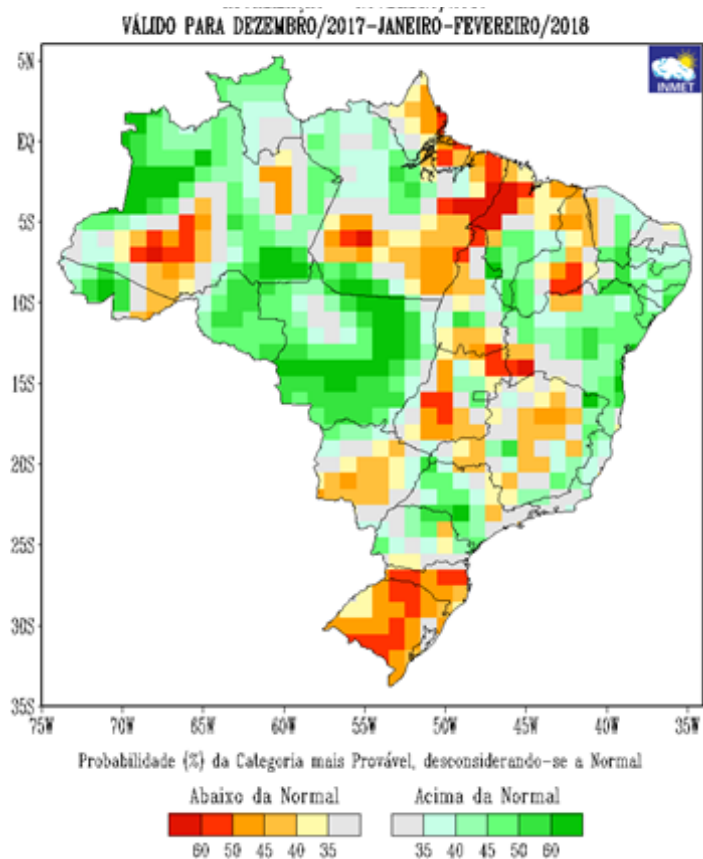
desvios negativos não muito acentuados. Ressalta-se, ainda, que para este período a habilidade do modelo do Inmet é baixa nessas duas regiões.

Na Região Nordeste e no Matopiba, o prognóstico climático indica que pode haver considerável variação na distribuição espacial da precipitação, com predomínio de áreas com chuvas acima da média. Há maior probabilidade de chuvas acima da faixa normal do trimestre em quase toda a Bahia e na maioria das localidades do Matopiba. No norte do Piauí e do Maranhão, a probabilidade maior é de que os volumes acumulados fiquem dentro da faixa normal ou abaixo (Figura 5). Em dezembro as chuvas devem ser especialmente intensas na Bahia e em Tocantins.

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do sítio do Inmet (www.inmet.gov.br).



Figura 4 - Previsão probabilística de precipitação do modelo estatístico do Inmet para o trimestre Novembro e dezembro de 2017 e janeiro de 2018



Fonte: Inmet.





8. ANÁLISE DAS CULTURAS

8.1 CULTURAS DE VERÃO

8.1.1. ALGODÃO

A terceira intenção de plantio da lavoura de algodão aponta para crescimento na área de 11% em relação ao exercício anterior, com a área saindo de 939,1 mil hectares no ano passado, para 1.042,4 mil na safra atual. A comercialização da safra 2016/17, aliada às boas perspectivas atuais de mercado, vêm gerando um ambiente de otimismo no setor produtivo.

A Região Centro-Oeste, principal produtora da fibra, está estimada apresentar crescimento na área plantada, de 3,2%, quando comparada com o exercício anterior. Em Mato Grosso, maior produtor nacional, após a boa safra 2016/17, a tendência é de incremento de área na atual temporada. Apesar do pequeno atraso na semeadura da soja, o plantio do algodão não deverá sofrer alteração em seu cronograma uma vez que as áreas destinadas à fibra são semeadas sobre áreas de soja de ciclo mais curto, cuja colheita ocorre em janeiro, coincidindo com o período ideal para o plantio do algodoeiro, com janela ideal de plantio entre início de janeiro e 15 de fevereiro.

Em Mato Grosso do Sul houve forte incremento da área devido às boas perspectivas de mercado. Os problemas climáticos ocorridos nos Estados Unidos contribuíram para isso. Estima-se, até o momento uma área de 30 mil hectares, um valor 5% maior em relação ao da safra anterior. A cultura já foi plantada nos municípios de Aral Moreira e Sidrolândia, uma vez que nesses municípios

já terminou o período do vazio sanitário. Em ambos municípios, a cultura está nas fases de desenvolvimento vegetativo e início da floração. A cultura é plantada prioritariamente com recursos próprios e alto aporte tecnológico. Estima-se que 60% da área plantada ocorre no sistema de agricultura de precisão.

Em Chapadão do Sul e Costa Rica, maiores produtores da cultura no estado, o vazio sanitário compreende 15 de setembro e 30 de novembro. A partir de dezembro inicia-se o plantio do algodão denominado de primeira safra, maior área plantada no estado, e a partir da segunda quinzena de janeiro, o algodão segunda safra.

Em Goiás, estima-se que as condições climáticas permaneçam favoráveis até dezembro, o que sugere a possibilidade de manutenção da área plantada de algodão verão. Nas últimas safras a cultura teve sua área plantada ampliada, ação subsequente à colheita da soja no uso das suas variedades precoces. A maior parte das áreas em Goiás é cultivada na segunda safra. No momento o foco dos produtores é o plantio de soja e feijão nessas áreas, que num segundo momento, receberão a cultura do algodão. No sul do estado a data dos primeiros plantios da safra verão está previsto ter início no dia 5 de dezembro. Na parte leste, o período de vazio sanitário para a cultura do algodão se encerrou no dia 30 de outubro de 2017, dependendo tão somente da normalização do período chuvoso para início do plantio. Ocorrerá uma transferência significativa de área de cultivo do município de Luziânia para Cristalina onde existe somente dois produtores para a cultura do algodão.

Na Região Sudeste, o cultivo de algodão deverá apresentar forte crescimento percentual, ora estimado em 48,9%, quando comparado com o do exercício passado. Em Minas Gerais, a cotonicultura continua em acessão, de forma que se projeta aumento na área plantada de 35,3% em relação à safra anterior. Ainda que prematura, a estimativa de crescimento reflete os bons preços alcançados ao longo de 2017, assim como as boas expectativas de mercado para a safra atual. Com a portaria do vazio sanitário do IMA, vigorando até meados de novembro, as informações de plantio só se confirmarão no início de dezembro, contudo, já se observa, neste levantamento, intenso movimento de máquinas para preparo de solo.

Em São Paulo, no município de Avaré e adjacências, houve uma significativa retomada na área plantada

com a fibra. De acordo com a cooperativa Holambra, o interesse pela cultura nessa safra está diretamente ligado aos preços praticados na comercialização passada e que teve continuidade nessa, informando que para esse exercício já negociou toda a produção estimada, fato que estimulou os produtores na retomada pela cultura. O plantio já foi totalmente realizado e a colheita deverá ser antecipada, estando prevista para começo de abril de 2018. Outro fato novo para o algodão produzido no estado é o uso do equipamento utilizado para a colheita (rolo), que até então não era usual na região e para essa safra os produtores se organizaram arrendando os equipamentos para otimizarem o sistema de colheita. Segundo os produtores locais, o equipamento será deslocado da Região Centro-Oeste.

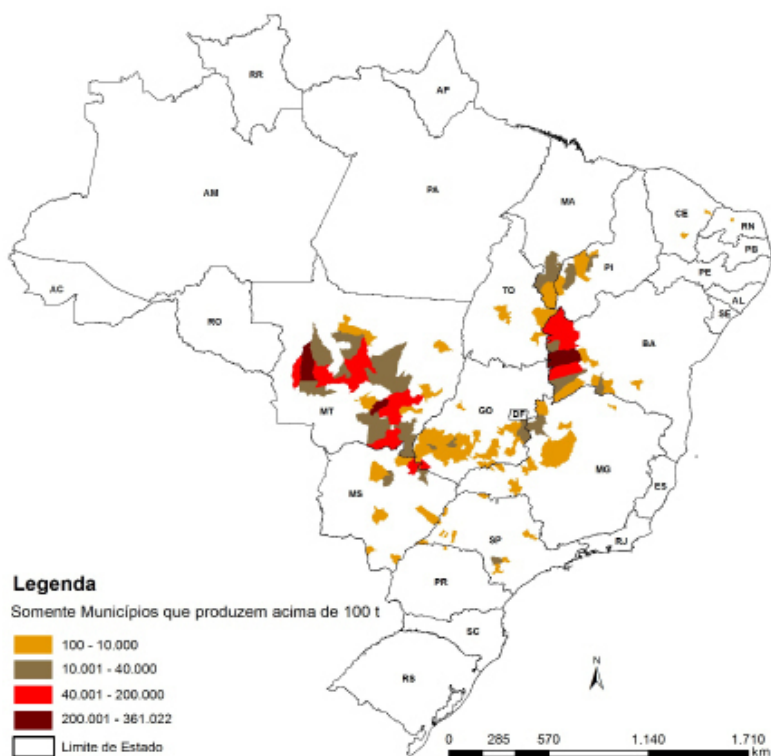
Na Região Nordeste, segunda maior produtora do país, a tendência é de forte aumento na área plantada, atingindo 31,6% em relação ao plantio passado. Com isso, os produtores irão recuperar as áreas que deixaram de ser cultivadas com algodão e cedidas para a soja, nas duas últimas safras.

Na Bahia, a estimativa de área para a safra 2017/18 é de 271,8 mil hectares, com produtividade prevista de 3.957 Kg/ha de algodão em caroço. No extremo oeste, a área de plantio para o algodão está estimada entre 255,2 e 264,8 mil hectares, que deverá crescer em torno de 36,5% em relação à área cultivada na safra passada. Essa estimativa de crescimento se deve aos bons resultados da safra que findou e ao otimismo gerado no ambiente da cotonicultura. Os plantios foram iniciados a partir de 20 de novembro, com o fim do vazio sanitário, cujo programa de combate à praga do bicudo do algodoeiro estabeleceu o vazio sanitário de 20 de setembro a 20 de novembro. A produção de algodão ocorre nas mesorregiões extremo oeste e centro sul baiano.

No Maranhão, os cultivos de algodão herbáceo concentram-se nos municípios de Alto Parnaíba, Balsas e Tasso Fragoso, todos pertencentes ao bioma cerrado. O município de Balsas vem experimentando o cultivo do algodão segunda safra, com resultados relativamente satisfatórios. A área plantada, nessa safra, deve totalizar 25,5 mil hectares, representando um incremento de 13,3% em relação à safra anterior, com uma estimativa de produção de 105,1 mil toneladas de algodão em caroço, confirmando-se os dados obtidos na pesquisa anterior.



Figura 5 - Mapa da produção agrícola - Algodão



Fonte: Conab/BGE.

Quadro 1 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Algodão

UF	Mesorregiões	Algodão											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra	C			P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
	Sul Maranhense - 2ª Safra	C	C			P	G/DV	DV	F	F/FR	FR/M	M	M/C
PI	Sudoeste Piauiense	C			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano	C		P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
	Centro Sul Baiano	C		P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
MG	Noroeste de Minas			PP	P/G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba			PP	P/G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra				P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra				P/G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
MT	Norte Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
GO	Leste Goiano - 1ª Safra			PP	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Leste Goiano - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Sul Goiano - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sul Goiano - 2ª Safra					P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 5 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em caroço

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,3	7,0	(4,1)	3.540	3.499	(1,2)	25,8	24,5	(5,0)
RR	2,5	2,5	-	4.200	4.000	(4,8)	10,5	10,0	(4,8)
TO	4,8	4,5	(6,3)	3.196	3.220	0,8	15,3	14,5	(5,2)
NORDESTE	230,8	303,8	31,6	4.226	3.961	(6,3)	975,3	1.203,4	23,4
MA	22,5	25,5	13,3	3.915	4.122	5,3	88,1	105,1	19,3
PI	5,6	5,4	(4,1)	3.514	3.851	9,6	19,7	20,8	5,6
CE	0,4	0,4	-	1.083	625	(42,3)	0,4	0,3	(25,0)
RN	0,3	0,3	-	4.461	4.652	4,3	1,3	1,4	7,7
PB	0,4	0,4	-	819	669	(18,3)	0,3	0,3	-
BA	201,6	271,8	34,8	4.293	3.957	(7,8)	865,5	1.075,5	24,3
CENTRO-OESTE	682,6	704,2	3,2	4.042	4.113	1,8	2.758,9	2.896,7	5,0
MT	627,8	648,5	3,3	4.027	4.100	1,8	2.528,2	2.658,9	5,2
MS	28,6	30,0	5,0	4.350	4.425	1,7	124,4	132,8	6,8
GO	26,2	25,7	(1,9)	4.056	4.087	0,8	106,3	105,0	(1,2)
SUDESTE	18,4	27,4	48,9	3.684	3.615	(1,9)	67,8	99,0	46,0
MG	15,6	21,1	35,3	3.739	3.675	(1,7)	58,3	77,5	32,9
SP	2,8	6,3	125,0	3.377	3.413	1,1	9,5	21,5	126,3
NORTE/NORDESTE	238,1	310,8	30,5	4.205	3.951	(6,0)	1.001,1	1.227,9	22,7
CENTRO-SUL	701,0	731,6	4,4	4.032	4.095	1,5	2.826,7	2.995,7	6,0
BRASIL	939,1	1.042,4	11,0	4.076	4.052	(0,6)	3.827,8	4.223,6	10,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.

Tabela 6 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em pluma

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,3	7,0	(4,1)	1.387	1.371	(1,2)	10,1	9,6	(5,0)
RR	2,5	2,5	-	1.596	1.520	(4,8)	4,0	3,8	(5,0)
TO	4,8	4,5	(6,3)	1.278	1.288	0,8	6,1	5,8	(4,9)
NORDESTE	230,8	303,8	31,6	1.693	1.586	(6,3)	390,7	481,8	23,3
MA	22,5	25,5	13,3	1.566	1.649	5,3	35,2	42,0	19,3
PI	5,6	5,4	(4,1)	1.511	1.656	9,6	8,5	8,9	4,7
CE	0,4	0,4	-	379	219	(42,3)	0,2	0,1	(50,0)
RN	0,3	0,3	-	1.695	1.768	4,3	0,5	0,5	-
PB	0,4	0,4	-	295	241	(18,4)	0,1	0,1	-
BA	201,6	271,8	34,8	1.717	1.583	(7,8)	346,2	430,2	24,3
CENTRO-OESTE	682,6	704,2	3,2	1.615	1.646	1,9	1.102,3	1.159,3	5,2
MT	627,8	648,5	3,3	1.611	1.640	1,8	1.011,3	1.063,5	5,2
MS	28,6	30,0	5,0	1.784	1.814	1,7	49,1	54,4	10,8
GO	26,2	25,7	(1,9)	1.598	1.610	0,8	41,9	41,4	(1,2)
SUDESTE	18,4	27,4	48,9	1.435	1.438	0,2	26,4	39,4	49,2
MG	15,6	21,1	35,3	1.496	1.470	(1,7)	22,7	31,0	36,6
SP	2,8	6,3	125,0	1.317	1.331	1,1	3,7	8,4	127,0
NORTE/NORDESTE	238,1	310,8	30,5	1.683	1.581	(6,0)	400,8	491,4	22,6
CENTRO-SUL	701,0	731,6	4,4	1.610	1.639	1,8	1.128,7	1.198,7	6,2
BRASIL	939,1	1.042,4	11,0	1.629	1.622	(0,5)	1.529,5	1.690,1	10,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.



Tabela 7 – Comparativo de área, produtividade e produção - Carço de algodão

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,3	7,0	(4,1)	2.153	2.128	(1,2)	15,7	14,9	(5,1)
RR	2,5	2,5	-	2.604	2.480	(4,8)	6,5	6,2	(4,6)
TO	4,8	4,5	(6,3)	1.918	1.932	0,7	9,2	8,7	(5,4)
NORDESTE	230,8	303,8	31,6	2.533	2.375	(6,3)	584,6	721,6	23,4
MA	22,5	25,5	13,3	2.349	2.473	5,3	52,9	63,1	19,3
PI	5,6	5,4	(4,1)	2.003	2.195	9,6	11,2	11,9	6,3
CE	0,4	0,4	-	704	406	(42,3)	0,2	0,2	-
RN	0,3	0,3	-	2.766	2.884	4,3	0,8	0,9	12,5
PB	0,4	0,4	-	524	428	(18,3)	0,2	0,2	-
BA	201,6	271,8	34,8	2.576	2.374	(7,8)	519,3	645,3	24,3
CENTRO-OESTE	682,6	704,2	3,2	2.424	2.467	1,8	1.656,6	1.737,4	4,9
MT	627,8	648,5	3,3	2.416	2.460	1,8	1.516,9	1.595,4	5,2
MS	28,6	30,0	5,0	2.567	2.611	1,7	75,3	78,4	4,1
GO	26,2	25,7	(1,9)	2.458	2.477	0,8	64,4	63,6	(1,2)
SUDESTE	18,4	27,4	48,9	2.215	2.177	(1,8)	41,4	59,6	44,0
MG	15,6	21,1	35,3	2.243	2.205	(1,7)	35,6	46,5	30,6
SP	2,8	6,3	125,0	2.060	2.082	1,1	5,8	13,1	125,9
NORTE/NORDESTE	238,1	310,8	30,5	2.522	2.369	(6,1)	600,3	736,5	22,7
CENTRO-SUL	701,0	731,6	4,4	2.419	2.456	1,5	1.698,0	1.797,0	5,8
BRASIL	939,1	1.042,4	11,0	2.445	2.430	(0,6)	2.298,3	2.533,5	10,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.

Tabela 8 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão rendimento

REGIÃO/UF	PRODUÇÃO - (Em mil t)						RENDIMENTO % - PLUMA		
	ALGODÃO EM CARÇO			ALGODÃO EM PLUMA			Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %			
(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d/c)	(e)	(e)	(f)	(f/e)	
NORTE	25,8	24,5	(5,0)	10,1	9,6	(5,0)	39,2	39,2	-
RR	10,5	10,0	(4,8)	4,0	3,8	(5,0)	38,0	38,0	-
TO	15,3	14,5	(5,2)	6,1	5,8	(4,9)	40,0	40,0	-
NORDESTE	975,3	1.203,4	23,4	390,7	481,8	23,3	40,1	40,0	0,2
MA	88,1	105,1	19,3	35,2	42,0	19,3	40,0	40,0	-
PI	19,7	20,8	5,6	8,5	8,9	4,7	43,0	43,0	-
CE	0,4	0,3	(25,0)	0,2	0,1	(50,0)	35,0	35,0	-
RN	1,3	1,4	7,7	0,5	0,5	-	38,0	38,0	-
PB	0,3	0,3	-	0,1	0,1	-	36,0	36,0	-
BA	865,5	1.075,5	24,3	346,2	430,2	24,3	40,0	40,0	-
CENTRO-OESTE	2.758,9	2.896,7	5,0	1.102,3	1.159,3	5,2	40,0	40,0	-
MT	2.528,2	2.658,9	5,2	1.011,3	1.063,5	5,2	40,0	40,0	-
MS	124,4	132,8	6,8	49,1	54,4	10,8	41,0	41,0	-
GO	106,3	105,0	(1,2)	41,9	41,4	(1,2)	39,4	39,4	-
SUDESTE	67,8	99,0	46,0	26,4	39,4	49,2	39,9	39,8	0,3
MG	58,3	77,5	32,9	22,7	31,0	36,6	40,0	40,0	-
SP	9,5	21,5	126,3	3,7	8,4	127,0	39,0	39,0	-
NORTE/NORDESTE	1.001,1	1.227,9	22,7	400,8	491,4	22,6	40,0	40,0	-
CENTRO-SUL	2.826,7	2.995,7	6,0	1.128,7	1.198,7	6,2	40,0	40,0	-
BRASIL	3.827,8	4.223,6	10,3	1.529,5	1.690,1	10,5	40,0	40,0	-

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.



8.1.2. AMENDOIM

8.1.2.1. AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

A intenção de plantio da lavoura de amendoim, nesta temporada, aponta para incremento de área de 1,5%, retração na produtividade de 3,2% e na produção, de 1,7% em relação à safra anterior.

Em São Paulo, o amendoim é plantado entre setembro e outubro, prioritariamente em áreas de reforma de canaviais, normalmente após o quinto corte daquela matéria-prima e tem sua colheita entre março e abril, quando alcança sua plena maturação. Posteriormente, o produtor

devolve a terra arrendada, onde será retomado um novo plantio da cana destinada à produção de etanol e açúcar. Como essa cultura entra como rotação com a cana, é importante que as cultivares de amendoim sejam de ciclo compatível com a duração do período de rotação do canavial. O constante melhoramento genético de variedades rasteiras que proporcionam maior produtividade das lavouras, tem sido um dos motivos fundamentais para o salto na produtividade/produção do amendoim paulista.

Figura 2 - Amendoim em desenvolvimento vegetativo em Pontal/SP. Nov, 2016



Fonte: Conab.

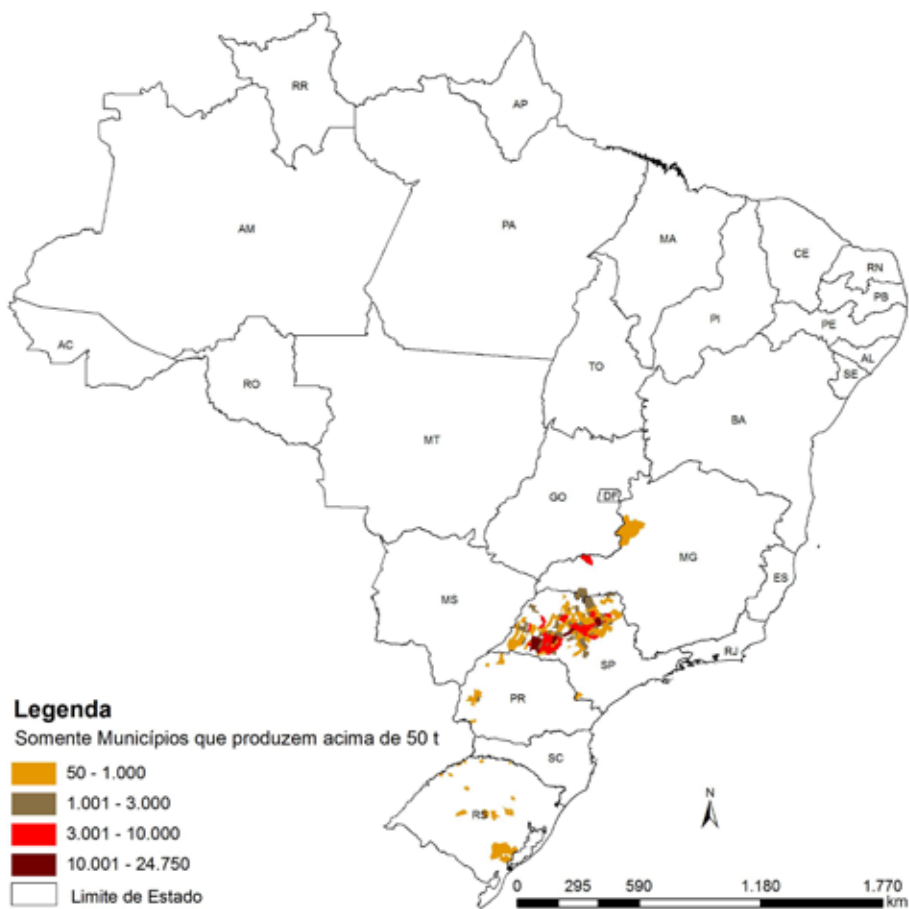
Em Minas Gerais, a área de plantio de amendoim está estimada em 2,6 mil hectares. O plantio do amendoim ainda não começou, de forma que as informações ainda são muito insipientes. Entretanto, estima-se que tanto a área como a produtividade se mantenha estável, visto que o cultivo acontece em municípios tradicionais. O plantio se deve concentrar em dezembro. Estimando-se uma produtividade média de 3.652 kg/ha, pode-se alcançar uma produção de 9,5 mil toneladas.

No Paraná essa cultura é de pouca expressão econômica e se concentra na região de Paranavaí. Normalmente se

estabelece em áreas de rotação com canavial e pastagens. O plantio teve início em setembro e finalizou em novembro, exceto na região de Paranavaí, que se estenderá até meados de dezembro. A área atual é de apenas 1,7 mil hectares, queda de 16,8% em relação à safra passada, motivada essencialmente por redução na renovação dos canaviais. A produtividade estimada foi ajustada para 3.097 kg/ha, dentro da média das safras consideradas normais. As lavouras se encontram em germinação e desenvolvimento vegetativo, com boas condições fitossanitárias.



Figura 7 - Mapa da produção agrícola - Amendoim primeira safra



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 2 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Amendoim primeira safra

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
SP	Araçatuba	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Araraquara	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Assis	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Bauru	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Marília	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Presidente Prudente	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Ribeirão Preto	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	São José do Rio Preto	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 9 - Comparativo de área, produtividade e produção - Amendoim primeira safra

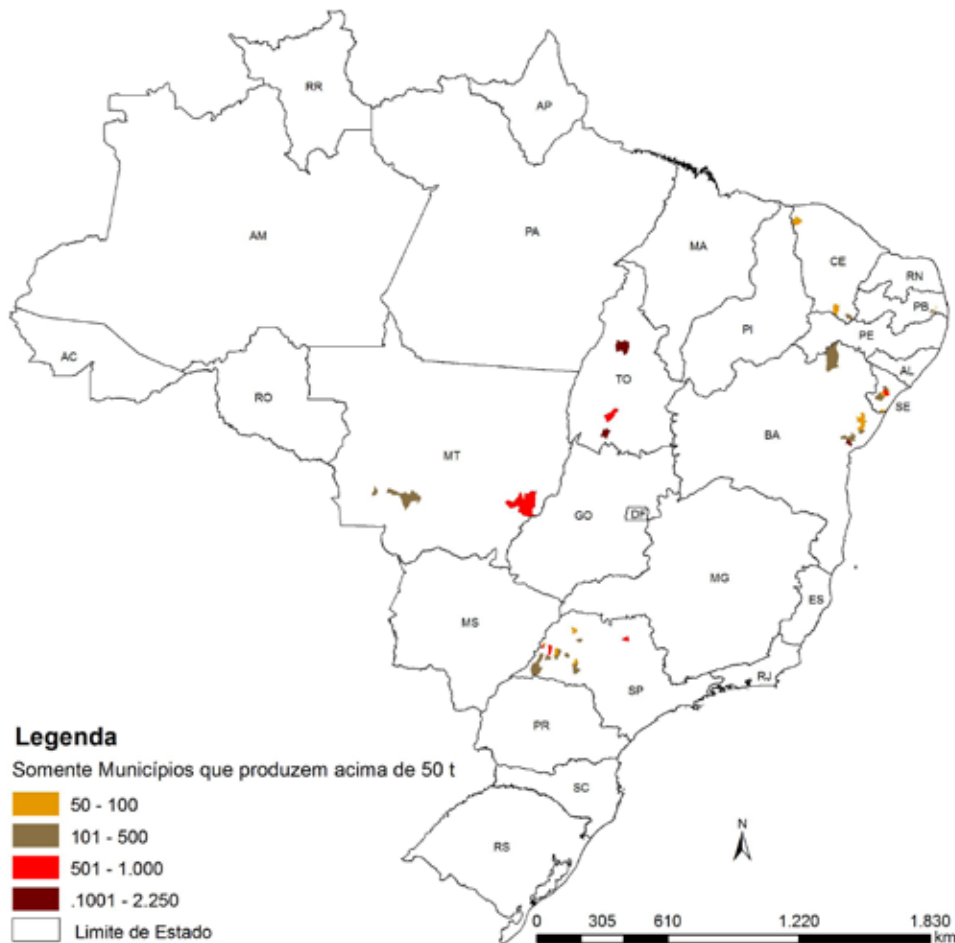
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	112,9	114,8	1,7	3.721	3.609	(3,0)	420,2	414,3	(1,4)
MG	2,6	2,6	-	3.615	3.652	1,0	9,4	9,5	1,1
SP	110,3	112,2	1,7	3.724	3.608	(3,1)	410,8	404,8	(1,5)
SUL	5,4	5,3	(1,9)	3.447	3.219	(6,6)	18,6	17,1	(8,1)
PR	2,0	1,7	(16,8)	3.406	3.097	(9,1)	6,8	5,3	(22,1)
RS	3,4	3,6	5,6	3.471	3.276	(5,6)	11,8	11,8	-
CENTRO-SUL	118,3	120,1	1,5	3.709	3.592	(3,2)	438,8	431,4	(1,7)
BRASIL	118,3	120,1	1,5	3.709	3.592	(3,2)	438,8	431,4	(1,7)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.

8.1.2.2. AMENDOIM SEGUNDA SAFRA

Figura 8 - Mapa da produção agrícola - Amendoim segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.



Quadro 3 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Amendoim segunda safra

UF	Mesorregiões	Amendoim segunda safra												
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	
SE	Agreste Sergipano	C								PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
BA	Nordeste Baiano	C								PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
	Metropolitana de Salvador	C								PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
SP	São José do Rio Preto						P	DV	F	FR	M/C	C		
	Ribeirão Preto						P	DV	F	FR	M/C	C		
	Presidente Prudente						P	DV	F	FR	M/C	C		
	Marília						P	DV	F	FR	M/C	C		
	Assis						P	DV	F	FR	M/C	C		

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 10 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,3	0,3	-	4.800	3.785	(21,1)	1,4	1,1	(21,4)
TO	0,3	0,3		4.800	3.785	(21,1)	1,4	1,1	(21,4)
NORDESTE	3,3	3,3	-	1.201	1.096	(8,8)	4,0	3,6	(10,0)
CE	0,3	0,3	-	1.269	881	(30,6)	0,4	0,3	(25,0)
PB	0,4	0,4	-	985	856	(13,1)	0,4	0,3	(25,0)
SE	1,1	1,1	-	1.613	1.430	(11,3)	1,8	1,6	(11,1)
BA	1,5	1,5	-	942	957	1,6	1,4	1,4	-
CENTRO-OESTE	2,5	2,5	-	4.200	4.000	(4,8)	10,5	10,0	(4,8)
MS	2,5	2,5	-	4.200	4.000	(4,8)	10,5	10,0	(4,8)
SUDESTE	4,9	4,9	-	2.354	2.406	2,2	11,5	11,8	2,6
SP	4,9	4,9	-	2.354	2.406	2,2	11,5	11,8	2,6
NORTE/NORDESTE	3,6	3,6	-	1.501	1.320	(12,1)	5,4	4,7	(13,0)
CENTRO- SUL	7,4	7,4	-	2.978	2.945	(1,1)	22,0	21,8	(0,9)
BRASIL	11,0	11,0	-	2.494	2.413	(3,3)	27,4	26,5	(3,3)

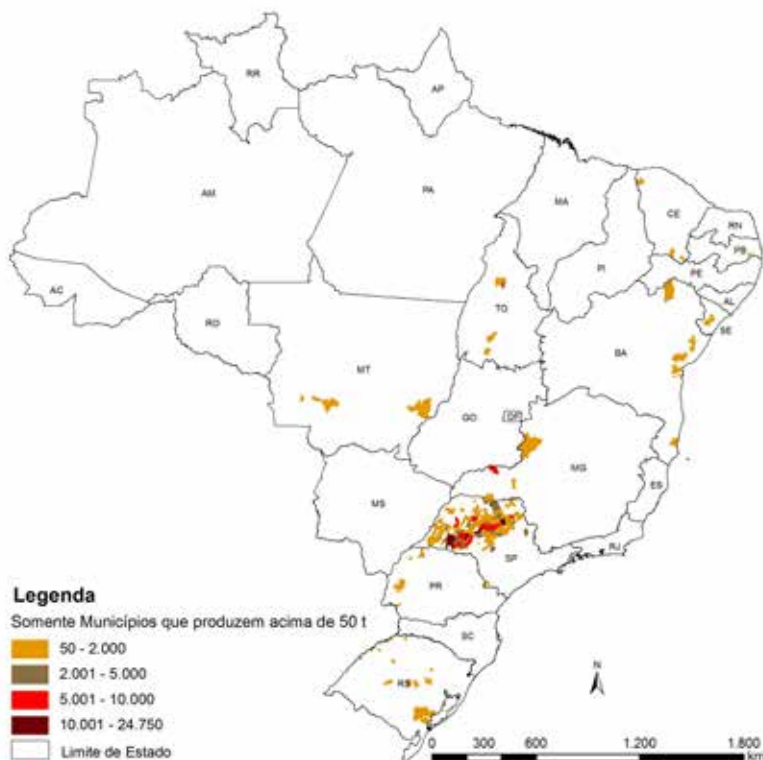
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.



8.1.2.3. AMENDOIM TOTAL

Figura 9 - Mapa da produção agrícola – Amendoim total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 11 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,3	0,3	-	4.800	3.785	(21,1)	1,4	1,1	(21,4)
TO	0,3	0,3	-	4.800	3.785	(21,1)	1,4	1,1	(21,4)
NORDESTE	3,3	3,3	-	1.201	1.096	(8,8)	4,0	3,6	(10,0)
CE	0,3	0,3	-	1.269	881	(30,6)	0,4	0,3	(25,0)
PB	0,4	0,4	-	985	856	(13,1)	0,4	0,3	(25,0)
SE	1,1	1,1	-	1.613	1.430	(11,3)	1,8	1,6	(11,1)
BA	1,5	1,5	-	942	957	1,6	1,4	1,4	-
CENTRO-OESTE	2,5	2,5	-	4.200	4.000	(4,8)	10,5	10,0	(4,8)
MS	2,5	2,5	-	4.200	4.000	(4,8)	10,5	10,0	(4,8)
SUDESTE	117,8	119,7	1,6	3.665	3.560	(2,9)	431,7	426,1	(1,3)
MG	2,6	2,6	-	3.615	3.652	1,0	9,4	9,5	1,1
SP	115,2	117,1	-	3.666	3.558	(2,9)	422,3	416,6	(1,3)
SUL	5,4	5,3	(1,9)	3.447	3.219	(6,6)	18,6	17,1	(8,1)
PR	2,0	1,7	-	3.406	3.097	(9,1)	6,8	5,3	(22,1)
RS	3,4	3,6	-	3.471	3.276	(5,6)	11,8	11,8	-
NORTE/NORDESTE	3,6	3,6	-	1.501	1.320	(12,1)	5,4	4,7	(13,0)
CENTRO-SUL	125,7	127,5	1,4	3.666	3.554	(3,0)	460,8	453,2	(1,6)
BRASIL	129,3	131,1	1,4	3.606	3.493	(3,1)	466,2	457,9	(1,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.



8.1.3. ARROZ

O terceiro levantamento da cultura de arroz da safra 2017/18 indica redução de área plantada de 1,8% em relação à safra passada. Na produtividade, a previsão da média nacional é de 5.966 kg/ha, redução de 4,1% em relação à última safra. A mesma tendência pode ser verificada na estimativa de produção, onde os números nacionais apontam para redução de 5,9% em relação à safra passada. As análises dos números apontam queda na área plantada nos estados onde a cultura é cultivada com o sistema de sequeiro e manutenção e/ou aumento onde é irrigada. Devido a fatores climáticos, a pesquisa aponta queda de produtividade nos locais onde a cultura é cultivada em sequeiro em razão de chuvas abaixo da média, enquanto o cultivo irrigado, sobretudo no sul do país, foi afetado por excesso de chuvas durante todo o ciclo, resultando em baixa luminosidade e impactando a produtividade. O resultado disso é que temos, para essa safra, uma expectativa de retração na produtividade.

Na Região Norte, a avaliação é que a área plantada seja em torno de 260,1 mil hectares, retração de 1,1% em relação à safra passada. O Norte se configura como a segunda maior produtora nacional de arroz.

Em Roraima, o arroz é dividido em arroz de verão e arroz de inverno, ambos em manejo de irrigação. No momento, o cultivo de verão está em processo de plantio. A previsão é que a área não sofra alterações em relação à última safra, no entanto, a queda no preço do arroz tem desestimulado alguns produtores. A estimativa de produção para o estado é de 87,3 mil toneladas do grão.

Em Rondônia, o início do seu plantio estava previsto para acontecer a partir do dia 15 de setembro. Isso, no entanto, não aconteceu porque não choveu. Durante os dias de 16 a 31 de setembro choveu de forma isolada em torno de 24,2 mm em Vilhena e arredores como nas cidades de Cabixi, Cerejeiras e Corumbiara, o que fez com que alguns produtores se preparassem para iniciar o plantio das lavouras de arroz nesse período. Em outubro e novembro também ocorreram chuvas esparsas que animaram alguns produtores a semear as suas lavouras. Essa lavoura, em épocas anteriores era efetuada para a abertura de novas áreas. Atualmente, existem algumas áreas com um solo relativamente bem servido de água das chuvas e outras que eram áreas de pastagens e que estão recebendo insumos para a sua recuperação e preparadas para o plantio de arroz. Como atualmente não mais estão acontecendo a abertura de novas áreas, a sua tendência é de redução na sua área. Existem no estado duas a três grandes empresas comercializadoras de arroz e são elas que financiam as lavouras existentes. As cul-

turas de arroz são acompanhadas por essas empresas que comercializam a maior parte desse produto. Essas empresas fornecem a semente selecionada, adubos, inseticidas, insumos, óleo, combustível e até adiantamentos em dinheiro, em resumo, existe um fomento de toda a cadeia produtiva. Uma parte de sua produção é comercializada para os mercados fora do estado, como Rio Branco (AC), Boa Vista (RR), Manaus (AM) e parte da Bolívia. O plantio dessa cultura aconteceu com um atraso em razão das chuvas que começaram também mais tarde. Há informações que essa cultura já se encontra plantada em torno de 70% a 80%. As fases dessas se encontram em germinação 5%, desenvolvimento vegetativo 60% e em floração 35%. As lavouras se encontram em bom estado de desenvolvimento. A área para a implantação da cultura na safra 2017/18 é de 38,9 mil hectares.

No Acre, a cultura do arroz vem decrescendo em área plantada e produção, apresentando baixa produtividade e custo de produção elevado. A baixa produtividade está associada à falta de cultivares adaptados à região e políticas públicas de incentivo à cultura. O plantio do arroz de sequeiro começa no início do período chuvoso, de outubro a dezembro, quando o clima é favorável ao desenvolvimento da cultura. Há perspectiva de redução de área plantada devido à dificuldade de acesso ao crédito agrícola e ao custo de produção. O sistema de produção é outro fator que influencia na produção do estado por ser proveniente da agricultura familiar, essa produção tem a finalidade para o consumo familiar e comercialização do excedente. Para a cultura do arroz se recomenda a realização do plantio no período inicial das chuvas, de outubro a dezembro, desde que o solo apresente umidade suficiente para a germinação e o desenvolvimento inicial das plantas. Deve-se evitar o plantio antecipado para diminuir o risco de estabelecer baixa população e para que a colheita não ocorra em época chuvosa. Por outro lado, o plantio tardio favorece o aparecimento de brusone. A cultura de arroz no Acre é proveniente da agricultura familiar. É consorciada com outras culturas como o milho e a mandioca, após a retirada da cultura é realizado o plantio de feijão-comum cores. A área plantada de arroz na safra 2017/18 será de 4,3 mil hectares, com estimativa de produção de 6,1 mil toneladas e produtividade de 1.418 kg/ha. Verifica-se aumento na quantidade produzida e no rendimento médio em relação à safra 2016/17.

No Amazonas, a estimativa é que a área plantada seja igual à da safra passada, estimada em 3,2 mil hectares. Espera-se uma produtividade 3% maior, com uma produção total estimada em torno de 7,2 mil toneladas (arroz de sequeiro), quando comparada à safra



2016/17.

No Pará, a expectativa do setor é que a área a ser plantada, nessa safra, supere a safra anterior, motivada pela demanda de mercado. Esse aumento de área é esperado em áreas de arroz de sequeiro, enquanto o arroz irrigado, concentrado na Mesorregião do Marajó, deverá manter a área da safra passada.

Em Tocantins, a previsão é que a área do arroz de sequeiro deve ficar em 22,9 mil hectares. A cultura é semeada tanto por agricultores familiares, para subsistência e alimentação de pequenos animais, quanto pelos produtores empresariais em áreas de primeiro cultivo. Para aqueles, a tendência é de manutenção de área, com pequena variação e as suas áreas já começaram a serem semeadas. Já para os agricultores empresariais, o plantio só se iniciará a partir da segunda quinzena de dezembro e se estenderá até a primeira quinzena de janeiro. Com relação ao plantio irrigado, a estimativa é de manutenção da área em relação à safra passada. A cultura se encontra com um terço do seu plantio já finalizado, com evidenciado atraso devido aos baixíssimos níveis dos reservatórios e rios da região. Nas safras anteriores houve modestos plantios até mesmo em setembro registrados na região, porém nessa safra todos produtores tiveram que esperar o retorno das chuvas para realizar o plantio com segurança de abastecimento de água para a inundação dos tabuleiros.

Na Região Nordeste, a expectativa é de retração da área plantada com arroz de sequeiro e incremento com o irrigado.

No Maranhão, as lavouras de arroz de terras altas no presente levantamento confirma as expectativas de incrementos da área plantada. As lavouras devem experimentar, a exemplo das safras anteriores, crescimento de suas áreas cultivadas, passando de 140,2 mil hectares para 149,3 mil hectares, o que representa

um crescimento de 6,5%, quando comparada à safra passada, mantendo-se com produtividade média de 1.541 kg/ha. Já a área plantada com arroz irrigado, em relação à safra anterior, deve aumentar, passando a ser de 2,9 mil hectares, com produtividade média de 4.321 kg/ha. As lavouras de arroz irrigado foram bem estabelecidas e se encontram em sua totalidade no estágio de maturação.

Em Sergipe, o calendário de plantio foi concluído durante outubro, com uma área plantada de 4,7 mil hectares no estado, apesar de alguns poucos produtores replantarem nas áreas colhidas até então, com o propósito de realizar a colheita em meados de março de 2018. Conforme apontado em relatórios anteriores, o aumento no nível do mar nos perímetros irrigados de Brejo Grande foi decisivo para a queda na área plantada daquele município, o que favoreceu a troca da atividade de rizicultura pela carcinicultura. Em relação à comercialização, normalmente a produção de arroz é destinada principalmente para Pernambuco, Ceará e Alagoas, sendo a maior parte da produção se destina a Pernambuco, enquanto que apenas 10% da safra é comercializada em Sergipe. No entanto, poderá haver alteração significativa entre os estados compradores da produção de arroz em Sergipe, já que os volumes colhidos até a presente data foram abaixo da expectativa, uma vez que os produtores deram início à colheita em novembro. O preço médio pago ao produtor pelo arroz em casca está na faixa de R\$ 0,65 centavos o quilograma. Com uma produção esperada de 33,5 mil toneladas, a expectativa dos rizicultores para a colheita continua otimista, apesar de relatos pontuais de ataques de lesma e brusone, apontados também no último levantamento de safra. Em algumas áreas a produtividade média pode chegar a 8.000 kg/ha, superando a produtividade média esperada para o presente ano. Também é importante destacar que no presente ano-safra o governo do estado não subsidiará a mecanização para a colheita.

Na Bahia, o cultivo do arroz ocorre nos territórios Rio

Figura 10 – Colheita de arroz em Propriá - SE



Fonte: Conab



Corrente e Rio Grande, sendo tradição produzir em áreas recém-abertas devido principalmente a sua tolerância à acidez. Geralmente o cultivo não se repete nos anos seguintes devido aos baixos preços de mercado. A primeira intenção de plantio da lavoura de arroz aponta para uma redução de área. Na safra anterior foram cultivados 8,1 mil hectares. No entanto, para a atual safra, a estimativa é que sejam cultivados 7,8 mil hectares. Essa redução se deve basicamente à redução da velocidade de abertura de novas áreas.

No Centro-Oeste, terceira maior região produtora de arroz no país, a previsão é que ocorra redução na área plantada, quando comparada com a última safra, tanto nas áreas de arroz de sequeiro quanto nas destinadas a arroz irrigado.

Em Mato Grosso, a estimativa para a safra 2017/18 é de recuo de 9,3% na área de arroz, saindo de 162,3 mil hectares na safra 2016/17 para 147,2 mil hectares na atual. A diminuição pode ser justificada pelo avanço da soja no espaço antes destinado ao arrozal. A semeadura do grão começou em novembro, mas a previsão é que a maior parte dos trabalhos de plantio aconteça em dezembro. As boas condições climáticas podem resultar em melhores expectativas de produtividade, cuja média verificada na pesquisa atual é de 3.131 kg/ha. A partir disso, projeta-se produção de 460,8 mil toneladas do cereal na safra 2017/18, volume 13,1% inferior ao registrado na safra passada, quando foram produzidas 530 mil toneladas de arroz.

Em Mato Grosso do Sul, no levantamento atual, a estimativa de área plantada é de 14,3 mil hectares e produtividade média estimada de 6.100 kg/ha. O cereal está na fase de germinação em 40% da área plantada e perfilhamento nos 60% da área restante. O plantio da cultura é escalonado, com isso, a colheita também ocorrerá em diferentes períodos do ano. Atualmente, os produtores promovem o monitoramento de pragas e doenças, com o intuito de atingirem altas produtividades. Devido ao trato das lavouras, as pragas e doenças não causaram danos significativos para a cultura até o presente momento. Por questões ambientais, os produtores promovem a regularização do licenciamento, cujas normas são respeitadas a fim da preservação ambiental, bem como a adequação legal

das lavouras. Caso contrário, pode haver multas e perda do direito do plantio da cultura.

Em Goiás, a cultura de arroz de sequeiro se resume em áreas de assentamentos rurais ou cooperados atendidos pelo programa Lavoura Comunitária da Secretaria da Agricultura juntamente com a Emater. Não há procura de crédito de custeio para essa cultura, haja vista as significativas exigências bancárias para a liberação desse crédito. O arroz de sequeiro está, na maioria, restrito a plantio de subsistência e lavouras comunitárias. Neste ano alguns assentados de reforma agrária poderão realizar o plantio de pequenas áreas com baixa aplicação de tecnologia, apenas para subsistência e com comercialização do excedente no mercado regional. As demais áreas de sequeiro são de acampamentos em faixas de domínio de rodovias e pequenos produtores, com utilização de pouca tecnologia.

Na Região Sudeste, a área plantada deve ter retração de 2,5%, se comparado à área da última safra.

Em Minas Gerais, a área estimada é de 5,9 mil hectares, fato explicado em grande parte pelo desestímulo provocado pelo alto custo de produção, que resulta na falta de competitividade com o cereal produzido no sul do país, sendo 78% em sistema de sequeiro e 22% de arroz irrigado. Nas áreas irrigadas a produtividade é de 5.577 kg/ha. Por outro lado, o cultivo de sequeiro apresenta rendimento estimado em 1.686 kg/ha. Apesar da aptidão do estado para a cultura, o terceiro levantamento confirma que o plantio do arroz está fadado ao desaparecimento no estado. A modalidade de várzea e de sequeiro são as que apresentam maiores reduções, a primeira em virtude das restrições ao plantio em Área de Preservação Permanente (APP). Já o arroz sequeiro, pelo risco de perdas devido a estiagens prolongadas. A maior parte das lavouras de sequeiro são desenvolvidas por pequenos produtores em áreas de “fundo de quintal”. Já o cultivo do arroz irrigado ocorre geralmente em escala comercial, nas modalidades irrigado por inundação e em várzea úmida com lâmina de água controlada, nessas áreas não são raros os relatos de produtividade de até 7 mil kg/ha.



Figura 11 – Lavoura de arroz irrigado por inunda o – Sul de Minas.



Fonte: Conab

Em São Paulo, nesse terceiro levantamento de inten o de plantio, sinaliza com retra o na área de 3,1% em rela o   safra anterior. O produtor tende a migrar para outras culturas de maior rentabilidade, visando um maior retorno financeiro. Praticamente todo o arroz que   consumido em São Paulo vem do Rio Grande do Sul. Portanto, o estado não possui tradi o, não incentiva e não tem interesse pela cultura. Sendo assim, as áreas cultivadas com o cereal são abreviadas e pequenas. São basicamente para comercializa o familiar, consumida muitas vezes a nível de propriedade. O valor comercial fica segregado. Entretanto, apesar do recuo de área ao longo dos últimos anos no estado paulista, essa atividade tem um papel importante na economia regional, principalmente na região do Vale do Paraíba, que participa com mais de 60% da produ o do estado. Os municípios de Pindamonhangaba e Guaratinguetá são os mais atuantes no que se refere ao cultivo de cereal. Outro fato, que também desestimula o produtor, são os preços praticados em torno da cultura, R\$ 45,00 a R\$ 48,00 a saca de 60 quilos.

Na Região Sul, onde o cultivo de arroz   quase que totalmente irrigado e apenas um percentual pequeno no Paraná   cultivado em sequeiro, a área deve sofrer pequena redu o, quando comparada   safra passada, principalmente no Paraná, sobretudo nas áreas de arroz de sequeiro.

No Paraná, a área total cultivada com arroz   estimada em 23,5 mil hectares. O cultivo de arroz de sequeiro está em constante diminui o de  rea. A retra o para essa safra   de aproximadamente 32%, atingindo

3,6 mil hectares. A produtividade estimada   de 2.045 kg/ha e, apesar da redu o, considera-se que esse rendimento está dentro do normal. A  rea com arroz irrigado, estimada em 19,9 mil hectares, já foi semeada. A produtividade esperada   de 7.255 kg/ha. A proje o anterior era de aumento de área para o arroz, porém na região de Parana a, maior produtora da cultura no estado, o excesso de chuvas localizadas no início do mês e a necessidade de replantio em aproximadamente 2 mil hectares frustraram os produtores. A cultura está com 98% das lavouras em desenvolvimento vegetativo e apenas 2% em germina o. As condi oes das lavouras foram classificadas em 90% boas e 10% regulares.

Em Santa Catarina, o plantio do arroz para essa safra já está praticamente concluído, restando menos de 1% das lavouras para serem implantadas. Em rela o ao est dio de desenvolvimento da cultura, observamos o início do florescimento em algumas lavouras, entretanto, a maioria expressiva ainda se encontra na fase de perfilhamento. Até o presente momento a safra vem se mostrando normal, com o clima favorável ao desenvolvimento das plantas. Entretanto, a continuidade da ocorrência de noites frias pode ser prejudicial para as lavouras que estão entrando em flora o. Além disso, há alguns casos de restri oes hídricas no sul do estado, mas, até o momento, esta condi o não está afetando o desenvolvimento das lavouras. As doenças e pragas estão sendo controladas de forma satisfatória, apensar da ocorrência de situa oes não tão comuns, como ataques de lagartas e casos de rizoctoniose. A produtividade estimada inicialmente



não deve registrar os mesmos índices obtidos na safra passada, quando o clima foi muito favorável durante praticamente todo o ciclo da cultura, resultando em altas produtividades. Atualmente, estima-se algo próximo dos 7.235 Kg/ha. Em relação à área destinada para a cultura, não foram observadas alterações significativas em relação à safra passada, mas apenas uma

pequena redução referente a ajustes de informação e perda de algumas áreas para o setor imobiliário devido ao crescimento das cidades, devendo atingir em torno de 146,7 mil hectares. O preço do grão está variando na faixa de R\$ 40,00 a saca na região norte do estado e R\$ 36,50 a saca na região sul.

Figura 12 –Lavoura de arroz em Guaramirim – SC



Fonte: Conab

Figura 13 –Lavoura de arroz em Meleiro – SC



Fonte: Conab

No Rio Grande do Sul, a cultura do arroz se encontra em fase final de semeadura, alcançando perto de 90% da área total esperada para essa safra. As regiões mais avançadas são a Fronteira Oeste com 98%, Zona Sul com 97%, Planície Costeira Interna com 90% e Campanha com 88%. Já a Planície Costeira Externa e a Central se encontram mais atrasadas, com 71 e 76%,

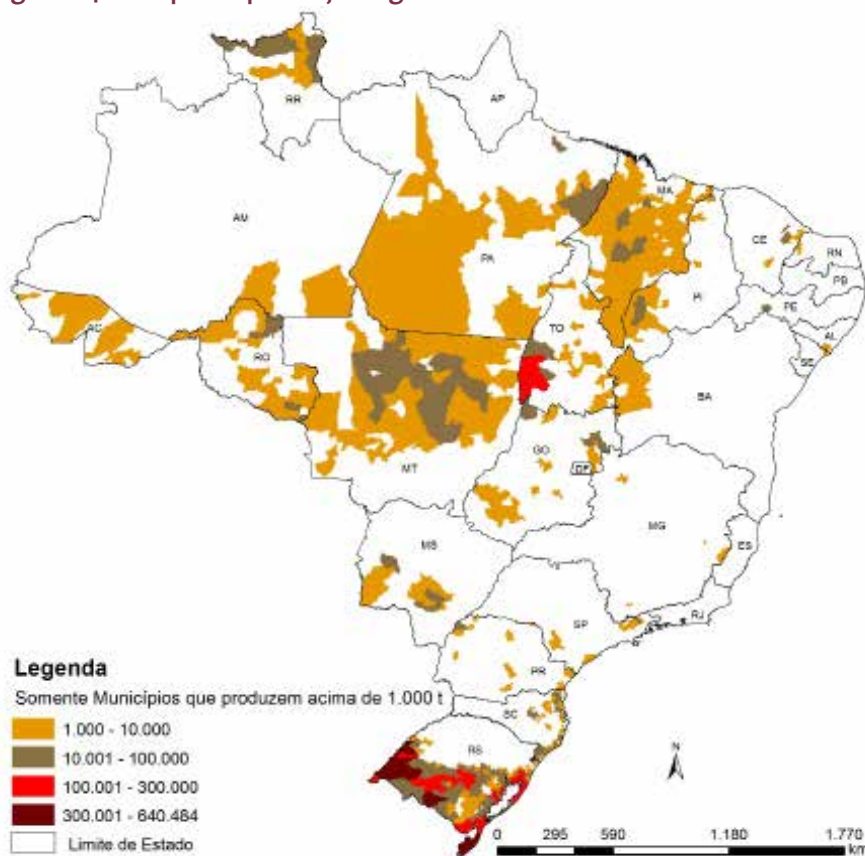
respectivamente. Em praticamente todas as regiões produtoras, embora as áreas tenham sido preparadas com antecedência, o excesso de precipitações no início do período preferencial de semeadura impediu a semeadura de maneira sequencial como esperado. Porém, a cessação das chuvas nos últimos dias permitiu uma rápida evolução das operações, evoluindo, por



exemplo, cerca de 50% na Região Central. O atraso na semeadura geralmente traz consequências na produtividade final do arroz devido às características da cultura, uma vez que altas produtividades estão relacionadas diretamente com a incidência de radiação solar na cultura em especial no período de florescimento. Assim, não foi possível realizar a implantação total das lavouras dentro do período recomendado pela pesquisa, podendo uma pequena parcela ser semeada em período crítico para uma boa colheita. Dados de pesquisa estimam que cada dia de atraso na semeadura em relação ao período preferencial pode gerar perdas de até uma saca por hectare. Além da dificuldade de semeadura dentro do período recomendado, em muitos casos a semeadura, em função do tempo curto, não foi realizada com a qualidade que se preconiza, o que também pode impactar na produtividade.

Foi apontada uma mudança quanto ao uso do cultivar IRGA 424 RI. Deverá haver uma diminuição de até 5% no uso dessa cultivar devido aos problemas de comercialização que ocorreram na safra anterior. A substituição deverá se dar pelas cultivares Guri e IRGA 429, que são mais aceitas pela indústria. Outro problema elencado pelos produtores foi a dificuldade, cada vez maior, para o acesso ao crédito oficial, restando como alternativa recorrer às indústrias de beneficiamento e fornecedores de insumos, cuja a taxa de juros é mais que três vezes superior àquela praticada pelo crédito oficial. Um fenômeno tem sido verificado ano após ano. O número de produtores na atividade diminuiu enquanto a área se mantém estável, ou seja, os produtores melhores estruturados têm expandido suas áreas sobre aqueles que desistem.

Figura 14 – Mapa da produção agrícola – Arroz



Fonte: Conab/IBGE.



Quadro 4 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Arroz

UF	Mesorregiões	Arroz											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense			P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
TO**	Ocidental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C				
MA	Centro Maranhense					P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense			P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
PR**	Noroeste Paranaense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
SC**	Norte Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Vale do Itajaí	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sul Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Centro Oriental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Metropolitana de Porto Alegre	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sudoeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sudeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 12 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	263,0	260,1	(1,1)	4.129	4.092	(0,9)	1.085,8	1.064,4	(2,0)
RR	12,3	12,3	-	7.077	7.100	0,3	87,0	87,3	0,3
RO	40,6	38,9	(4,2)	2.956	3.181	7,6	120,0	123,7	3,1
AC	4,3	4,3	-	1.399	1.418	1,4	6,0	6,1	1,7
AM	3,2	3,2	-	2.183	2.248	3,0	7,0	7,2	2,9
AP	1,5	1,5	-	945	920	(2,6)	1,4	1,4	-
PA	68,8	72,0	4,7	2.728	2.645	(3,1)	187,7	190,5	1,5
TO	132,3	127,9	(3,3)	5.115	5.068	(0,9)	676,7	648,2	(4,2)
NORDESTE	229,2	239,5	4,5	1.908	1.629	(14,6)	437,3	390,2	(10,8)
MA	141,6	152,2	7,5	1.807	1.594	(11,8)	255,9	242,6	(5,2)
PI	65,2	65,2	-	1.629	1.151	(29,3)	106,2	75,1	(29,3)
CE	4,7	4,7	-	2.076	2.262	9,0	9,7	10,7	10,3
RN	1,0	1,0	-	3.766	3.288	(12,7)	3,8	3,3	(13,2)
PB	0,9	0,9	-	875	767	(12,3)	0,8	0,7	(12,5)
PE	0,2	0,2	-	4.000	5.259	31,5	0,8	1,1	37,5
AL	2,8	2,8	-	6.220	5.796	(6,8)	17,4	16,2	(6,9)
SE	4,7	4,7	-	7.540	7.128	(5,5)	35,4	33,5	(5,4)
BA	8,1	7,8	(3,7)	900	900	-	7,3	7,0	(4,1)
CENTRO-OESTE	199,4	183,1	(8,2)	3.672	3.569	(2,8)	732,3	653,5	(10,8)
MT	162,3	147,2	(9,3)	3.266	3.131	(4,1)	530,0	460,8	(13,1)
MS	15,5	14,3	(7,7)	6.000	6.100	1,7	93,0	87,2	(6,2)
GO	21,6	21,6	-	5.059	4.884	(3,5)	109,3	105,5	(3,5)
SUDESTE	16,1	15,7	(2,5)	3.399	3.470	2,1	54,7	54,6	(0,2)
MG	6,0	5,9	(1,7)	2.534	2.543	0,4	15,2	15,1	(0,7)
ES	0,1	0,1	-	2.471	2.447	(1,0)	0,2	0,2	-
RJ	0,3	0,3	-	3.667	3.194	(12,9)	1,1	1,0	(9,1)
SP	9,7	9,4	(3,1)	3.935	4.071	3,5	38,2	38,3	0,3
SUL	1.273,2	1.247,8	(2,0)	7.868	7.573	(3,8)	10.017,7	9.449,3	(5,7)
PR	25,1	23,5	(6,4)	6.506	6.457	(0,8)	163,3	151,8	(7,0)
SC	147,4	146,7	(0,5)	7.638	7.235	(5,3)	1.125,8	1.061,4	(5,7)
RS	1.100,7	1.077,6	(2,1)	7.930	7.643	(3,6)	8.728,6	8.236,1	(5,6)
NORTE/NORDESTE	492,2	499,6	1,5	3.095	2.911	(5,9)	1.523,1	1.454,6	(4,5)
CENTRO-SUL	1.488,7	1.446,6	(2,8)	7.258	7.021	(3,3)	10.804,7	10.157,4	(6,0)
BRASIL	1.980,9	1.946,2	(1,8)	6.223	5.966	(4,1)	12.327,8	11.612,0	(5,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.



Tabela 13 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz sequeiro

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	140,6	137,7	(2,1)	2.526	2.557	1,2	355,1	352,2	(0,8)
RO	40,6	38,9	(4,2)	2.956	3.181	7,6	120,0	123,7	3,1
AC	4,3	4,3	-	1.399	1.418	1,4	6,0	6,1	1,7
AM	3,2	3,2	-	2.183	2.248	3,0	7,0	7,2	2,9
AP	1,5	1,5	-	945	920	(2,6)	1,4	1,4	-
PA	63,7	66,9	5,0	2.592	2.518	(2,9)	165,1	168,5	2,1
TO	27,3	22,9	(16,3)	2.036	1.977	(2,9)	55,6	45,3	(18,5)
NORDESTE	213,3	222,1	4,1	1.623	1.365	(15,9)	346,2	303,3	(12,4)
MA	140,2	149,3	6,5	1.775	1.541	(13,2)	248,9	230,1	(7,6)
PI	60,0	60,0	-	1.384	978	(29,3)	83,0	58,7	(29,3)
CE	4,1	4,1	-	1.516	1.652	9,0	6,2	6,8	9,7
PB	0,9	0,9	-	875	767	(12,3)	0,8	0,7	(12,5)
BA	8,1	7,8	(3,7)	900	900	-	7,3	7,0	(4,1)
CENTRO-OESTE	158,1	143,0	(9,6)	3.187	3.048	(4,3)	503,8	435,9	(13,5)
MT	151,4	136,3	(10,0)	3.226	3.089	(4,2)	488,4	421,0	(13,8)
GO	6,7	6,7	-	2.300	2.220	(3,5)	15,4	14,9	(3,2)
SUDESTE	7,1	6,8	(4,2)	2.093	2.159	3,2	14,8	14,7	(0,7)
MG	4,7	4,6	(1,3)	1.563	1.686	7,9	7,3	7,8	6,8
ES	0,1	0,1	-	2.471	2.447	(1,0)	0,2	0,2	-
RJ	0,3	0,3	-	3.667	3.194	(12,9)	1,1	1,0	(9,1)
SP	2,0	1,8	(10,0)	3.082	3.178	3,1	6,2	5,7	(8,1)
SUL	5,3	3,6	(32,1)	2.032	2.045	0,6	10,8	7,4	(31,5)
PR	5,3	3,6	(32,0)	2.032	2.045	0,6	10,8	7,4	(31,5)
NORTE/NORDESTE	353,9	359,8	1,7	1.982	1.821	(8,1)	701,3	655,5	(6,5)
CENTRO-SUL	170,5	153,4	(10,0)	3.105	2.985	(3,9)	529,4	458,0	(13,5)
BRASIL	524,4	513,2	(2,1)	2.347	2.169	(7,6)	1.230,7	1.113,5	(9,5)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.



Tabela 14 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz irrigado

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	122,4	122,4	-	5.970	5.819	(2,5)	730,7	712,2	(2,5)
RR	12,3	12,3	-	7.077	7.100	0,3	87,0	87,3	0,3
PA	5,1	5,1	-	4.433	4.307	(2,8)	22,6	22,0	(2,7)
TO	105,0	105,0	-	5.915	5.742	(2,9)	621,1	602,9	(2,9)
NORDESTE	15,9	17,4	9,4	5.732	4.990	(13,0)	91,1	86,9	(4,6)
MA	1,4	2,9	107,1	5.020	4.321	(13,9)	7,0	12,5	78,6
PI	5,2	5,2	-	4.453	3.147	(29,3)	23,2	16,4	(29,3)
CE	0,6	0,6	-	5.900	6.430	9,0	3,5	3,9	11,4
RN	1,0	1,0	-	3.766	3.288	(12,7)	3,8	3,3	(13,2)
PE	0,2	0,2	-	4.000	5.259	31,5	0,8	1,1	37,5
AL	2,8	2,8	-	6.220	5.796	(6,8)	17,4	16,2	(6,9)
SE	4,7	4,7	-	7.540	7.128	(5,5)	35,4	33,5	(5,4)
CENTRO- OESTE	41,3	40,1	(2,9)	5.532	5.428	(1,9)	228,5	217,6	(4,8)
MT	10,9	10,9	-	3.815	3.653	(4,2)	41,6	39,8	(4,3)
MS	15,5	14,3	(7,7)	6.000	6.100	1,7	93,0	87,2	(6,2)
GO	14,9	14,9	-	6.300	6.082	(3,5)	93,9	90,6	(3,5)
SUDESTE	9,0	8,9	(1,1)	4.429	4.472	1,0	39,9	39,9	-
MG	1,3	1,3	-	6.043	5.577	(7,7)	7,9	7,3	(7,6)
SP	7,7	7,6	(1,3)	4.157	4.283	3,0	32,0	32,6	1,9
SUL	1.267,9	1.244,2	(1,9)	7.893	7.589	(3,8)	10.006,9	9.441,9	(5,6)
PR	19,8	19,9	0,5	7.704	7.255	(5,8)	152,5	144,4	(5,3)
SC	147,4	146,7	(0,5)	7.638	7.235	(5,3)	1.125,8	1.061,4	(5,7)
RS	1.100,7	1.077,6	(2,1)	7.930	7.643	(3,6)	8.728,6	8.236,1	(5,6)
NORTE/NORDESTE	138,3	139,8	1,1	5.943	5.716	(3,8)	821,8	799,1	(2,8)
CENTRO- SUL	1.318,2	1.293,2	(1,9)	7.795	7.500	(3,8)	10.275,3	9.699,4	(5,6)
BRASIL	1.456,5	1.433,0	(1,6)	7.619	7.326	(3,8)	11.097,1	10.498,5	(5,4)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.

8.1.4. FEIJÃO

A avaliação do cultivo de feijão primeira safra indica que a área total semeada reduzirá para 1.013 mil hectares e a produtividade esperada é de 1.193 kg/ha, re-

dução de 8,8% e 2,6%, respectivamente. Devido às tais reduções a produção está estimada em 1.208,4 mil toneladas, variação negativa de 11,2%.

8.1.4.1. FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

Feijão-comum cores

Em Minas Gerais, devido as chuvas em meados de novembro, os plantios foram retomados e já alcançam números expressivos. Apesar dos riscos de perdas, do atraso das chuvas e da instabilidade de preços, esta leguminosa é cultivada em praticamente todos os municípios mineiros, ainda que em alguns apenas para autoconsumo.

Projeta-se para esta safra, redução de área de 2,2% em relação a última, entretanto, as expectativas são melhores se comparada ao levantamento anterior, tanto

em relação a área como a produtividade. Fatos decorrente do clima favorável, que propicia condições ideais para o plantio e contribui para o desenvolvimento das lavouras implantadas.

De modo geral, os plantios encontram-se mais avançados no sul do estado, onde o clima, geralmente, é mais ameno. Nesta região já observa-se feijoeiro com bom aspecto vegetativo, inclusive, nas lavouras consorciadas com café



Figura 15 - Lavoura de feijão-comum cores consorciada com café no sul de Minas Gerais.



Fonte: Conab.

Em São Paulo as condições hídricas do solo pesam muito no rendimento do feijoeiro, principalmente durante o período de baixa incidência de chuvas, causando implicações diretas ao desenvolvimento da planta e nos seus processos de crescimento e maturação.

Para garantir maior rendimento do feijão, a irrigação por aspersão, especificamente pivô central, é a tecnologia mais indicada. Diante dessa realidade diferenciada para a produção de feijão no estado, as áreas de feijão primeira safra (feijão das águas) estão sob pivô/irrigação, e as lavouras estão em excelentes condições. O feijão está com boas perspectivas, inclusive para a produtividade. Nos municípios Itapeva, Itaí, Taquaritiba e agora também Paranapanema, o plantio de feijão primeira safra está mais intenso. Os produtores tem buscam maior quantidade de semente de feijão, fato que está diretamente relacionado à preço. Itapeva foi evidenciada áreas relevantes ocupadas pela cultura.

Pois no caso particular da região de Paranapanema, os produtores, em sua maioria de origem holandesa, aumentaram o interesse pelo produto. E os preços foi determinante para esse fato, isso já ocorreu no ciclo anterior e se repete para essa safra. São áreas extensas ocupadas pelo plantio de feijão.

Quanto a colheita, ela deverá se consolidar entre novembro e dezembro, como em safras anteriores. Ainda assim, alguns poucos produtores já começavam a bater feijão em algumas propriedades. Esse levantamento apresenta um recuo de 25% na área, basicamente na região de Itapeva.

No Paraná, o plantio de feijão-comum cores apresentou uma redução de ocupação em torno de 3,6%, totalizando 79,1 mil hectares. O desestímulo com os preços baixos no momento do plantio e a maior ren-

tabilidade na cultura da soja constituem fatores determinantes para a redução da área. O plantio deve encerrar no início de dezembro, uma vez que 98% da área já se encontra plantada. Estima-se rendimento de 1.746 kg/ha. O plantio de feijão-comum cores, assim como ocorre com o milho, está migrando para a segunda safra, dando lugar para a soja da primeira safra. A colheita iniciou em novembro e já atingiu aproximadamente 2% da área.

No Rio Grande do Sul ainda não foi iniciada a semeadura na região dos Campos de Cima da Serra e Serra, principal região produtora, que tende a se concentrar após a semeadura da soja. A expectativa é de manutenção da área em relação à safra passada, de 10 mil hectares e estima-se uma produtividade de 2.477 kg/ha, aumento de 3,2%.

Em Santa Catarina, em torno de 35% das lavouras a serem destinadas ao cultivo do feijão-comum cores encontram-se implantadas. A diferença entre esse índice e o registrado para o feijão-comum preto se justifica pela maior parte das lavouras de feijão-carioca estarem localizadas em regiões mais altas e, conseqüentemente, mais frias, onde o cultivo se dá mais tarde. Do total semeado, até o momento, em torno de 49% se encontra em estágio vegetativo, seguido por floração (35%), germinação/emergência (15%) e menos de 1% em granação. As condições das lavouras são consideradas boas, apesar das temperaturas baixas registradas nas últimas semanas, as quais estão retardando, em parte o desenvolvimento das plantas. As precipitações abundantes e localizadas prejudicaram a implantação e qualidade de algumas lavouras, favorecendo o surgimento de algumas doenças. Observa-se leve aumento de área para a classe cores, em torno de 1% em relação à safra passada, devendo alcançar em torno de 31,7 mil hectares.



No Distrito Federal, a primeira safra de feijão, também conhecida como safra das águas, configura a mesma área da safra anterior. Estima-se uma produtividade média de 2.040 Kg/ha, ou seja, 7,4% superior à registrada na safra passada, o que poderá resultar em uma produção de 22,2 mil toneladas, superior em 7,2% à obtida na safra 2016/17, ocasionado, sobretudo, pelo combate severo à mosca-branca.

A Secretaria de Agricultura do Distrito Federal salienta que os agricultores e produtores do Distrito Federal estão cientes da importância da mobilização ao combate da mosca-branca. A semeadura já foi concluída e as lavouras ultrapassam o excelente estágio de germinação. A área segregada com feijão-comum cores e comum preto primeira safra corresponde a 90% e 10%, respectivamente, nessa safra não se verifica o plantio de feijão-caupi.

Em Goiás algumas áreas já foram semeadas, porém, a falta de chuvas prejudicou o desenvolvimento inicial da cultura. Nessa primeira safra de feijão os ataques de pragas e doenças é menor em relação às demais safras da cultura. A expectativa dos produtores é que os preços possam ser mais atrativos com a colheita no verão. Muitos produtores tradicionais de algodão safrinha cultivam feijão primeira safra principalmente no sudoeste goiano. Na região leste do estado os produtores ainda estão incertos sobre área a ser cul-

Feijão-comum preto

No Paraná, a semeadura já está concluída, observa-se aumento de área de aproximadamente 4,5% em relação à safra passada, chegando aos 117 mil hectares. Esse aumento ocorre em detrimento à cultura do milho, uma vez que os produtores apostaram na recuperação dos preços no momento da venda. O excesso de chuvas em outubro e o frio em novembro na região produtora interferiu o desenvolvimento das lavouras, bem como provocou a incidência de fungos de solo.

Nas regiões noroeste e central do Rio Grande do Sul, a maior parte das áreas já foi semeada e o desenvolvimento da cultura é considerado bom. Apenas deve ser citada a ocorrência de temperaturas muito baixas para o período, que tem limitado o crescimento da cultura. Na região dos Campos de Cima da Serra, importante polo produtor, recém iniciaram-se as operações, que ainda não atingiram 5%. Das áreas já estabelecidas, respectivamente 13, 10 e 8% encontram-se floração, frutificação e maturação e o restante em de-

velopando, principalmente devido à falta de estabilidade do mercado para a cultura. Estima-se redução de 2,8% na área e a manutenção da produtividade em relação à safra passada.

Em Mato Grosso a primeira safra 2017/18 de feijão tende a ser maior do que a registrada na temporada anterior, passando de 4,4 mil hectares no ciclo 2016/17, para 6,2 mil hectares em 2017/18, aumento de 40,9%. Esse cultivo é predominante na região oeste e sudeste do estado, onde se encontram lavouras em fase de desenvolvimento vegetativo e em floração.

As melhores condições climáticas também têm contribuído para a expectativa de recuperação da produtividade da variedade em todo o estado, que está estimada em 2.027 kg/ha. Com isso, a produção do feijão-comum cores deve ficar em 12,6 mil toneladas, volume 43,2% maior do que o observado na última safra, quando foram contabilizadas 8,8 mil toneladas.

Na Bahia, estima-se que a área de plantio deverá ser de 34,6 mil hectares, representando uma variação negativa de 39,3% em relação à safra passada. Em relação à produtividade, essa poderá atingir 600 kg/ha, variação negativa de 30,4%. Essa redução se deve ao ajuste de área cultivada, informando o cultivo, separando em primeira e segunda safras. A segunda safra ocorre no oeste da Bahia em manejo irrigado.

desenvolvimento vegetativo. A expectativa é de manutenção da área da safra passada, que ficou em 31,8 mil hectares.

Em Santa Catarina aproximadamente 90% das lavouras destinadas ao cultivo do feijão-comum preto se encontram semeadas. Dessas, 64% estão em desenvolvimento vegetativo, 27% em floração e o restante se divide em germinação/emergência e granação, esta, observada na região oeste, onde o cultivo se inicia mais cedo devido ao clima mais ameno no início da primavera. Considera-se de boa a regular as condições das lavouras, haja vista que a temperatura baixa, principalmente no período noturno, ainda perdura na maioria das regiões e vem influenciando negativamente no desenvolvimento das lavouras. Aliada a isso, chuvas em volume excessivo em curto espaço de tempo estão dando condições para o surgimento de doenças foliares e, em alguns casos, radiculares, as quais podem afetar o potencial produtivo de algumas lavouras.



As informações levantadas indicam um incremento da área a ser cultivada nessa safra, na ordem de 7,1%, podendo resultar em 21,3 mil hectares. Parte da área deve migrar das áreas de milho e, em alguns casos, de feijão-comum cores nas regiões onde se cultivam as duas classes. O aumento da área pode ser resultado do interesse por parte do produtor em cultivar duas safras do produto na mesma área ou, o plantio da soja em sucessão, haja vista que essa deve ser semeada até 11 de fevereiro, respeitando o período de vazio sanitário em vigência. As expectativas de mercado futuro também influenciam na decisão do produtor em investir na cultura, que tem retorno mais rápido do investimento devido ao ciclo mais curto em relação às

demais culturas de verão.

Nas regiões central e Zona da Mata, em Minas Gerais, a maior parte da área já se encontra semeada, com tendência de redução devido aos atrasos das chuvas e aumento da produtividade, embasado pelo otimismo dos produtores, que esperam melhores condições climáticas, tanto para o desenvolvimento como para a colheita do produto.

No Rio de Janeiro a cultura é basicamente cultivada por agricultores familiares, para subsistência e pequenas comercializações. As lavouras estão em fase de desenvolvimento vegetativo e em boas condições.

Feijão-caupi

Na Bahia, estima-se que a área de plantio deverá ser 112,1 mil hectares, representando uma variação negativa de 34% em relação à safra passada e poderá atingir 350 kg/ha. Essa redução deve ao ajuste de área cultivada, informando o cultivo, separando em primeira e segunda safras. Posto que a segunda safra ocorre no oeste da Bahia em manejo de sequeiro e irrigado.

No Maranhão, a ausência de chuvas não possibilitou ainda o início da semeadura. A área total deve aumentar, passando de 36,4 mil hectares para 37,4 mil hectares, o que representa um aumento de 2,7%.

O plantio do feijão-caupi, no Mato Grosso não se iniciou, contudo estima-se que sejam semeados, na primeira quinzena mês de dezembro, 6,4 mil hectares na região sudeste do estado, área semelhante à destinada à cultura na safra anterior. A produtividade estimada é de 1.242 kg/ha e a produção de 7,9 mil toneladas,

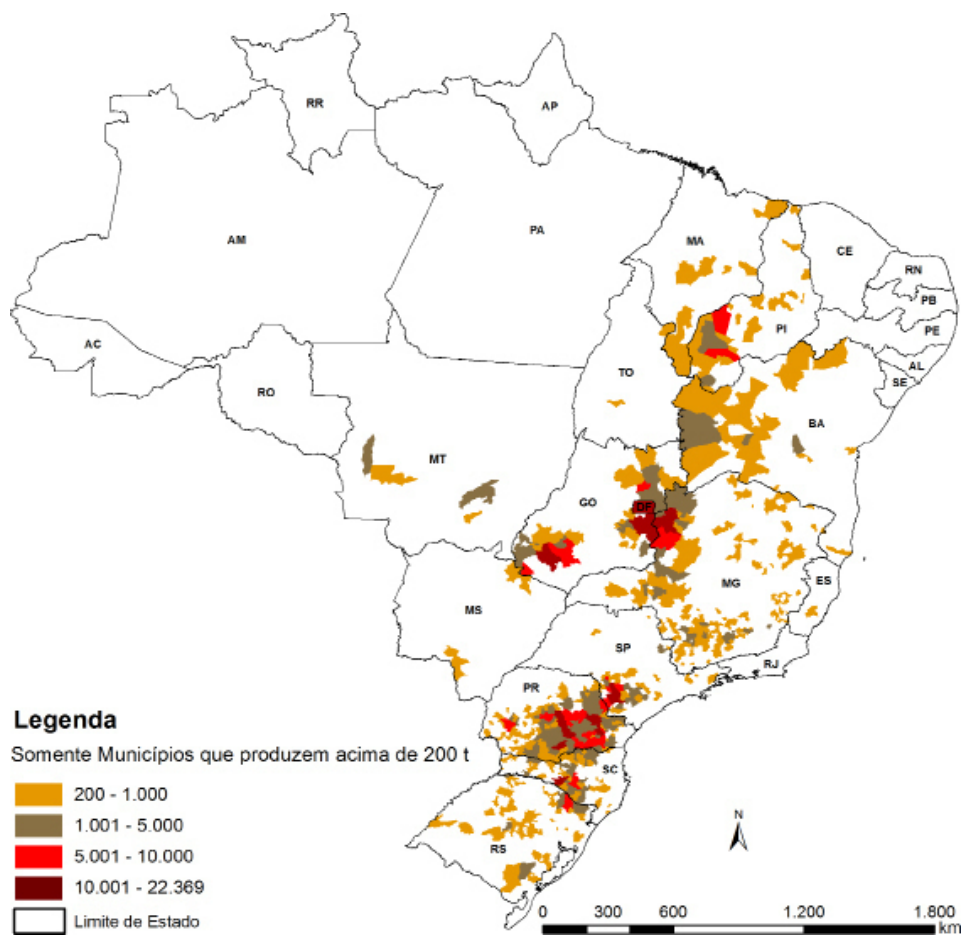
2,6% superior a safra 2016/17.

Em Minas Gerais, a área de feijão-caupi deve sofrer uma pequena redução em relação à safra anterior. Na safra passada perdeu-se 30% da área plantada em função do clima, visto que em alguns municípios as perdas chegaram a 80%, não compensando, muitas vezes, a colheita. Caso as condições climáticas sejam boas, espera-se uma produtividade média de 567 kg/ha.

Em Tocantins, verificou-se um aumento na área a ser cultivada com a leguminosa nessa safra. É cultivada basicamente pelos agricultores familiares em lavouras de pequeno porte com vistas ao consumo familiar e parte destinada à comercialização em feiras locais, comercializados diretamente ou através dos atravessadores. Apesar do baixo rendimento econômico, a cultura é de grande importância para essas famílias de pequenos agricultores.



Figura 16 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra



Fonte: Conab/IBGE.



Quadro 5 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão primeira safra

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra											
		JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
PI	Centro-Norte Piauiense							P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C
	Sudoeste Piauiense						P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
	Sudeste Piauiense							P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Vale São-Franciscano da Bahia					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Centro Norte Baiano					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C	
	Centro Sul Baiano					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
MT	Sudeste Mato-grossense					P/G	DV	F	F/FR/M	M/C			
	Norte Mato-grossense					P/G	DV/F	F/FR	M/C	C			
GO	Leste Goiano				P/G	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sul Goiano				P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C				
	Norte Goiano				P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C				
DF	Distrito Federal				PP	P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C			
MG	Noroeste de Minas				P/G	DV/F	F/FR	M/C	C				
	Norte de Minas				P/G	DV/F	F/FR	M/C	C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba				P/G	DV/F	F/FR	M/C	C				
	Oeste de Minas				P/G	DV/F	F/FR	M/C	C				
	Sul/Sudoeste de Minas				P/G	DV/F	F/FR	M/C	C				
	Campo das Vertentes				P/G	DV/F	F/FR	M/C	C				
	Zona da Mata				P/G	DV/F	F/FR	M/C	C				
SP**	Bauru	PP	P/G	DV/F	FR	FR/M	M/C	C					
	Assis	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Itapetininga	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
PR	Norte Central Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Norte Pioneiro Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Centro Oriental Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Oeste Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense			P/G/DV	G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sudeste Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
Metropolitana de Curitiba			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
SC	Oeste Catarinense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Norte Catarinense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Serrana			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
RS	Noroeste Rio-grandense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M/C	M/C	C			
	Nordeste Rio-grandense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C			
	Metropolitana de Porto Alegre			P/G	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C			

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 15 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,8	6,1	27,1	649	647	(0,4)	3,1	3,9	25,8
TO	4,8	6,1	27,1	649	647	(0,4)	3,1	3,9	25,8
NORDESTE	490,2	411,0	(16,2)	453	316	(30,2)	222,1	129,9	(41,5)
MA	36,4	37,4	2,7	570	530	(7,0)	20,7	19,8	(4,3)
PI	226,9	226,9	-	294	221	(24,8)	66,7	50,1	(24,9)
BA	226,9	146,7	(35,3)	594	409	(31,1)	134,7	60,0	(55,5)
CENTRO-OESTE	81,5	81,5	-	2.203	2.219	0,7	179,5	180,8	0,7
MT	10,8	12,6	16,7	1.525	1.628	6,8	16,5	20,5	24,2
MS	0,8	0,6	(25,0)	1.800	1.868	3,8	1,4	1,1	(21,4)
GO	57,8	56,2	(2,8)	2.400	2.400	-	138,7	134,9	(2,7)
DF	12,1	12,1	-	1.895	2.011	6,1	22,9	24,3	6,1
SUDESTE	247,3	223,5	(9,6)	1.651	1.626	(1,5)	408,3	363,3	(11,0)
MG	161,0	157,5	(2,2)	1.213	1.305	7,6	195,2	205,6	5,3
ES	4,6	4,6	-	1.174	1.113	(5,2)	5,4	5,1	(5,6)
RJ	0,6	0,6	-	1.127	1.075	(4,6)	0,7	0,6	(14,3)
SP	81,1	60,8	(25,0)	2.552	2.500	(2,0)	207,0	152,0	(26,6)
SUL	287,2	290,9	1,3	1.907	1.824	(4,3)	547,6	530,5	(3,1)
PR	194,1	196,1	1,0	1.880	1.775	(5,5)	364,8	348,1	(4,6)
SC	51,3	53,0	3,3	2.160	2.040	(5,5)	110,8	108,1	(2,4)
RS	41,8	41,8	-	1.721	1.777	3,2	72,0	74,3	3,2
NORTE/NORDESTE	495,0	417,1	(15,7)	455	321	(29,5)	225,2	133,8	(40,6)
CENTRO-SUL	616,0	595,9	(3,3)	1.843	1.804	(2,1)	1.135,4	1.074,6	(5,4)
BRASIL	1.111,0	1.013,0	(8,8)	1.225	1.193	(2,6)	1.360,6	1.208,4	(11,2)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2017.

Tabela 16 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	1,2	1,2	-	1.850	1.750	(5,4)	2,2	2,1	(4,5)
DF	1,2	1,2	-	1.850	1.750	(5,4)	2,2	2,1	(4,5)
SUDESTE	9,8	9,7	(1,0)	965	989	2,5	9,5	9,5	-
MG	6,9	6,8	(1,9)	838	898	7,2	5,8	6,1	5,2
ES	2,3	2,3	-	1.304	1.237	(5,1)	3,0	2,8	(6,7)
RJ	0,6	0,6	-	1.127	1.075	(4,6)	0,7	0,6	(14,3)
SUL	163,7	170,1	3,9	1.880	1.789	(4,9)	307,8	304,2	(1,2)
PR	112,0	117,0	4,5	1.929	1.795	(6,9)	216,0	210,0	(2,8)
SC	19,9	21,3	7,1	2.200	2.100	(4,5)	43,8	44,7	2,1
RS	31,8	31,8	-	1.508	1.557	3,2	48,0	49,5	3,1
CENTRO-SUL	174,7	181,0	3,6	1.829	1.746	(4,5)	319,5	315,8	(1,2)
BRASIL	174,7	181,0	3,6	1.829	1.746	(4,5)	319,5	315,8	(1,2)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.



Tabela 17 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,4	0,2	(50,0)	1.080	1.111	2,9	0,4	0,2	(50,0)
TO	0,4	0,2	(50,0)	1.080	1.111	2,9	0,4	0,2	(50,0)
NORDESTE	57,0	34,6	(39,3)	862	600	(30,4)	49,1	20,8	(57,6)
BA	57,0	34,6	(39,3)	862	600	(30,4)	49,1	20,8	(57,6)
CENTRO-OESTE	73,9	73,9	-	2.296	2.311	0,7	169,6	170,8	0,7
MT	4,4	6,2	40,9	1.998	2.027	1,5	8,8	12,6	43,2
MS	0,8	0,6	(25,0)	1.800	1.868	3,8	1,4	1,1	(21,4)
GO	57,8	56,2	(2,8)	2.400	2.400	-	138,7	134,9	(2,7)
DF	10,9	10,9	-	1.900	2.040	7,4	20,7	22,2	7,2
SUDESTE	223,4	200,0	(10,5)	1.752	1.730	(1,3)	391,5	346,0	(11,6)
MG	140,0	136,9	(2,2)	1.301	1.400	7,6	182,1	191,7	5,3
ES	2,3	2,3	-	1.043	989	(5,2)	2,4	2,3	(4,2)
SP	81,1	60,8	(25,0)	2.552	2.500	(2,0)	207,0	152,0	(26,6)
SUL	123,5	120,8	(2,2)	1.941	1.873	(3,5)	239,8	226,3	(5,6)
PR	82,1	79,1	(3,6)	1.812	1.746	(3,6)	148,8	138,1	(7,2)
SC	31,4	31,7	0,9	2.134	2.000	(6,3)	67,0	63,4	(5,4)
RS	10,0	10,0	-	2.400	2.477	3,2	24,0	24,8	3,3
NORTE/NORDESTE	57,4	34,8	(39,4)	864	603	(30,2)	49,5	21,0	(57,6)
CENTRO-SUL	420,8	394,7	(6,2)	1.903	1.882	(1,1)	800,9	743,1	(7,2)
BRASIL	478,2	429,5	(10,2)	1.779	1.779	-	850,4	764,1	(10,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.

Tabela 18 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,4	5,9	34,1	610	631	3,4	2,7	3,7	37,0
TO	4,4	5,9	34,0	610	631	3,4	2,7	3,7	37,0
NORDESTE	433,2	376,4	(13,1)	400	290	(27,4)	173,0	109,1	(36,9)
MA	36,4	37,4	2,7	570	530	(7,0)	20,7	19,8	(4,3)
PI	226,9	226,9	-	294	221	(24,8)	66,7	50,1	(24,9)
BA	169,9	112,1	(34,0)	504	350	(30,6)	85,6	39,2	(54,2)
CENTRO-OESTE	6,4	6,4	-	1.200	1.242	3,5	7,7	7,9	2,6
MT	6,4	6,4	-	1.200	1.242	3,5	7,7	7,9	2,6
SUDESTE	14,1	13,8	(2,1)	519	567	9,2	7,3	7,8	6,8
MG	14,1	13,8	(2,1)	519	567	9,2	7,3	7,8	6,8
NORTE/NORDESTE	437,6	382,3	(12,6)	402	295	(26,5)	175,7	112,8	(35,8)
CENTRO-SUL	20,5	20,2	(1,5)	732	781	6,7	15,0	15,7	4,7
BRASIL	458,1	402,5	(12,1)	416	320	(23,2)	190,7	128,5	(32,6)

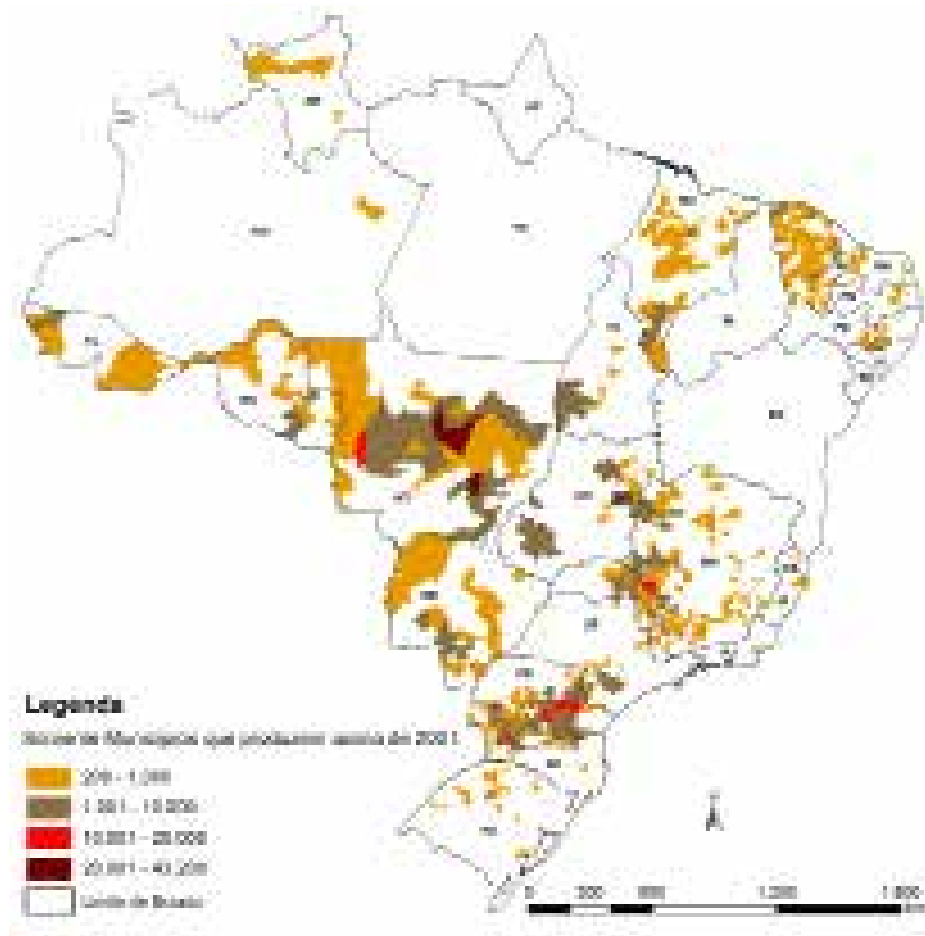
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.



8.1.4.2. FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Figura 17 – Mapa da produção agrícola – Feijão segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.



Quadro 6 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão segunda safra

UF	Mesorregiões	Feijão segunda safra											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
RO	Leste Rondoniense						P	DV	F	FR	M/C	C	
	Oeste Maranhense						P	DV	F	FR	M/C	C	
MA	Centro Maranhense						P	DV	F	FR	M/C	C	
	Sul Maranhense						P	DV	F	FR	M/C	C	
CE	Noroeste Cearense						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Norte Cearense						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Sertões Cearenses						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul						PP	P/G	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	
MT	Norte Mato						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Nordeste Mato						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Sudeste Mato						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
GO	Noroeste Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Norte Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Leste Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Sul Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
MG	Noroeste de Minas						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Central Mineira						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Vale do Rio Doce						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Oeste de Minas						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Sul/Sudoeste de Minas						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Campo das Vertentes						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Zona da Mata						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
ES	Central Espírito-Santense						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
SP	Campinas						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Assis						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Itapetininga						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
PR	Norte Central Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Centro Oriental Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Oeste Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Sudoeste Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Centro-Sul Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Sudeste Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Metropolitana de Curitiba					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
SC	Oeste Catarinense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Norte Catarinense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Sul Catarinense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
RS	Noroeste Rio-grandense					P	P/G	DV/F	FR	M/C	C		

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média Restrição -Excesso de Chuvas
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 19 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	55,9	55,9	-	1.171	972	(17,0)	65,4	54,4	(16,8)
RO	19,3	19,3	-	971	838	(13,7)	18,7	16,2	(13,4)
AC	7,6	7,6	-	593	605	2,1	4,5	4,6	2,2
AM	3,8	3,8	-	1.239	1.053	(15,0)	4,7	4,0	(14,9)
AP	1,4	1,4	-	944	933	(1,2)	1,3	1,3	-
TO	23,8	23,8	-	1.520	1.187	(21,9)	36,2	28,3	(21,8)
NORDESTE	669,0	729,0	9,0	307	337	9,6	205,6	245,6	19,5
MA	51,4	51,4	-	699	512	(26,8)	35,9	26,3	(26,7)
PI	6,3	6,3	-	572	588	2,8	3,6	3,7	2,8
CE	407,0	407,0	-	292	274	(6,2)	118,8	111,4	(6,2)
RN	35,8	35,8	-	347	341	(1,7)	12,4	12,2	(1,6)
PB	90,0	90,0	-	316	283	(10,4)	28,4	25,5	(10,2)
PE	78,5	78,5	-	83	133	60,8	6,5	10,5	61,5
BA	-	60,0	-	-	933	-	-	56,0	-
CENTRO- OESTE	276,6	276,6	-	1.264	1.254	(0,7)	349,6	346,9	(0,8)
MT	230,7	230,7	-	1.172	1.196	2,0	270,3	275,8	2,0
MS	26,0	26,0	-	1.692	1.441	(14,8)	44,0	37,5	(14,8)
GO	19,0	19,0	-	1.750	1.680	(4,0)	33,3	31,9	(4,2)
DF	0,9	0,9	-	2.189	1.935	(11,6)	2,0	1,7	(15,0)
SUDESTE	138,8	138,8	-	1.367	1.371	0,3	189,7	190,4	0,4
MG	116,8	116,8	-	1.331	1.342	0,9	155,4	156,8	0,9
ES	6,1	6,1	-	1.049	1.013	(3,4)	6,4	6,2	(3,1)
RJ	1,2	1,2	-	1.008	969	(3,9)	1,2	1,2	-
SP	14,7	14,7	-	1.815	1.784	(1,7)	26,7	26,2	(1,9)
SUL	286,6	286,6	-	1.363	1.473	8,1	390,6	422,3	8,1
PR	249,0	249,0	-	1.370	1.474	7,6	341,2	367,1	7,6
SC	18,3	18,3	-	1.417	1.439	1,6	25,9	26,3	1,5
RS	19,3	19,3	-	1.220	1.496	22,6	23,5	28,9	23,0
NORTE/NORDESTE	724,9	784,9	8,3	374	382	2,2	271,0	300,0	10,7
CENTRO-SUL	702,0	702,0	-	1.325	1.367	3,2	929,9	959,6	3,2
BRASIL	1.426,9	1.486,9	4,2	842	847	0,6	1.200,9	1.259,6	4,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.



Tabela 20 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	1,1	1,1	-	405	363	(10,4)	0,4	0,4	-
PB	1,1	1,1	-	405	363	(10,4)	0,4	0,4	-
CENTRO- OESTE	1,1	1,1	-	1.555	1.330	(14,5)	1,7	1,5	(11,8)
MS	1,0	1,0	-	1.500	1.277	(14,9)	1,5	1,3	(13,3)
DF	0,1	0,1	-	2.100	1.856	(11,6)	0,2	0,2	-
SUDESTE	10,1	10,1	-	937	930	(0,8)	9,5	9,4	(1,1)
MG	6,4	6,4	-	931	939	0,9	6,0	6,0	-
ES	2,5	2,5	-	920	888	(3,5)	2,3	2,2	(4,3)
RJ	1,2	1,2	-	1.008	969	(3,9)	1,2	1,2	-
SUL	122,4	122,4	-	1.378	1.501	9,0	168,6	183,8	9,0
PR	88,6	88,6	-	1.418	1.525	7,5	125,6	135,1	7,6
SC	14,5	14,5	-	1.343	1.364	1,6	19,5	19,8	1,5
RS	19,3	19,3	-	1.220	1.496	22,6	23,5	28,9	23,0
NORTE/NORDESTE	1,1	1,1	-	405	363	(10,4)	0,4	0,4	-
CENTRO- SUL	133,6	133,6	-	1.346	1.457	8,2	179,8	194,7	8,3
BRASIL	134,7	134,7	-	1.338	1.448	8,2	180,2	195,1	8,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.

Tabela 21 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	32,2	32,2	-	956	837	(12,4)	30,7	27,0	(12,1)
RO	19,3	19,3	-	971	838	(13,7)	18,7	16,2	(13,4)
AC	5,6	5,6	-	580	592	2,1	3,2	3,3	3,1
AM	3,8	3,8	-	1.239	1.053	(15,0)	4,7	4,0	(14,9)
AP	1,4	1,4	-	944	933	(1,2)	1,3	1,3	-
TO	2,1	2,1	-	1.312	1.025	(21,9)	2,8	2,2	(21,4)
NORDESTE	32,1	42,1	31,2	414	668	61,3	13,3	28,2	112,0
CE	2,8	2,8	-	565	530	(6,2)	1,6	1,5	(6,3)
PB	25,7	25,7	-	447	400	(10,5)	11,5	10,3	(10,4)
PE	3,6	3,6	-	62	101	62,9	0,2	0,4	100,0
BA	-	10,0	-	-	1.600	-	-	16,0	-
CENTRO- OESTE	73,2	73,2	-	1.769	1.677	(5,2)	129,6	122,8	(5,2)
MT	28,4	28,4	-	1.831	1.869	2,1	52,0	53,1	2,1
MS	25,0	25,0	-	1.700	1.448	(14,8)	42,5	36,2	(14,8)
GO	19,0	19,0	-	1.750	1.680	(4,0)	33,3	31,9	(4,2)
DF	0,8	0,8	-	2.200	1.945	(11,6)	1,8	1,6	(11,1)
SUDESTE	128,6	128,6	-	1.401	1.406	0,4	180,1	180,9	0,4
MG	110,3	110,3	-	1.354	1.366	0,9	149,3	150,7	0,9
ES	3,6	3,6	-	1.139	1.100	(3,4)	4,1	4,0	(2,4)
SP	14,7	14,7	-	1.815	1.784	(1,7)	26,7	26,2	(1,9)
SUL	164,2	164,2	-	1.352	1.452	7,4	222,1	238,5	7,4
PR	160,4	160,4	-	1.344	1.446	7,6	215,6	231,9	7,6
SC	3,8	3,8	-	1.700	1.726	1,5	6,5	6,6	1,5
NORTE/NORDESTE	64,3	74,3	15,6	685	741	8,2	44,0	55,2	25,5
CENTRO- SUL	366,0	366,0	-	1.453	1.481	2,0	531,8	542,2	2,0
BRASIL	430,3	440,3	2,3	1.338	1.356	1,4	575,8	597,4	3,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.



Tabela 22 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	23,7	23,7	-	1.463	1.156	(21,0)	34,7	27,4	(21,0)
AC	2,0	2,0	-	630	643	2,1	1,3	1,3	-
TO	21,7	21,7	-	1.540	1.203	(21,9)	33,4	26,1	(21,9)
NORDESTE	635,8	685,8	7,9	302	317	4,8	191,9	217,0	13,1
MA	51,4	51,4	-	699	512	(26,8)	35,9	26,3	(26,7)
PI	6,3	6,3	-	572	588	2,8	3,6	3,7	2,8
CE	404,2	404,2	-	290	272	(6,2)	117,2	109,9	(6,2)
RN	35,8	35,8	-	347	341	(1,7)	12,4	12,2	(1,6)
PB	63,2	63,2	-	261	234	(10,3)	16,5	14,8	(10,3)
PE	74,9	74,9	-	84	135	60,7	6,3	10,1	60,3
BA	-	50,0	-	-	800	-	-	40,0	-
CENTRO-OESTE	202,3	202,3	-	1.079	1.101	2,0	218,3	222,7	2,0
MT	202,3	202,3	-	1.079	1.101	2,0	218,3	222,7	2,0
SUDESTE	0,1	0,1	-	1.013	1.022	0,9	0,1	0,1	-
MG	0,1	0,1	-	1.013	1.022	0,9	0,1	0,1	-
NORTE/NORDESTE	659,5	709,5	7,6	344	345	0,3	226,6	244,4	7,9
CENTRO-SUL	202,4	202,4	-	1.079	1.101	2,0	218,4	222,8	2,0
BRASIL	861,9	911,9	5,8	516	512	(0,8)	445,0	467,2	5,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.

8.1.4.3. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Quadro 7 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão terceira safra

UF	Mesorregiões	Feijão segunda safra												
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	
MT	Norte Mato-grossense	C									P/DV	DV/F	F/FR/M	M/C
	Sudeste Mato-grossense	C									P/DV	DV/F	F/FR/M	M/C
GO	Noroeste Goiano	C									P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Norte Goiano	C									P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Leste Goiano	C									P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Sul Goiano	C									P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
MG	Noroeste de Minas	C									P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	C									P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
SP	Ribeirão Preto	C								PP	P/DV	F/FR/M	FR/M	M/C
	Araçatuba	C								PP	P/DV	F/FR/M	FR/M	M/C
	Bauru	C								PP	P/DV	DV/F	FR/M	M/C
	Campinas	C								PP	P/DV	DV/F	FR/M	M/C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média Restrição - Excesso de Chuvas
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 23 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	52,2	52,2	-	1.190	968	(18,7)	62,2	50,6	(18,6)
RR	2,4	2,4	-	650	650	-	1,6	1,6	-
PA	34,3	34,3	-	825	713	(13,6)	28,3	24,5	(13,4)
TO	15,5	15,5	-	2.081	1.581	(24,0)	32,3	24,5	(24,1)
NORDESTE	386,8	386,8	-	649	613	(5,6)	251,1	237,2	(5,5)
PE	107,6	107,6	-	478	494	3,3	51,4	53,1	3,3
AL	40,1	40,1	-	520	448	(13,7)	20,8	18,0	(13,5)
SE	15,2	15,2	-	871	677	(22,3)	13,2	10,3	(22,0)
BA	223,9	223,9	-	740	696	(6,0)	165,7	155,8	(6,0)
CENTRO-OESTE	116,8	116,8	-	2.632	2.621	(0,4)	307,4	306,2	(0,4)
MT	53,7	53,7	-	2.369	2.299	(3,0)	127,2	123,5	(2,9)
GO	60,0	60,0	-	2.850	2.889	1,4	171,0	173,3	1,3
DF	3,1	3,1	-	2.962	3.020	2,0	9,2	9,4	2,2
SUDESTE	82,2	82,2	-	2.586	2.605	0,7	212,6	214,2	0,8
MG	70,4	70,4	-	2.619	2.656	1,4	184,4	187,0	1,4
SP	11,8	11,8	-	2.392	2.305	(3,6)	28,2	27,2	(3,5)
SUL	4,4	4,4	-	1.009	950	(5,8)	4,4	4,2	(4,5)
PR	4,4	4,4	-	1.009	950	(5,8)	4,4	4,2	(4,5)
NORTE/NORDESTE	439,0	439,0	-	714	655	(8,2)	313,3	287,8	(8,1)
CENTRO-SUL	203,4	203,4	-	2.578	2.579	-	524,4	524,6	-
BRASIL	642,4	642,4	-	1.304	1.264	(3,1)	837,7	812,4	(3,0)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.

Tabela 24 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	6,6	6,6	-	794	665	(16,3)	5,3	4,4	(17,0)
PA	6,1	6,1	-	638	551	(13,6)	3,9	3,4	(12,8)
TO	0,5	0,5	-	2.701	2.052	(24,0)	1,4	1,0	(28,6)
NORDESTE	329,5	329,5	-	679	639	(5,9)	223,8	210,6	(5,9)
PE	72,2	72,2	-	510	527	3,3	36,8	38,0	3,3
AL	29,8	29,8	-	490	423	(13,7)	14,6	12,6	(13,7)
SE	15,2	15,2	-	871	677	(22,3)	13,2	10,3	(22,0)
BA	212,3	212,3	-	750	705	(6,0)	159,2	149,7	(6,0)
CENTRO-OESTE	116,3	116,3	-	2.634	2.623	(0,4)	306,3	305,1	(0,4)
MT	53,7	53,7	-	2.369	2.299	(3,0)	127,2	123,5	(2,9)
GO	60,0	60,0	-	2.850	2.889	1,4	171,0	173,3	1,3
DF	2,6	2,6	-	3.120	3.181	2,0	8,1	8,3	2,5
SUDESTE	82,0	82,0	-	2.590	2.609	0,7	212,3	213,9	0,8
MG	70,2	70,2	-	2.623	2.660	1,4	184,1	186,7	1,4
SP	11,8	11,8	-	2.392	2.305	(3,6)	28,2	27,2	(3,5)
SUL	4,4	4,4	-	1.009	950	(5,8)	4,4	4,2	(4,5)
PR	4,4	4,4	-	1.009	950	(5,8)	4,4	4,2	(4,5)
NORTE/NORDESTE	336,1	336,1	-	682	640	(6,2)	229,1	215,0	(6,2)
CENTRO-SUL	202,7	202,7	-	2.581	2.581	-	523,0	523,2	-
BRASIL	538,8	538,8	-	1.396	1.370	(1,9)	752,1	738,2	(1,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.



Tabela 25 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	13,9	13,9	-	510	645	26,5	7,1	9,0	26,8
PE	13,9	13,9	-	510	645	26,5	7,1	9,0	26,8
CENTRO-OESTE	0,2	0,2	-	3.100	3.161	2,0	0,6	0,6	-
DF	0,2	0,2	-	3.100	3.161	2,0	0,6	0,6	-
SUDESTE	0,2	0,2	-	1.100	1.116	1,5	0,2	0,2	-
MG	0,2	0,2	-	1.100	1.116	1,5	0,2	0,2	-
NORTE/NORDESTE	13,9	13,9	-	510	645	26,5	7,1	9,0	26,8
CENTRO-SUL	0,4	0,4	-	2.100	2.139	1,8	0,8	0,8	-
BRASIL	14,3	14,3	-	554	687	23,9	7,9	9,8	24,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.

Tabela 26 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	45,6	45,6	-	1.247	1.012	(18,9)	56,9	46,2	(18,8)
RR	2,4	2,4	-	650	650	-	1,6	1,6	-
PA	28,2	28,2	-	866	748	(13,6)	24,4	21,1	(13,5)
TO	15,0	15,0	-	2.060	1.565	(24,0)	30,9	23,5	(23,9)
NORDESTE	43,4	43,4	-	466	405	(13,0)	20,2	17,6	(12,9)
PE	21,5	21,5	-	350	285	(18,6)	7,5	6,1	(18,7)
AL	10,3	10,3	-	605	522	(13,7)	6,2	5,4	(12,9)
BA	11,6	11,6	-	558	525	(5,9)	6,5	6,1	(6,2)
CENTRO-OESTE	0,3	0,3	-	1.500	1.529	1,9	0,5	0,5	-
DF	0,3	0,3	-	1.500	1.529	1,9	0,5	0,5	-
NORTE/NORDESTE	89,0	89,0	-	866	716	(17,4)	77,1	63,8	(17,3)
CENTRO-SUL	0,3	0,3	-	1.500	1.529	1,9	0,5	0,5	-
BRASIL	89,3	89,3	-	869	719	(17,2)	77,6	64,3	(17,1)

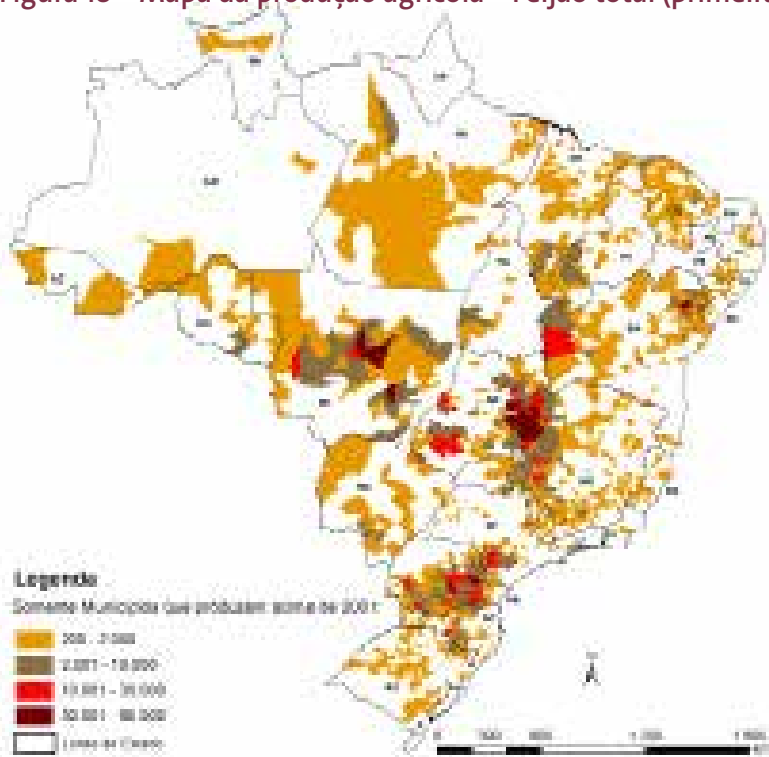
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.



8.1.4.4. FEIJÃO TOTAL

Figura 18 – Mapa da produção agrícola – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 27 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	112,9	114,2	1,2	1.158	953	(17,7)	130,6	108,9	(16,6)
RR	2,4	2,4	-	650	650	-	1,6	1,6	-
RO	19,3	19,3	-	971	838	(13,7)	18,7	16,2	(13,4)
AC	7,6	7,6	-	593	605	2,1	4,5	4,6	2,2
AM	3,8	3,8	-	1.239	1.053	(15,0)	4,7	4,0	(14,9)
AP	1,4	1,4	-	944	933	(1,2)	1,3	1,3	-
PA	34,3	34,3	-	825	713	(13,6)	28,3	24,5	(13,4)
TO	44,1	45,4	2,9	1.622	1.249	(23,0)	71,5	56,7	(20,7)
NORDESTE	1.546,0	1.526,8	(1,2)	439	401	(8,6)	679,1	612,7	(9,8)
MA	87,8	88,8	1,1	646	520	(19,5)	56,7	46,1	(18,7)
PI	233,2	233,2	-	302	231	(23,4)	70,3	53,8	(23,5)
CE	407,0	407,0	-	292	274	(6,2)	118,8	111,4	(6,2)
RN	35,8	35,8	-	347	341	(1,7)	12,4	12,2	(1,6)
PB	90,0	90,0	-	316	283	(10,4)	28,4	25,5	(10,2)
PE	186,1	186,1	-	311	342	9,8	58,0	63,6	9,7
AL	40,1	40,1	-	520	448	(13,7)	20,8	18,0	(13,5)
SE	15,2	15,2	-	871	677	(22,3)	13,2	10,3	(22,0)
BA	450,8	430,6	(4,5)	667	631	(5,3)	300,5	271,8	(9,6)
CENTRO- OESTE	474,9	474,9	-	1.761	1.756	(0,3)	836,5	833,9	(0,3)
MT	295,2	297,0	0,6	1.402	1.413	0,8	414,0	419,8	1,4
MS	26,8	26,6	(0,7)	1.696	1.451	(14,4)	45,4	38,6	(15,0)
GO	136,8	135,2	(1,2)	2.507	2.516	0,3	343,0	340,1	(0,8)
DF	16,1	16,1	-	2.117	2.201	4,0	34,1	35,4	3,8
SUDESTE	468,3	444,5	(5,1)	1.731	1.727	(0,2)	810,6	767,8	(5,3)
MG	348,2	344,7	(1,0)	1.536	1.594	3,7	535,0	549,3	2,7
ES	10,7	10,7	-	1.103	1.056	(4,2)	11,8	11,3	(4,2)
RJ	1,8	1,8	-	1.048	1.004	(4,1)	1,9	1,8	(5,3)
SP	107,6	87,3	(18,9)	2.434	2.353	(3,3)	261,9	205,4	(21,6)
SUL	578,2	581,9	0,6	1.630	1.645	0,9	942,7	957,1	1,5
PR	447,5	449,5	0,4	1.588	1.600	0,8	710,5	719,4	1,3
SC	69,6	71,3	2,4	1.964	1.886	(4,0)	136,7	134,5	(1,6)
RS	61,1	61,1	-	1.563	1.688	8,0	95,5	103,2	8,1
NORTE/NORDESTE	1.658,9	1.641,0	(1,1)	488	440	(9,9)	809,7	721,6	(10,9)
CENTRO-SUL	1.521,4	1.501,3	(1,3)	1.702	1.704	0,1	2.589,8	2.558,8	(1,2)
BRASIL	3.180,3	3.142,3	(1,2)	1.069	1.044	(2,3)	3.399,5	3.280,4	(3,5)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.



Tabela 28 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	15,0	15,0	-	502	624	24,3	7,5	9,4	25,3
PB	1,1	1,1	-	405	363	(10,4)	0,4	0,4	-
PE	13,9	13,9	-	510	645	26,5	7,1	9,0	26,8
CENTRO- OESTE	2,5	2,5	-	1.820	1.678	(7,8)	4,5	4,2	(6,7)
MS	1,0	1,0	-	1.500	1.277	(14,9)	1,5	1,3	(13,3)
DF	1,5	1,5	-	2.033	1.945	(4,3)	3,0	2,9	(3,3)
SUDESTE	20,1	20,0	(0,5)	953	961	0,8	19,2	19,1	(0,5)
MG	13,5	13,4	(0,7)	886	921	3,9	12,0	12,3	2,5
ES	4,8	4,8	-	1.104	1.055	(4,4)	5,3	5,0	(5,7)
RJ	1,8	1,8	-	1.048	1.004	(4,1)	1,9	1,8	(5,3)
SUL	286,1	292,5	2,2	1.665	1.668	0,2	476,4	488,0	2,4
PR	200,6	205,6	2,5	1.703	1.679	(1,4)	341,6	345,1	1,0
SC	34,4	35,8	4,1	1.839	1.802	(2,0)	63,3	64,5	1,9
RS	51,1	51,1	-	1.399	1.534	9,6	71,5	78,4	9,7
NORTE/NORDESTE	15,0	15,0	-	502	624	24,3	7,5	9,4	25,3
CENTRO-SUL	308,7	315,0	2,0	1.620	1.624	0,2	500,1	511,3	2,2
BRASIL	323,7	330,0	1,9	1.568	1.578	0,6	507,6	520,7	2,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.

Tabela 29 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	39,2	39,0	(0,5)	930	809	(13,0)	36,4	31,6	(13,2)
RO	19,3	19,3	-	971	838	(13,7)	18,7	16,2	(13,4)
AC	5,6	5,6	-	580	592	2,1	3,2	3,3	3,1
AM	3,8	3,8	-	1.239	1.053	(15,0)	4,7	4,0	(14,9)
AP	1,4	1,4	-	944	933	(1,2)	1,3	1,3	-
PA	6,1	6,1	-	638	551	(13,6)	3,9	3,4	(12,8)
TO	3,0	2,8	(6,7)	1.513	1.215	(19,7)	4,6	3,4	(26,1)
NORDESTE	418,6	406,2	(3,0)	684	639	(6,6)	286,2	259,6	(9,3)
CE	2,8	2,8	-	565	530	(6,2)	1,6	1,5	(6,3)
PB	25,7	25,7	-	447	400	(10,5)	11,5	10,3	(10,4)
PE	75,8	75,8	-	489	507	3,7	37,0	38,4	3,8
AL	29,8	29,8	-	490	423	(13,7)	14,6	12,6	(13,7)
SE	15,2	15,2	-	871	677	(22,3)	13,2	10,3	(22,0)
BA	269,3	256,9	(4,6)	774	726	(6,2)	208,3	186,5	(10,5)
CENTRO- OESTE	263,4	263,4	-	2.299	2.273	(1,1)	605,5	598,7	(1,1)
MT	86,5	88,3	2,1	2.173	2.142	(1,5)	188,0	189,2	0,6
MS	25,8	25,6	(0,8)	1.703	1.458	(14,4)	43,9	37,3	(15,0)
GO	136,8	135,2	(1,2)	2.507	2.516	0,3	343,0	340,1	(0,8)
DF	14,3	14,3	-	2.139	2.242	4,8	30,6	32,1	4,9
SUDESTE	434,0	410,6	(5,4)	1.806	1.804	(0,1)	783,9	740,8	(5,5)
MG	320,5	317,4	(1,0)	1.609	1.667	3,6	515,5	529,1	2,6
ES	5,9	5,9	-	1.102	1.057	(4,1)	6,5	6,3	(3,1)
SP	107,6	87,3	(18,9)	2.434	2.353	(3,3)	261,9	205,4	(21,6)
SUL	292,1	289,4	(0,9)	1.596	1.620	1,5	466,3	469,0	0,6
PR	246,9	243,9	(1,2)	1.494	1.534	2,7	368,8	374,2	1,5
SC	35,2	35,5	0,9	2.087	1.971	(5,6)	73,5	70,0	(4,8)
RS	10,0	10,0	-	2.400	2.477	3,2	24,0	24,8	3,3
NORTE/NORDESTE	457,8	445,2	(2,8)	705	654	(7,3)	322,6	291,2	(9,7)
CENTRO-SUL	989,5	963,4	(2,6)	1.875	1.877	0,1	1.855,7	1.808,5	(2,5)
BRASIL	1.447,3	1.408,6	(2,7)	1.505	1.490	(1,0)	2.178,3	2.099,7	(3,6)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.



Tabela 30 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi total

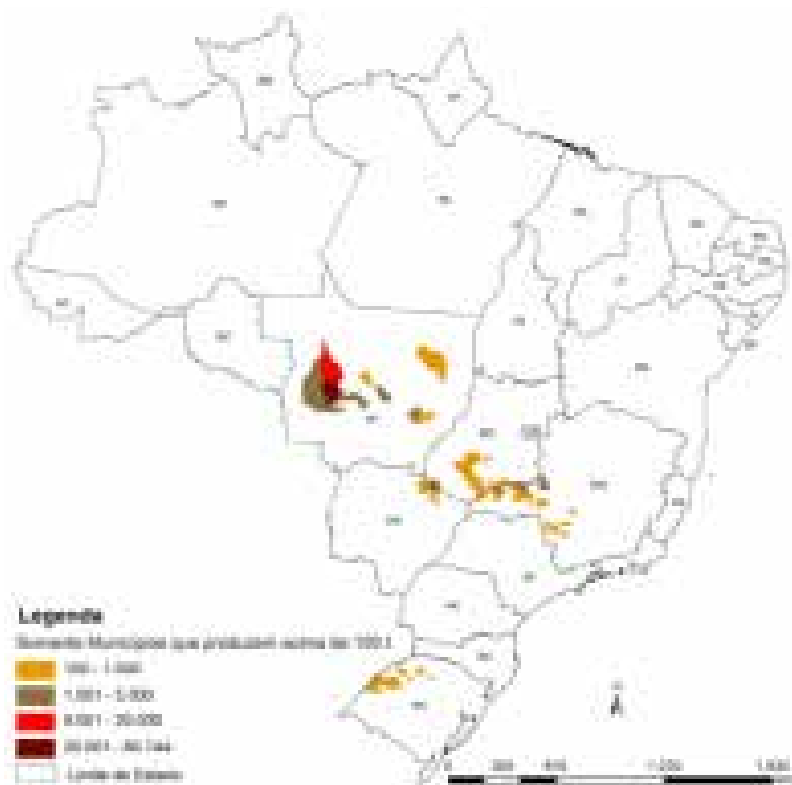
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	73,7	75,2	2,0	1.279	1.027	(19,7)	94,3	77,3	(18,0)
RR	2,4	2,4	-	650	650	-	1,6	1,6	-
AC	2,0	2,0	-	630	643	2,1	1,3	1,3	-
PA	28,2	28,2	-	866	748	(13,6)	24,4	21,1	(13,5)
TO	41,1	42,6	3,6	1.630	1.251	(23,2)	67,0	53,3	(20,4)
NORDESTE	1.112,4	1.105,6	(0,6)	346	311	(10,2)	385,1	343,7	(10,8)
MA	87,8	88,8	1,1	646	520	(19,5)	56,6	46,1	(18,6)
PI	233,2	233,2	-	302	231	(23,4)	70,3	53,8	(23,5)
CE	404,2	404,2	-	290	272	(6,2)	117,2	109,9	(6,2)
RN	35,8	35,8	-	347	341	(1,7)	12,4	12,2	(1,6)
PB	63,2	63,2	-	261	234	(10,3)	16,5	14,8	(10,3)
PE	96,4	96,4	-	143	168	17,5	13,8	16,2	17,4
AL	10,3	10,3	-	605	522	(13,7)	6,2	5,4	(12,9)
BA	181,5	173,7	(4,3)	507	491	(3,2)	92,1	85,3	(7,4)
CENTRO- OESTE	209,0	209,0	-	1.083	1.106	2,1	226,5	231,1	2,0
MT	208,7	208,7	-	1.083	1.105	2,1	226,0	230,6	2,0
DF	0,3	0,3	-	1.500	1.529	1,9	0,5	0,5	-
SUDESTE	14,2	13,9	(2,1)	522	570	9,1	7,4	7,9	6,8
MG	14,2	13,9	(2,1)	522	570	9,1	7,4	7,9	6,8
NORTE/ NORDESTE	1.186,1	1.180,8	(0,4)	404	357	(11,8)	479,4	421,0	(12,2)
CENTRO-SUL	223,2	222,9	(0,1)	1.048	1.073	2,4	233,9	239,0	2,2
BRASIL	1.409,3	1.403,7	(0,4)	506	470	(7,1)	713,3	660,0	(7,5)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.

8.1.5. GIRASSOL

Figura 19 – Mapa da produção agrícola – Girassol



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 31 – Comparativo de área, produtividade e produção – Girassol

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO- OESTE	50,1	50,1	-	1.702	1.609	(5,4)	85,3	80,6	(5,5)
MT	31,8	31,8	-	1.670	1.617	(3,2)	53,1	51,4	(3,2)
MS	1,0	1,0	-	1.500	1.527	1,8	1,5	1,5	-
GO	16,6	16,6	-	1.750	1.579	(9,8)	29,1	26,2	(10,0)
DF	0,7	0,7	-	2.300	2.100	(8,7)	1,6	1,5	(6,3)
SUDESTE	9,3	9,3	-	1.400	1.326	(5,3)	13,0	12,3	(5,4)
MG	9,3	9,3	-	1.400	1.326	(5,3)	13,0	12,3	(5,4)
SUL	3,3	3,3	-	1.626	1.554	(4,4)	5,4	5,1	(5,6)
RS	3,3	3,3	-	1.626	1.554	(4,4)	5,4	5,1	(5,6)
CENTRO-SUL	62,7	62,7	-	1.653	1.564	(5,4)	103,7	98,0	(5,5)
BRASIL	62,7	62,7	-	1.653	1.564	(5,4)	103,7	98,0	(5,5)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.

8.1.6. MAMONA

As estimativas para a safra 2017/18 de mamona é de aumento de área, alcançando 32,3 mil hectares, que representa acréscimo de 15,4% em relação à safra passada, que foi de 28 mil hectares.

Para a Bahia, estima-se que a área cultivada seja de 25,5 mil hectares, assim podendo ocorrer variação positiva de 20,9% na área em relação à safra anterior, que foi de 21,1 mil hectares. A produtividade poderá alcançar 499 kg/ha. O atual preço alto pode ser um incentivo ao aumento da área produtiva. O cultivo da mamona ocorre praticamente na mesorregião centro norte do estado, sendo cultivada pela agricultura familiar, com baixa mecanização agrícola. Os cultivos são conduzidos em regime de sequeiro com o cultivo de plantas novas e o manejo de plantas remanescentes

da safra anterior.

Em Minas Gerais, o cultivo da mamona se mantém em baixa, com tendência ao desaparecimento. Constatou-se nesse levantamento que a área total para o estado não deve atingir 100 hectares. A redução se dá, especialmente, em pequenas áreas, pulverizadas na região norte do estado, nas quais as baixas produtividades quase sempre inviabilizam a colheita. As poucas áreas remanescentes têm sua produção voltada para a indústria rícino-química, ainda assim com comercialização muito incerta. A extinção de áreas de baixo rendimento impactará diretamente na produtividade do estado, que poderá atingir 858 kg/ha, caso as condições climáticas sejam favoráveis.



Figura 20 – Mapa da produção agrícola - Mamona



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 32 – Comparativo de área, produtividade e produção – Mamona

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	26,2	30,6	16,8	444	453	2,2	11,6	13,9	19,8
PI	0,2	0,2	-	494	434	(12,1)	0,1	0,1	-
CE	4,9	4,9	-	224	217	(3,1)	1,1	1,1	-
BA	21,1	25,5	20,9	494	499	1,0	10,4	12,7	22,1
CENTRO- OESTE	1,6	1,6	-	900	900	-	1,4	1,4	-
MT	1,6	1,6	-	900	900	-	1,4	1,4	-
SUDESTE	0,2	0,1	(50,0)	443	858	93,7	0,1	0,1	-
MG	0,2	0,1	(50,0)	443	858	93,7	0,1	0,1	-
NORTE/NORDESTE	26,2	30,6	16,8	444	453	2,2	11,6	13,9	19,8
CENTRO- SUL	1,8	1,7	(5,6)	849	898	5,7	1,5	1,5	-
BRASIL	28,0	32,3	15,4	470	477	1,5	13,1	15,4	17,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.



8.1.7. MILHO

8.1.7.1. MILHO PRIMEIRA SAFRA

No terceiro levantamento de milho primeira safra, da temporada 2017/18, indica redução de área de 9,6% em relação à safra 2016/17. A cultura segue a tendência observada nos últimos anos, sendo substituída, principalmente, pela soja.

Na Região Norte, a expectativa é de redução de 0,6% na área plantada em relação à safra passada.

No Acre, a estimativa é de redução de área plantada devido às dificuldades na obtenção de crédito agrícola e na comercialização do milho da última safra. O plantio iniciou em outubro e se estenderá até dezembro. Cerca de 80% da área destinada ao milho já foi plantada.

Em Tocantins, a cultura está em fase inicial de plantio. A maioria da área semeada, até esse momento, foi feita por pequenos agricultores. Para os médios e grandes produtores, a previsão é que o plantio inicie a partir da segunda quinzena de dezembro, visto a limitação de armazéns para receber o produto enquanto estiver em período de colheita da soja. Para essa safra é esperada uma retração na área cultivada, principalmente pelos produtores tecnificados. A expectativa de baixo preço pago pelo produto e menor liquidez para comercialização, cenário oposto ao da safra passada, favorece a substituição da cultura pelo cultivo da soja.

A Região Nordeste é a única região em que deverá ter acréscimo de área, quando comparada à safra 2016/17.

No Maranhão, as áreas cultivadas de milho, que nas últimas safras apresentaram sucessivos aumentos, em razão de condições climáticas extremamente favoráveis e as consecutivas altas no preço do produto, vêm se confirmando nessa safra também. A avaliação é que a área seja 6,6% maior que na última safra.

No Piauí, estima-se manutenção de área em relação à safra passada devido, principalmente, às expectativas de mercado e a um estoque relativamente elevado nas mãos dos produtores. O plantio se iniciou apenas no município de Palmeira do Piauí, no entanto a representatividade em relação à área total do estado é muito baixa, menos de 1% da área.

Na Bahia, o cultivo de milho ocorre em quase todo o estado. Estima-se que sejam cultivados 375,7 mil hectares desse cereal. Em relação à safra passada, espera-se redução de 1,6% na área. Essa redução se deve à

instabilidade das cotações desse produto no mercado, perdendo espaço para as lavouras de soja e algodão. A produtividade poderá atingir 4.046 kg/ha. No oeste baiano, o milho deve continuar sendo produzido nessa safra, mas assim como em outras regiões do país, perde espaço para o avanço da soja. A boa rentabilidade da soja e a sua liquidez levam à preferência por parte do produtor. No centro-norte do estado, as safras dos últimos anos não têm apresentado bons resultados. Os agricultores aguardam uma melhora nas condições para o plantio da safra de verão 2017/18, sobretudo, em ganhos de produtividade.

Na região centro-oeste, a previsão é de redução do plantio. A área cultivada deverá ser 19,3% menor em relação à safra passada.

Em Mato Grosso, a perspectiva de plantio é de aproximadamente 25,3 mil hectares, área 24,4% menor do que a da safra anterior, que foi de 33,4 mil hectares. Tal queda se justifica pela preferência dos produtores rurais pelo plantio da soja, cuja rentabilidade está mais atrativa que o milho. Assim, o plantio do milho primeira safra se restringe aos produtores que destinam o cereal para fabricação de ração animal e silagem. Em relação ao plantio, a maior parte das áreas já está semeada e os trabalhos devem seguir durante dezembro. Pelo fato das chuvas terem chegado mais tarde, a produtividade estimada do milho para essa safra é de 7.370 kg/ha, ante aos 7.676 kg/ha da safra 2016/17. Com isso, aliado à menor área cultivada, a produção deve ser menor do que a da última safra, saindo de 256,4 mil toneladas no período 2016/17 para 186,5 mil toneladas na atual, redução de 27,3% em relação à safra anterior.

Em Mato Grosso do Sul, nos municípios onde existem áreas plantadas com milho primeira safra, as chuvas foram tipificadas como regulares e normais. No que diz respeito à expectativa de produtividade, há vários fatores interferentes, pois nem todos os municípios exibiram o mesmo perfil, levando-se em conta os eventos ocorridos. Há um grande investimento na cultura, o que gera uma expectativa de altas produtividades, a depender das condições climáticas adequadas, o pacote tecnológico utilizado e o manejo adequado, principalmente no tocante ao controle de doenças, pragas e plantas invasoras. A área estimada com a cultura no estado é de 15 mil hectares, um valor 46,4% menor que o da safra anterior, dada, principalmente, devido à substituição pela soja. Fatores como o preço baixo atual e do milho segunda safra,



plantado na safra anterior, fizeram com que os produtores recuassem na área plantada com o milho primeira safra e passassem a plantar soja. Foram abertas algumas novas áreas e também substituição de pastagem, no entanto, o preço pago ao produtor e o valor do arrendamento, também desestimularam os produtores a plantar milho. A produtividade média esperada é de 9.095 kg/ha, com uma grande variabilidade desde 3.180 kg/ha, onde as condições edafoclimáticas são menos favoráveis, até 10.800 kg/ha, na região dos chapadões. No cenário estadual, o controle de pragas e doenças tem bons resultados, porém algumas localidades enfrentam problemas associados ao controle da Mancha branca (*Pantoea ananatis*), que no sul do estado, exibiu fatores propícios para o desenvolvimento da referida bactéria, como a queda atípica da temperatura. Além do controle de pragas e doenças, os produtores estão realizando adubações de cobertura, principalmente com nitrogênio e potás-

sio. Atualmente, praticamente toda a área do estado está plantada, e as lavouras estão prioritariamente nos estádios de desenvolvimento vegetativo e germinação.

Em Goiás, em virtude do atraso no plantio da soja por questões climáticas, praticamente não foram observadas áreas de plantio de milho verão. Alguns talhões de plantios intercalados com a soja foram observados em Chapadão do Céu. A tendência é de redução de área na primeira safra, mas produtores ainda apostam no milho de segunda safra, mesmo com o calendário e janela de plantio reduzido. Na região leste, observa-se a redução da área de milho primeira safra para incremento na área de soja.

Dessa forma, a estimativa nacional para a intenção de plantio do milho primeira safra, na temporada 2017/18, deverá apresentar redução de 9,6% em relação ao ocorrido na safra passada.

Figura 21 - Área de milho primeira safra em Chapadão do Céu - GO.



Fonte: Conab.



No Distrito Federal, a área estimada com milho primeira safra, cujo plantio se concentrou na primeira quinzena de novembro, levemente atrasado em relação à safra anterior, está estimada em 27,8 mil hectares, 2,8% inferior à semeada na temporada passada. Apesar das cotações se encontrarem em ascensão no mercado interno, esse levantamento indica leve redução de área, em detrimento à soja. A produtividade média estimada é de 7,982 kg/ha, o que poderá resultar em uma produção de 221,9 mil toneladas, levemente inferior à oferta da temporada passada. O atual levantamento registra leve aumento de produtividade, ocasionado fundamentalmente pelas expectativas de regularidades climáticas. O plantio já foi concluído e as lavouras estão em estágio de germinação.

Na região sudeste, a cultura também deverá experimentar redução na área plantada, estimada em 10,8% menor em relação ao plantio anterior.

Em Minas Gerais, conforme se previu no segundo levantamento, a área de milho deve sofrer redução em relação à safra anterior, entretanto, menor que o esperado. Com a reação do mercado do milho, que tem atingido preços mais satisfatórios, e diante da esta-

bilização do período de chuva os produtores estão mais otimistas e investindo mais nas lavouras. Acredita-se que a produtividade seja menor em relação à safra anterior, como reflexo dos atrasos nos plantios. Aproximadamente 50% da área se encontra plantada, de forma que já é possível observar cultivo em vários estádios de desenvolvimento. As lavouras se encontram em boas condições, salvo algumas áreas que foram plantadas após as primeiras chuvas. Essas acabaram por sofrer com a estiagem que ocorreu logo em seguida. No Sul de Minas, observou-se desuniformidade das lavouras devido à estiagem e à incidência, em larga escala, da lagarta-do-cartucho (*Spodoptera frugiperda*), problema contornado mediante o combate à praga, que minimizou os eventuais prejuízos na produtividade, mas, em contrapartida, ampliou os custos de produção. No Triângulo Mineiro, algumas pequenas áreas plantadas no início de novembro apresentam cigarrinha do milho (*Dalbulus maidis*). A princípio não é motivo de grandes preocupações, já que as chuvas contribuem para possível diminuição da praga, entretanto, os produtores e extensionistas se mantêm em alerta, visto os prejuízos causados por estas na última safra.

Figura 22 - Lavoura de milho no Triângulo Mineiro.



Fonte: Conab.

No Rio de Janeiro, a estimativa de área plantada é de 2,4 mil hectares. É estimado crescimento em torno de 4,5% no rendimento médio em relação à safra anterior, passando de 2.332 para 2.438 kg/ha. Os motivos para o aumento de produtividade podem ser explicados pelas sementes de boa qualidade, clima favorável e melhores tratamentos culturais, com a expectativa futura de melhores preços.

Em São Paulo, significativa parcela dos produtores optou por migrar para a cultura da soja que, apesar de preços menores que o esperado, ainda são considerados bem remuneradores pelo segmento, além de contar com boa liquidez junto aos mercados externos. Fato bastante mencionado nesse terceiro levantamento é de que a redução na área de milho, também foi influenciada pela disponibilidade de grãos no mer-



cado. A estimativa é de que a área apresente redução de 5,5%, comparada à safra passada. Na parte norte do estado, o plantio ainda é reduzido em razão da forte estiagem, enquanto a região conhecida como “cinturão do grão” já se encontra com o plantio intensificado. As lavouras estão viçosas e a presença da umidade no solo é evidente.

Na Região Sul, a cultura deverá ter uma redução importante na área plantada, estimada em 1.381,2 mil hectares, ante aos 1.712,9 mil hectares da safra passada, redução de 19,4%.

No Paraná, o plantio já se encontra encerrado e 89% das lavouras foram classificadas como boas, 10% regulares e 1% ruim, reflexo das adversidades climáticas após a sua implantação. A área de cultivo sofreu redução de 32,9% frente à safra anterior, menor área já registrada na primeira safra. O fato se justifica pelos baixos preços do cereal, uma vez que em novembro de 2016 o produtor recebia R\$ 32,00 pela saca e nesse ano o valor é de R\$ 22,00. A perda de área se dá, principalmente, para soja e feijão cores. As lavouras estão com 93% em estágio de desenvolvimento vegetativo e 7% no início da floração. A produtividade esperada é de 8.614 kg/ha, 6,8% inferior à safra passada, que foi recorde.

Em Santa Catarina, em torno de 91% das lavouras destinadas ao cultivo de milho se encontram semeadas. Dessas, 70% se encontram em desenvolvimento vegetativo, 15% em floração, 8% entre germinação/emergência e o restante, 7%, em início de granação, localizadas principalmente no extremo-oeste do estado, onde o plantio se iniciou mais cedo. As lavouras são consideradas boas em aproximadamente 83% das re-

giões, regulares em 16% e apenas 1% são consideradas ruins, resultado da influência do clima atuante nessa safra. No início do período de plantio, em setembro, uma estiagem generalizada afetou muitas lavouras em fase inicial de desenvolvimento (emergência/vegetativo), dificultando a germinação e favorecendo o aparecimento de pragas, como a lagarta-rosca (*Agrotis ipsilon*) e percevejos, para os quais foi necessário controle químico, mesmo em áreas semeadas com híbridos contendo tecnologia transgênica (Bt). Em alguns casos, houve necessidade de replantio de algumas áreas e, em outras, o estande ficou prejudicado. Com a volta das chuvas em outubro e novembro, a semeadura tomou impulso e as condições das lavouras melhoraram significativamente, auxiliada pelas temperaturas noturnas amenas e dias ensolarados entre as precipitações. A expectativa é de redução de área plantada. A queda dos preços do produto durante a safra anterior, maior custo e risco no cultivo são alguns dos fatores que contribuíram para a redução, além de perspectivas futuras de mercado e boa remuneração da soja sobre o cereal. Até o momento, estima-se que a área possa alcançar em torno de 332,2 mil hectares, uma redução aproximada de 17% em relação ao cultivado na safra passada. Também a produtividade dá sinais de que pode ser inferior ao obtido na temporada anterior, consequência de alguns fatores, como: altas produtividades alcançadas na safra passada, resultado do clima muito favorável naquela safra em comparação com as previsões da safra atual, menor tecnologia das sementes utilizadas nessa safra, em alguns locais, em que híbridos de alta tecnologia foram substituídos por materiais mais baratos, na tentativa de reduzir custos de implantação. Assim, apesar de grande parte das lavouras estarem em desenvolvimento inicial, estima-se uma produtividade em torno de 7.414 kg/ha.

Figura 23 -Milho em Abelardo Luz - SC



Fonte: Conab.



No Rio Grande do Sul, a cultura do milho se encontra quase toda semeada. Nas regiões mais importantes de cultivo do estado, como a noroeste e nordeste, já está toda semeada, enquanto que ainda há áreas nas regiões sul e central que ainda não foram implantadas, na primeira em razão do zoneamento e na segunda por ser implantado somente após a colheita do fumo. Praticamente 20% da área do estado se encontra em floração e cerca de 15% em enchimento de grãos, as demais estão em desenvolvimento vegetativo. Quanto mais a oeste do estado, mais avançadas estão as lavouras, predominando naquela região as fases de enchimento de grãos e maturação, enquanto que as regiões mais ao leste praticamente todas as lavouras ainda estão em desenvolvimento vegetativo. Na região sul, Pelotas e Canguçu têm somente 18 e 22% da área semeada, respectivamente, e Bagé 90%. Até o momento, as condições de desenvolvimento para o milho são boas, com produtividade levemente

inferior ao verificado na safra passada. Cabe ressaltar para a ocorrência de tempestades que chegaram a causar perdas na ordem de 10% na região central e nas Missões e da alta pressão de lagarta-do-cartucho no início do desenvolvimento da cultura, em especial nos locais mais quentes do estado. Outro ponto importante, que pode se refletir na produtividade média do estado, é a não utilização da irrigação por pivô central em muitas lavouras, muito em razão da baixa rentabilidade esperada para a cultura devido ao baixo preço pago pelo produto. Quanto à área total, foi confirmada a redução em relação à safra passada, na ordem de 12%, causada pelo baixo preço recebido pelo produto durante todo o ano de 2017 e a expectativa de manutenção desses preços em níveis menos remuneradores que, por exemplo, a soja. A cotação atual do milho é R\$ 26,55 a saca de 60 quilos, com leve tendência de aumento nas últimas semanas devido à escassez de produto no mercado local.

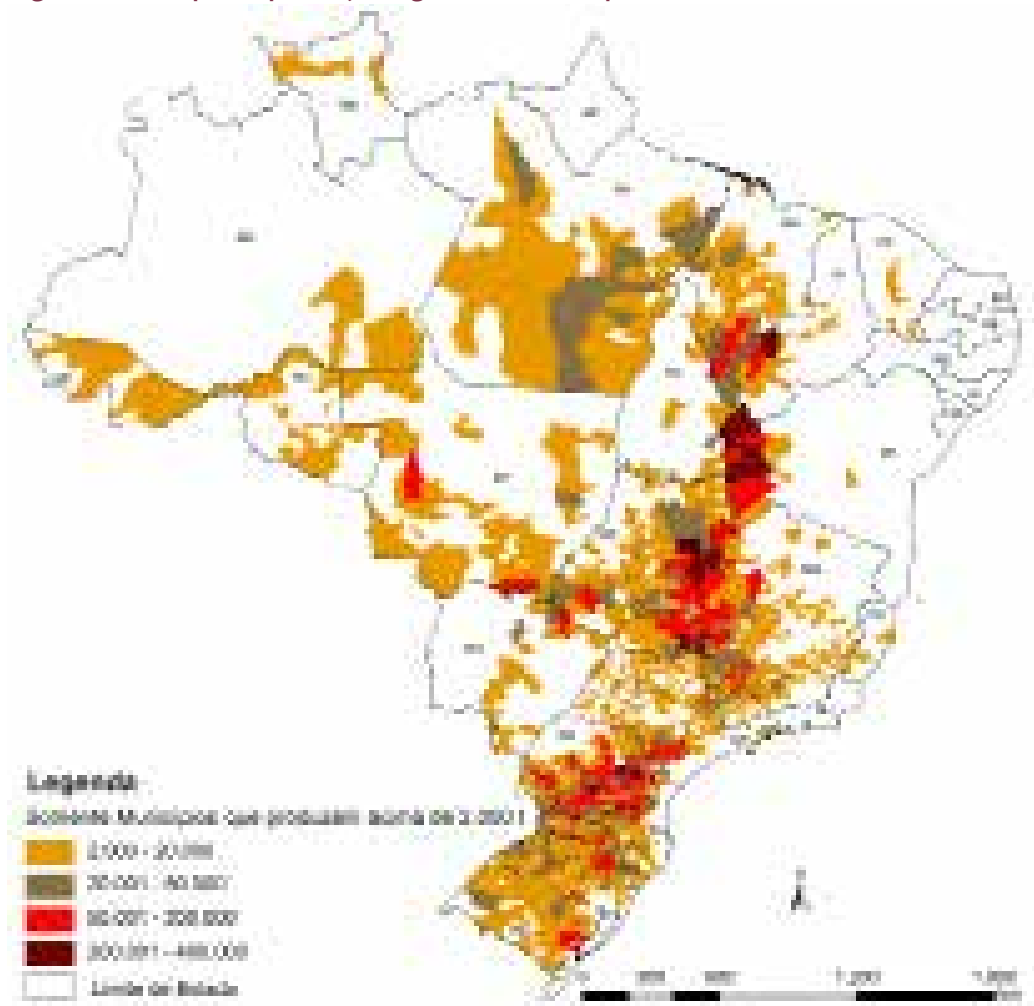
Figura 24 – Lavoura de milho em Palmeira das Missões - RS



Fonte: Conab.



Figura 25 – Mapa da produção agrícola – Milho primeira safra



Fonte: Conab/IBGE.



Quadro 8 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho primeira safra

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra													
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT
PA	Sudeste Paraense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Oeste Maranhense				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
MA	Sul Maranhense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
	Norte Piauiense					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense				P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
	Sudeste Piauiense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
CE	Noroeste Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Norte Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Sertões Cearenses						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Jaguaribe						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Centro-Sul Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Sul Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Oeste Potiguar						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
RN	Agreste Potiguar							P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
PB	Sertão Paraibano						PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Agreste Paraibano							P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
PE	Sertão Pernambucano						PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C			
BA	Extremo Oeste Baiano			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
MT	Sudeste Mato-grossense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro Goiano			PP	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
GO	Leste Goiano			PP	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sul Goiano			PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Distrito Federal		PP	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
DF	Noroeste de Minas		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Metropolitana de Belo Horizonte		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Oeste de Minas		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Sul/Sudoeste de Minas		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Campo das Vertentes		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Zona da Mata		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
SP	São José do Rio Preto		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Ribeirão Preto		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Bauru		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Campinas		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Itapetininga	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Macro Metropolitana Paulista	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Centro Ocidental Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
PR	Norte Central Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Norte Pioneiro Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Centro Oriental Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Oeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Sudoeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Centro-Sul Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Sudeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Metropolitana de Curitiba	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
SC	Oeste Catarinense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Norte Catarinense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Serrana	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Vale do Itajaí	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
RS	Noroeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Nordeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Centro Ocidental Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Centro Oriental Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Metropolitana de Porto Alegre	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Sudeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média Restrição - Excesso de Chuvas
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 33 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	311,8	310,0	(0,6)	3.194	3.205	0,3	996,0	993,5	(0,3)
RO	40,2	40,2	-	2.661	2.535	(4,7)	107,0	101,9	(4,8)
AC	34,9	34,2	(2,0)	2.350	2.387	1,6	82,0	81,6	(0,5)
AM	12,2	12,2	-	2.526	2.567	1,6	30,8	31,3	1,6
AP	1,7	1,7	-	962	929	(3,4)	1,6	1,6	-
PA	176,9	176,9	-	3.142	3.205	2,0	555,8	567,0	2,0
TO	45,9	44,8	(2,4)	4.766	4.689	(1,6)	218,8	210,1	(4,0)
NORDESTE	1.806,6	1.819,8	0,7	2.469	2.333	(5,5)	4.460,8	4.245,8	(4,8)
MA	292,8	312,1	6,6	4.240	4.240	-	1.241,5	1.323,3	6,6
PI	418,2	418,2	-	3.037	2.354	(22,5)	1.270,1	984,4	(22,5)
CE	514,0	514,0	-	815	666	(18,3)	418,9	342,3	(18,3)
RN	29,2	29,2	-	348	453	30,2	10,2	13,2	29,4
PB	86,5	86,5	-	446	463	3,8	38,6	40,0	3,6
PE	84,1	84,1	-	74	268	262,2	6,2	22,5	262,9
BA	381,8	375,7	(1,6)	3.864	4.046	4,7	1.475,3	1.520,1	3,0
CENTRO- OESTE	350,0	282,3	(19,3)	8.060	7.798	(3,2)	2.821,0	2.201,4	(22,0)
MT	33,4	25,3	(24,4)	7.676	7.370	(4,0)	256,4	186,5	(27,3)
MS	28,0	15,0	(46,4)	9.340	9.095	(2,6)	261,5	136,4	(47,8)
GO	260,0	214,2	(17,6)	8.000	7.734	(3,3)	2.080,0	1.656,6	(20,4)
DF	28,6	27,8	(2,8)	7.800	7.982	2,3	223,1	221,9	(0,5)
SUDESTE	1.301,2	1.161,1	(10,8)	6.295	6.124	(2,7)	8.191,5	7.110,6	(13,2)
MG	909,4	790,3	(13,1)	6.374	6.238	(2,1)	5.796,5	4.929,9	(15,0)
ES	13,2	13,2	-	2.832	2.659	(6,1)	37,4	35,1	(6,1)
RJ	2,7	2,4	(11,1)	2.332	2.438	4,5	6,3	5,9	(6,3)
SP	375,9	355,2	(5,5)	6.255	6.024	(3,7)	2.351,3	2.139,7	(9,0)
SUL	1.712,9	1.381,2	(19,4)	8.169	7.602	(6,9)	13.992,7	10.500,3	(25,0)
PR	507,7	340,7	(32,9)	9.243	8.614	(6,8)	4.692,7	2.934,8	(37,5)
SC	400,3	332,2	(17,0)	8.152	7.414	(9,1)	3.263,2	2.462,9	(24,5)
RS	804,9	708,3	(12,0)	7.500	7.204	(3,9)	6.036,8	5.102,6	(15,5)
NORTE/NORDESTE	2.118,4	2.129,8	0,5	2.576	2.460	(4,5)	5.456,8	5.239,3	(4,0)
CENTRO- SUL	3.364,1	2.824,6	(16,0)	7.433	7.014	(5,6)	25.005,2	19.812,3	(20,8)
BRASIL	5.482,5	4.954,4	(9,6)	5.556	5.056	(9,0)	30.462,0	25.051,6	(17,8)

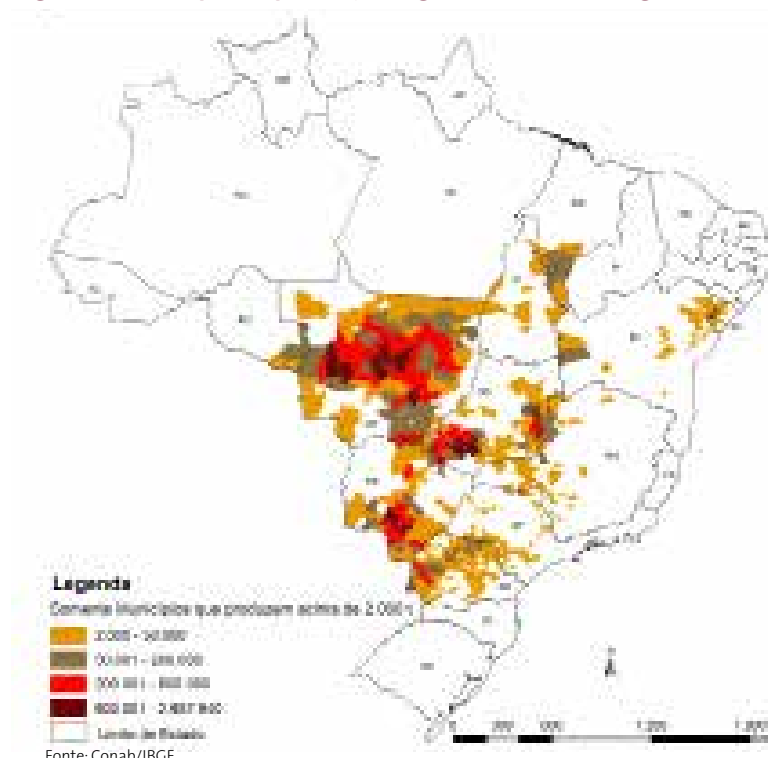
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.



8.1.7.2. MILHO SEGUNDA SAFRA

Figura 26 – Mapa da produção agrícola – Milho segunda safra



Quadro 9 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho segunda safra

UF	Mesorregiões	Milho segunda safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense - RO					P	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
TO	Oriental do Tocantins - TO						P	DV	F/FR	FR/M	M/C	C	
MA	Sul Maranhense - MA						P	DV	F/FR	FR/M	M/C	C	
PE	Agreste Pernambucano	M/C	C							P/G	DV/F	F/FR	FR/M
BA	Nordeste Baiano - BA	M/C	C						P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - MS					PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - MS					PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul - MS					P	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	C
MT	Norte Mato-grossense - MT					P	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Nordeste Mato-grossense - MT					PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Sudeste Mato-grossense - MT					PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
GO	Leste Goiano - GO					PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Sul Goiano - GO					P	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
MG	Noroeste de Minas - MG						P	DV	F/FR	FR	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - MG						P	DV	F/FR	FR	M/C	C	
SP	Assis - SP						P	DV	F/FR	FR	FR/M/C	C	C
	Itapetininga - SP						P	DV	F/FR	FR	FR/M/C	C	C
PR	Noroeste Paranaense - PR					PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M	FR/M/C	C	C
	Centro Ocidental Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	C	C
	Norte Central Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	C	C
	Norte Pioneiro Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	C	C
	Oeste Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (C)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 34 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	401,2	401,2	-	4.253	4.225	(0,6)	1.706,1	1.695,1	(0,6)
RR	7,6	7,6	-	6.000	4.857	(19,1)	45,6	36,9	(19,1)
RO	156,9	156,9	-	4.385	4.584	4,5	688,0	719,2	4,5
PA	81,4	81,4	-	3.549	3.600	1,4	288,9	293,0	1,4
TO	155,3	155,3	-	4.402	4.160	(5,5)	683,6	646,0	(5,5)
NORDESTE	796,3	796,3	-	2.789	2.661	(4,6)	2.220,7	2.118,8	(4,6)
MA	198,9	198,9	-	3.572	3.300	(7,6)	710,5	656,4	(7,6)
PI	49,2	49,2	-	2.363	4.409	86,6	116,3	216,9	86,5
PE	73,9	73,9	-	654	600	(8,3)	48,3	44,3	(8,3)
AL	37,2	37,2	-	674	705	4,6	25,1	26,2	4,4
SE	172,0	172,0	-	4.721	3.467	(26,6)	812,0	596,3	(26,6)
BA	265,1	265,1	-	1.918	2.183	13,8	508,5	578,7	13,8
CENTRO-OESTE	7.664,7	7.664,7	-	6.008	5.947	(1,0)	46.052,7	45.583,2	(1,0)
MT	4.605,7	4.605,7	-	6.212	6.048	(2,6)	28.610,6	27.855,3	(2,6)
MS	1.759,9	1.759,9	-	5.460	5.468	0,1	9.609,1	9.623,1	0,1
GO	1.260,7	1.260,7	-	6.000	6.167	2,8	7.564,2	7.774,7	2,8
DF	38,4	38,4	-	7.000	8.594	22,8	268,8	330,0	22,8
SUDESTE	837,7	837,7	-	5.081	5.364	5,6	4.256,3	4.493,6	5,6
MG	357,6	357,6	-	4.822	5.751	19,3	1.724,3	2.056,6	19,3
SP	480,1	480,1	-	5.274	5.076	(3,8)	2.532,0	2.437,0	(3,8)
SUL	2.409,3	2.409,3	-	5.456	5.512	1,0	13.145,1	13.280,1	1,0
PR	2.409,3	2.409,3	-	5.456	5.512	1,0	13.145,1	13.280,1	1,0
NORTE/NORDESTE	1.197,5	1.197,5	-	3.279	3.185	(2,9)	3.926,8	3.814,1	(2,9)
CENTRO-SUL	10.911,7	10.911,7	-	5.815	5.806	(0,2)	63.454,1	63.356,8	(0,2)
BRASIL	12.109,2	12.109,2	-	5.564	5.547	(0,3)	67.380,9	67.170,9	(0,3)

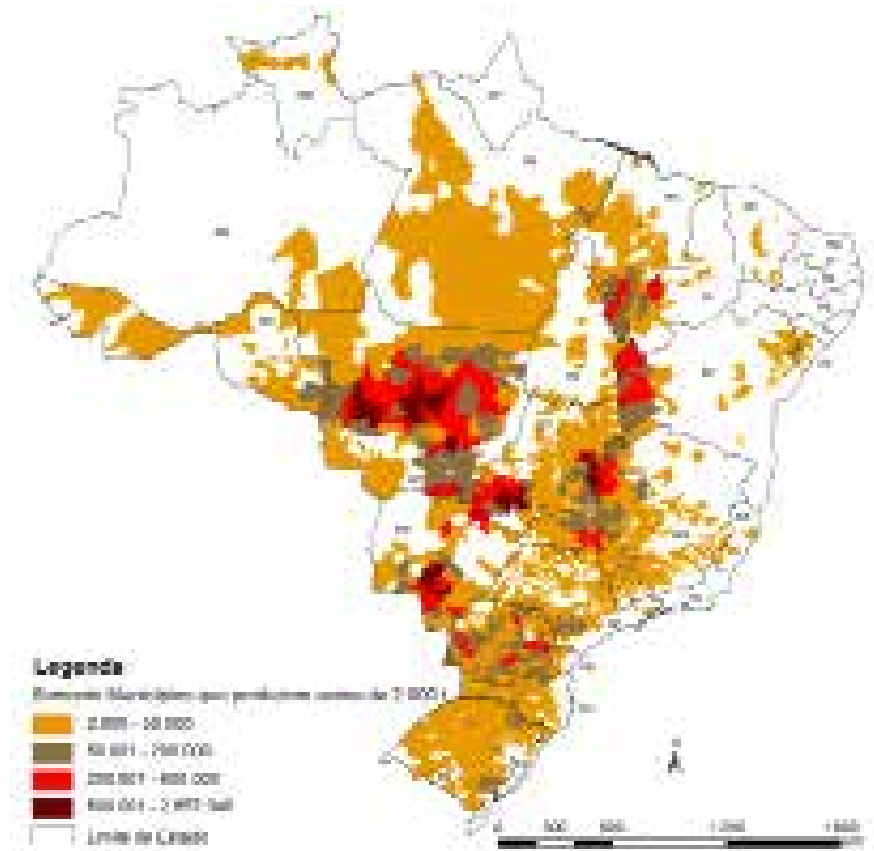
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.



8.1.7.3. MILHO TOTAL

Figura 27 – Mapa da produção agrícola – Milho total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 35 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	713,0	711,2	(0,3)	3.790	3.781	(0,2)	2.702,1	2.688,6	(0,5)
RR	7,6	7,6	-	6.000	4.857	(19,1)	45,6	36,9	(19,1)
RO	197,1	197,1	-	4.033	4.166	3,3	795,0	821,1	3,3
AC	34,9	34,2	(2,0)	2.350	2.387	1,6	82,0	81,6	(0,5)
AM	12,2	12,2	-	2.526	2.567	1,6	30,8	31,3	1,6
AP	1,7	1,7	-	962	929	(3,4)	1,6	1,6	-
PA	258,3	258,3	-	3.270	3.329	1,8	844,7	860,0	1,8
TO	201,2	200,1	(0,5)	4.485	4.278	(4,6)	902,4	856,1	(5,1)
NORDESTE	2.602,9	2.616,1	0,5	2.567	2.433	(5,2)	6.681,3	6.364,8	(4,7)
MA	491,7	511,0	3,9	3.970	3.874	(2,4)	1.951,9	1.979,7	1,4
PI	467,4	467,4	-	2.966	2.570	(13,3)	1.386,3	1.201,4	(13,3)
CE	514,0	514,0	-	815	666	(18,3)	418,9	342,3	(18,3)
RN	29,2	29,2	-	348	453	30,2	10,2	13,2	29,4
PB	86,5	86,5	-	446	463	3,8	38,6	40,0	3,6
PE	158,0	158,0	-	345	423	22,6	54,6	66,9	22,5
AL	37,2	37,2	-	674	705	4,6	25,1	26,2	4,4
SE	172,0	172,0	-	4.721	3.467	(26,6)	812,0	596,3	(26,6)
BA	646,9	640,8	(0,9)	3.067	3.275	6,8	1.983,7	2.098,8	5,8
CENTRO-OESTE	8.014,7	7.947,0	(0,8)	6.098	6.013	(1,4)	48.873,7	47.784,6	(2,2)
MT	4.639,1	4.631,0	(0,2)	6.223	6.055	(2,7)	28.867,0	28.041,7	(2,9)
MS	1.787,9	1.774,9	(0,7)	5.521	5.499	(0,4)	9.870,6	9.759,6	(1,1)
GO	1.520,7	1.474,9	(3,0)	6.342	6.395	0,8	9.644,2	9.431,4	(2,2)
DF	67,0	66,2	(1,2)	7.341	8.337	13,6	491,9	551,9	12,2
SUDESTE	2.138,9	1.998,8	(6,6)	5.820	5.806	(0,2)	12.447,9	11.604,1	(6,8)
MG	1.267,0	1.147,9	(9,4)	5.936	6.086	2,5	7.520,9	6.986,4	(7,1)
ES	13,2	13,2	-	2.832	2.659	(6,1)	37,4	35,1	(6,1)
RJ	2,7	2,4	(11,1)	2.332	2.438	4,5	6,3	5,9	(6,3)
SP	856,0	835,3	(2,4)	5.705	5.479	(4,0)	4.883,3	4.576,7	(6,3)
SUL	4.122,2	3.790,5	(8,0)	6.583	6.274	(4,7)	27.137,8	23.780,4	(12,4)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.

8.1.8. SOJA

O plantio de soja, na safra 2017/18, mesmo que ainda não encerrado, deverá confirmar o aumento da área plantada, comparado com o ocorrido na safra anterior, ora estimado em 3,1%. As vantagens derivadas da agi-

lidade na comercialização da oleaginosa estimulam os produtores a apostarem em incrementos na produção.

REGIÃO NORTE-NORDESTE

O plantio da safra 2017/18 deverá ocorrer a partir de dezembro, com a consolidação do período chuvoso, tendo como suporte o bom quadro climático observado na safra recém-encerrada, quando se compara com o observado nas últimas três safras. Esse desempenho serviu de estímulo ao produtor local, que ampliou sua

área plantada em 5,4% com relação ao ano anterior.

Na Bahia, principal produtor regional, estima-se que a área de cultivo irá atingir 1.641,9 mil hectares, com um incremento de 3,9% em relação à área cultivada na safra anterior. Os plantios de sequeiro foram iniciados



no início de novembro, e estima-se que 40% da área esteja semeada. Os cultivos irrigados foram realizados em meados de outubro e ocupam aproximadamente 20.000 hectares. O cultivo atual predomina nas mesorregiões extremo oeste e centro-sul, com destaque para o extremo oeste, onde se dá a maior concentração do plantio.

Em Tocantins, a cultura está em plena fase de plantio, com suas lavouras ainda nos estágios de germinação de desenvolvimento vegetativo. Com o atraso do período chuvoso, o plantio somente se iniciou de forma acelerada em novembro e deve se estender até meados de dezembro, causando temores com relação aos níveis de produtividade dessa safra. A cultura apresentará um incremento mais modesto na área, em relação aos anos anteriores devido às frustrações ocorridas na safra 2015/16, que se estendeu também para algumas regiões na safra 2016/17. Isso trouxe para os produtores um elevado comprometimento financeiro, apresentando como consequência, uma certa restrição de acesso ao crédito. No Maranhão, confirmam-se

as evidências colhidas na avaliação anterior, quanto a ausência de chuvas na segunda quinzena de outubro, atrasando o início do plantio e o estabelecimento das principais lavouras extensivas no sul do estado. Há um forte otimismo com relação a cultura, e os preços relativamente atraentes dão suporte a lavoura.

No Piauí, estima-se um aumento na área de soja na ordem de 2% devido à incorporação das áreas ocupadas com milho na safra passada, calculando-se que neste exercício a área plantada atinja 707,7 mil hectares. O plantio da soja já iniciou em todas as regiões produtoras do sudoeste piauiense, estimando-se que atualmente o plantio já ocorreu em cerca de 45% do total. Dessa área, aproximadamente 70% se encontra em germinação e 30% em desenvolvimento vegetativo. O regime climático deste ano tem sido favorável para um bom início de plantio, superando o índice alcançado na safra anterior, que nesta mesma data, encontrava-se com 20% da área plantada. A produtividade deverá ficar em 2.528 kg/ha.

Figura 28 – Lavoura de soja no município de Bom Jesus – PI



Fonte: Conab.

Figura 29 – Soja em desenvolvimento vegetativo - Município de Bom Jesus -PI



Fonte: Conab.



No Pará, estima-se que a área de cultivo irá atingir 535,1 mil hectares, com um forte incremento de 7% em relação à área cultivada na safra anterior. A área está sendo preparada para o plantio, coincidindo com o início das chuvas, que se estende de dezembro a janeiro. Outro suporte está relacionado aos insumos usados na cultura. Os preços dos diversos materiais empregados se mantiveram estáveis, com alguns apresentando leve redução. Em Rondônia, a lavoura de soja, que além de plantada nos sete municípios no sul do estado, está avançando para outros municípios, e já é a cultura de maior produção e que traz maior ganho ao produtor. O calendário de plantio, quando o clima permite, é realizado normalmente com 20% em outubro, 40% em novembro, 30% em dezembro e 10% em janeiro do ano seguinte. Como o vazio sanitário acabou em 15 de setembro, aliado à ausência de precipitações, poucos produtores iniciaram o plantio no final de setembro.

No estado, estima-se que mais de 50% da área semeada

REGIÃO CENTRO-OESTE

Na Região Centro-Oeste, principal região produtora do país, é esperada apresentar um incremento no plantio de 2,7% em relação ao exercício anterior, impulsionado pelo desempenho em Mato Grosso, o maior produtor nacional da oleaginosa. O plantio da safra 2017/18 está praticamente finalizado no estado, chegando a aproximadamente 95% da área semeada. Contudo, ainda há algumas pequenas áreas no estado a serem plantadas, principalmente na região do Araguaia, onde a semeadura deve terminar até a primeira semana de dezembro, prazo normal para a região. A regularidade das chuvas alcançada nas últimas semanas permitiu o avanço da lavoura, cujo desenvolvimento é considerado bom em todo o estado. Portanto, a expectativa é de produtividade condizente com a média histórica do estado de 3.155kg/ha. Os preços praticados no mercado variam entre R\$ 54,00 e R\$ 60,00, preços abaixo da pedida do produtor, o que tem dificultado as negociações. A comercialização futura da safra 2017/18 registrou ligeiro avanço no decorrer de novembro e está em aproximadamente 40% do total da produção esperada.

Em Mato Grosso do Sul, a cultura apresenta tendência de aumento na área plantada de 2,9% em relação à safra passada, que atingiu 2.522,3 mil hectares. O financiamento da produção não foi um grande problema para o financiamento dessa cultura, apesar do crédito oficial para custeio com taxas de juros controladas ter ficado mais burocrático para ser adquirida, dadas às exigências bancárias maiores que o habitual. Os produtores no estado se valem de outras formas de financiamento, principalmente através da troca

de grãos com entrega futura por insumos. A semente convencional mais utilizada é a do ciclo precoce, estimando-se o plantio em torno de 20% e a de ciclo médio 10%. Em virtude dos juros e prazos melhores nas linhas de créditos via BNDES, alguns produtores renovaram suas máquinas e colhedoras. Um fator que destaca é o acesso à tecnologia, com o uso da agricultura de precisão, no preparo do solo através do mapeamento, para análise e aplicação de fertilizantes e corretivos. Observa-se na semeadura o uso de sensores, GPS, software e pulverizadores com sensores de vazão. Por essa razão, a produtividade alcançada no estado é considerada uma das mais altas do Brasil. A ausência de infraestrutura, que constitui um dos gargalos para o agronegócio, está sendo atenuado no estado, com a construção e início de operações com a oleaginosa, do novo terminal portuário do rio Madeira em Porto Velho. Esses fatos combinados estimularam os produtores a aumentar sua área com soja, sendo estimado para esta temporada incremento de 3% em relação ao exercício passado.

de grãos com entrega futura por insumos. A estimativa de área plantada com a cultura é de 2.595,4 mil hectares, 2,9% superior ao da safra anterior. Em termos de produtividade, estima-se uma produtividade 8,8% menor que à da safra passada, dada à redução do uso de insumos em algumas regiões produtoras. Atualmente, mais de 95% da área foi semeada e até a primeira semana de dezembro o plantio estará encerrado no estado.

Devido ao veranico ocorrido em meados de outubro houve um surto de pragas típicas de períodos secos, tais como lagartas e vaquinha, porém, sem danos significativos para a expectativa de produtividade. Uma prática muito comum nas lavouras atualmente é a aplicação de inseticidas através dos pulverizadores autopropelidos. Atualmente, aproximadamente 22% da safra atual foi comercializada antecipadamente com contratos que vencem principalmente em março e abril. Os contratos futuros são poucos, normalmente se negocia apenas os valores relacionados ao desembolso para a compra de alguns insumos nesta época. Além disso, o preço não está atrativo para os produtores, em comparação com as safras anteriores.

Em Goiás, os produtores aceleraram o plantio, compensando o baixo regime de chuvas ocorrido em outubro. O plantio no sul do estado praticamente se encerrou, enquanto na região leste deverá se estender até a primeira semana de dezembro. Já foram relatados pelos produtores ocorrência de pragas e os primeiros combates já estão sendo realizados. Quanto ao material utilizado, cerca de 40% dos produtores



estão usando sementes de segunda geração, 50% de primeira geração e os demais, sementes convencionais. Com relação ao sistema de plantio, cerca de 75% pode ser considerado como semidireto. Na região sul há o cultivo direto, porém com utilização da grade ni-

veladora. Nas regiões norte e leste do estado os plantios deverão se estender até à primeira semana de dezembro. Nas demais, o término do plantio ocorreu na última semana de novembro, conforme previsto no último levantamento.

Figura 30 – Lavoura de soja em Chapadão do Céu – GO



Fonte: Conab.

Figura 31 – Lavoura de soja em desenvolvimento vegetativo em Silvânia - GO



Fonte: Conab.

REGIÃO SUDESTE

Na Região Sudeste, a área plantada com a oleaginosa deverá apresentar incremento de 3,2%. Em Minas Gerais, o plantio deve se encerrar até meados de dezembro em virtude do atraso das chuvas. Conforme já previsto no segundo levantamento haverá aumento no plantio de soja em detrimento ao de milho, sobretudo em áreas de maior tecnologia, por conseguinte, com expectativa de maior produtividade. No sentido contrário, em outros municípios, o registro é de áreas que vinham recebendo soja, com baixa produtividade, retornaram ao plantio de milho.

Em São Paulo, as maiores áreas de grãos estão concentradas nas regiões oeste e sudoeste do estado paulista, onde a cultura da cana-de-açúcar, não encontra condições propícias para o seu desenvolvimento. A área plantada deverá apresentar forte incremento, ocorrendo em grande parte sobre áreas de milho verão, tendo em vista a existência de grandes estoques de milho de passagem, da safra anterior para esta. As lavouras se encontram, em sua maioria, na fase de desenvolvimento vegetativo.



Figura 32 – Lavoura de soja em Guaíra -SP



Fonte: Conab.

REGIÃO SUL

É esperada um incremento percentual na área plantada, de 2,9% em relação ao ocorrido no exercício anterior. A região deverá sair do patamar alcançado na safra passada de 11.459,6 mil para 11.790,4 mil hectares. No Rio Grande do Sul, que reveza com o Paraná a condição de segundo produtor nacional, a semeadura da soja tem evoluído adequadamente em todas as regiões, e o estabelecimento das lavouras ocorreu sem maiores problemas. A região do planalto médio, que engloba Passo Fundo, Sarandi, Soledade, Não-Me-Toque, etc., apresenta a maior evolução na semeadura, tendo ultrapassado os 85% da área. As demais regi-

ões do estado variam de 50 a 85% da área semeada. Dentro do período preferencial, que na maioria das regiões encerra na metade de dezembro, a maior parte das lavouras deverá estar implantada. Embora, até o momento, as condições meteorológicas têm sido adequadas ao estabelecimento da cultura, existe uma apreensão quanto à redução nos volumes de chuva para janeiro, fevereiro e março no estado, o que poderá causar redução da produtividade. A área plantada apresentou acréscimo de 1,7%, causado em parte pela migração de produtores de milho para a soja e pela abertura de novas áreas.

Figura 33 – Soja em desenvolvimento vegetativo em Panambi – RS



Fonte: Conab.



Figura 34 – Lavoura de soja em Condor - RS



Fonte: Conab.

Em Santa Catarina, a semeadura da soja alcança aproximadamente 81% das lavouras a serem destinadas à oleaginosa na safra atual. Esse índice é semelhante ao observado na safra passada, para a mesma época, porém, observou-se, para algumas regiões, atraso no início do plantio, influenciado pelas instabilidades climáticas, principalmente a falta de chuva no final de setembro e início de outubro e, em outros casos, por precipitações excessivas e localizadas durante a semeadura. Os estádios de desenvolvimentos englobam desde a germinação/emergência (28%), vegetativo (64%) e floração (8%). As condições climáticas atuais são consideradas favoráveis, caracterizadas por chuvas regulares em frequência e intensidade na maioria das regiões.

O aumento da área já está praticamente consolidado

em 4,9%, devendo sofrer ajustes ao longo de dezembro com o término da colheita do trigo nas regiões mais altas. Além do ganho sobre a área de milho, o avanço das lavouras antes ocupadas por reflorestamento e campo nativo e/ou pastagens, são as principais responsáveis pelo aumento da área plantada nessa safra. Embora a grande maioria dos produtores tenham buscado recursos públicos para o financiamento da safra de verão, não foram raros os relatos de problemas em acessar o montante solicitado em decorrência de uma maior exigência de garantias e documentos solicitados aos produtores, principalmente para aqueles com alguma pendência de safras passadas. Com isso, muitos recorreram às empresas privadas, como cooperativas e cerealistas, para complementar os recursos necessários à aquisição dos insumos para plantio.

Figura 35 – Lavoura de soja em Xanxerê - SC



Fonte: Conab.

No Paraná, segundo produtor nacional, a área estimada para essa safra é de 5,45 milhões de hectares, cerca de 3,9% superior à área cultivada na safra 2016/17 e decorre principalmente em detrimento ao milho, que migra cada vez mais para a segunda safra. A soja ocupa aproximadamente 91% da área total destinada para a produção de grãos na primeira safra. A busca pela liquidez de mercado e maior rentabilidade oferecida pela oleaginosa são os fatores que explicam a opção do produtor. O plantio já atingiu 96% da área

estimada para essa safra, estando 90% das lavouras em boas condições e 10% regulares. Por conta das adversidades climáticas a partir de setembro (estiagem e concentração de chuvas) poderá comprometer o rendimento inicial esperado das lavouras, porém ainda é cedo para dimensionar perdas. Grande parte das lavouras está em desenvolvimento vegetativo (89%), restando algumas em germinação e outras já em floração.



Figura 36 – Lavouras de soja estado do Paraná



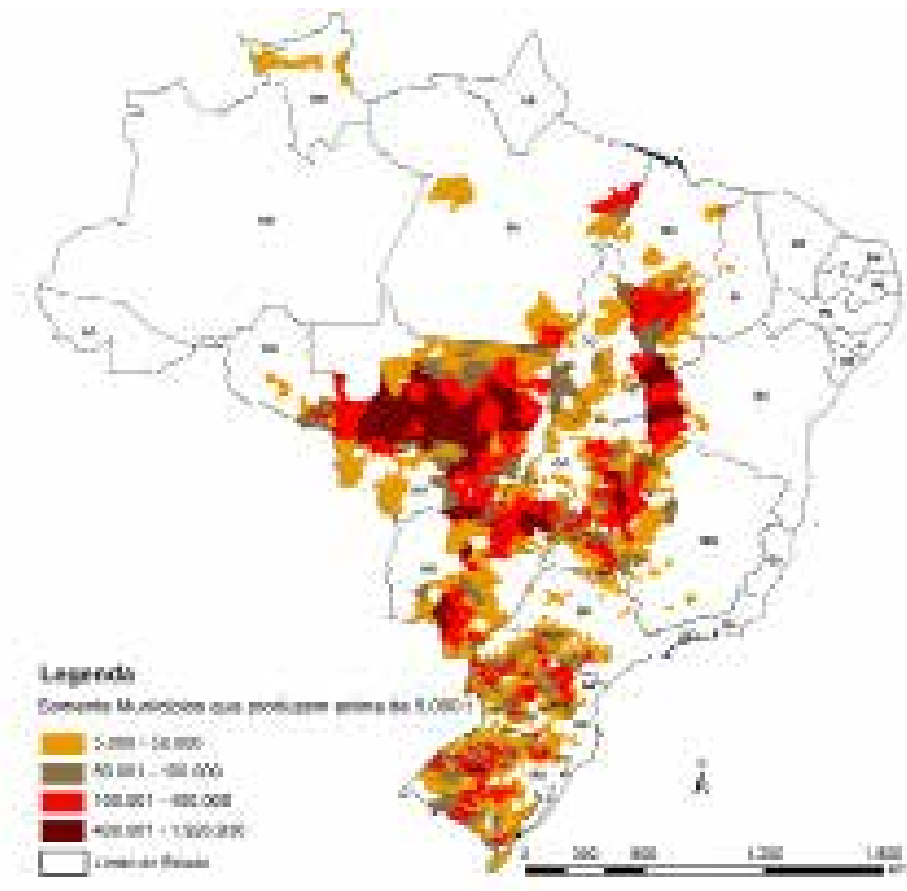
Fonte: Conab.

A somatória das expectativas para a temporada 2017/18 indica para a oleaginosa uma continuada tendência de crescimento da área plantada, atingindo

3,1% em relação à safra passada, totalizando 34.964,5 mil hectares.



Figura 37 – Mapa da produção agrícola – Soja



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 36 – Comparativo de área, produtividade e produção – Soja

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	1.809,0	1.879,6	3,9	3.061	2.955	(3,4)	5.536,4	5.554,4	0,3
RR	30,0	30,0	-	3.000	3.077	2,6	90,0	92,3	2,6
RO	296,0	304,9	3,0	3.143	3.153	0,3	930,3	961,3	3,3
AC	-	0,7	-	-	2.055	-	-	1,4	-
AP	18,9	18,9	-	2.878	2.800	(2,7)	54,4	52,9	(2,8)
PA	500,1	535,1	7,0	3.270	2.987	(8,7)	1.635,3	1.598,3	(2,3)
TO	964,0	990,0	2,7	2.932	2.877	(1,9)	2.826,4	2.848,2	0,8
NORDESTE	3.095,8	3.263,3	5,4	3.115	2.826	(9,3)	9.644,7	9.221,6	(4,4)
MA	821,7	913,7	11,2	3.010	2.846	(5,4)	2.473,3	2.600,4	5,1
PI	693,8	707,7	2,0	2.952	2.528	(14,4)	2.048,1	1.789,1	(12,6)
BA	1.580,3	1.641,9	3,9	3.242	2.943	(9,2)	5.123,3	4.832,1	(5,7)
CENTRO- OESTE	15.193,6	15.603,4	2,7	3.301	3.138	(4,9)	50.149,9	48.970,5	(2,4)
MT	9.322,8	9.546,5	2,4	3.273	3.155	(3,6)	30.513,5	30.119,2	(1,3)
MS	2.522,3	2.595,4	2,9	3.400	3.100	(8,8)	8.575,8	8.045,7	(6,2)
GO	3.278,5	3.390,0	3,4	3.300	3.120	(5,5)	10.819,1	10.576,8	(2,2)
DF	70,0	71,5	2,1	3.450	3.200	(7,2)	241,5	228,8	(5,3)
SUDESTE	2.351,4	2.427,8	3,2	3.467	3.265	(5,8)	8.151,5	7.927,9	(2,7)
MG	1.456,1	1.470,7	1,0	3.480	3.256	(6,4)	5.067,2	4.788,6	(5,5)
SP	895,3	957,1	6,9	3.445	3.280	(4,8)	3.084,3	3.139,3	1,8
SUL	11.459,6	11.790,4	2,9	3.542	3.181	(10,2)	40.592,8	37.509,0	(7,6)
PR	5.249,6	5.454,3	3,9	3.731	3.284	(12,0)	19.586,3	17.911,9	(8,5)
SC	640,4	671,8	4,9	3.580	3.185	(11,0)	2.292,6	2.139,7	(6,7)
RS	5.569,6	5.664,3	1,7	3.360	3.082	(8,3)	18.713,9	17.457,4	(6,7)
NORTE/NORDESTE	4.904,8	5.142,9	4,9	3.095	2.873	(7,2)	15.181,1	14.776,0	(2,7)
CENTRO-SUL	29.004,6	29.821,6	2,8	3.410	3.166	(7,2)	98.894,2	94.407,4	(4,5)
BRASIL	33.909,4	34.964,5	3,1	3.364	3.123	(7,2)	114.075,3	109.183,4	(4,3)

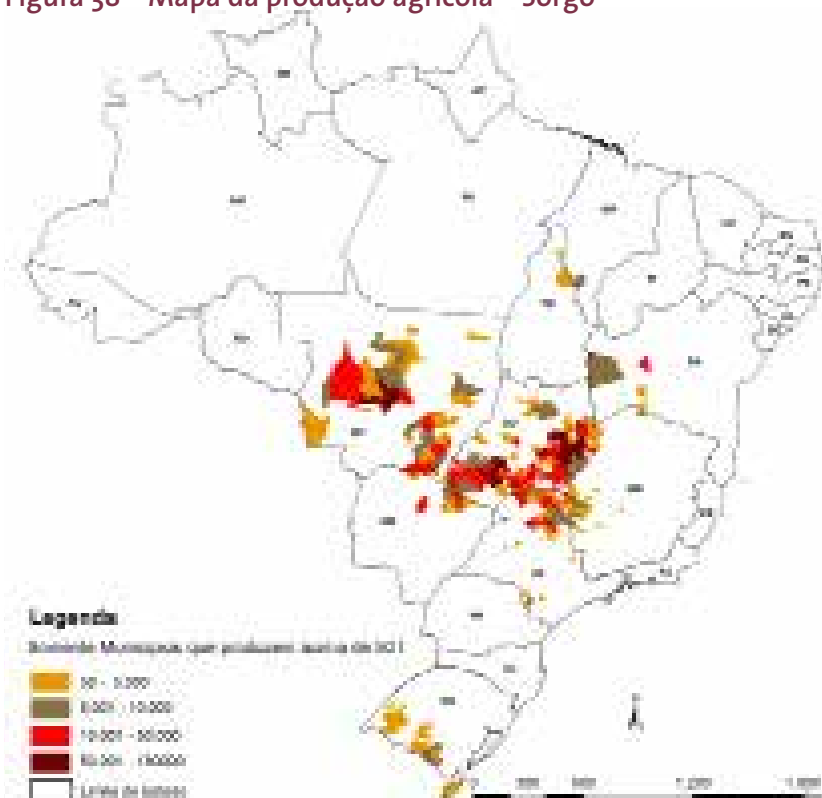
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.



8.1.19. SORGO

Figura 38 – Mapa da produção agrícola – Sorgo



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 37 – Comparativo de área, produtividade e produção – Sorgo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	29,4	29,4	-	1.889	1.801	(4,7)	55,5	52,9	(4,7)
TO	29,4	29,4	-	1.889	1.801	(4,7)	55,5	52,9	(4,7)
NORDESTE	113,2	116,4	2,8	1.180	1.109	(6,0)	133,5	129,1	(3,3)
PI	11,4	11,4	-	2.044	2.041	(0,1)	23,3	23,3	-
CE	0,7	0,7	-	1.915	1.767	(7,7)	1,3	1,2	(7,7)
RN	1,3	1,3	-	1.244	849	(31,8)	1,6	1,1	(31,3)
PB	1,3	1,3	-	1.600	918	(42,6)	2,1	1,2	(42,9)
BA	98,5	101,7	3,2	1.068	1.006	(5,8)	105,2	102,3	(2,8)
CENTRO-OESTE	283,3	283,3	-	3.373	3.351	(0,7)	955,6	949,3	(0,7)
MT	38,5	38,5	-	2.353	2.460	4,5	90,6	94,7	4,5
MS	7,7	7,7	-	3.650	3.285	(10,0)	28,1	25,3	(10,0)
GO	230,1	230,1	-	3.500	3.464	(1,0)	805,4	797,1	(1,0)
DF	7,0	7,0	-	4.500	4.594	2,1	31,5	32,2	2,2
SUDESTE	193,6	193,6	-	3.581	3.354	(6,3)	693,2	649,4	(6,3)
MG	183,1	183,1	-	3.588	3.348	(6,7)	657,0	613,0	(6,7)
SP	10,5	10,5	-	3.452	3.463	0,3	36,2	36,4	0,6
SUL	9,0	9,5	5,6	3.000	2.777	(7,4)	27,0	26,4	(2,2)
RS	9,0	9,5	5,0	3.000	2.777	(7,4)	27,0	26,4	(2,2)
NORTE/NORDESTE	142,6	145,8	2,2	1.326	1.249	(5,8)	189,0	182,0	(3,7)
CENTRO-SUL	485,9	486,4	0,1	3.449	3.341	(3,1)	1.675,8	1.625,1	(3,0)
BRASIL	628,5	632,2	0,6	2.967	2.858	(3,7)	1.864,8	1.807,1	(3,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.



8.2 CULTURAS DE INVERNO

O terceiro levantamento da safra 2017/18 traz o acompanhamento da safra 2017 das culturas de inverno. Com a colheita praticamente encerrada em todos os estados, a avaliação é que a produção nacional da safra

de culturas de inverno seja de 5.324,2 mil toneladas. A redução da produção, em relação à última safra, deve-se principalmente, à produtividade menor no Sul do país, bastante afetada pelas condições climáticas.

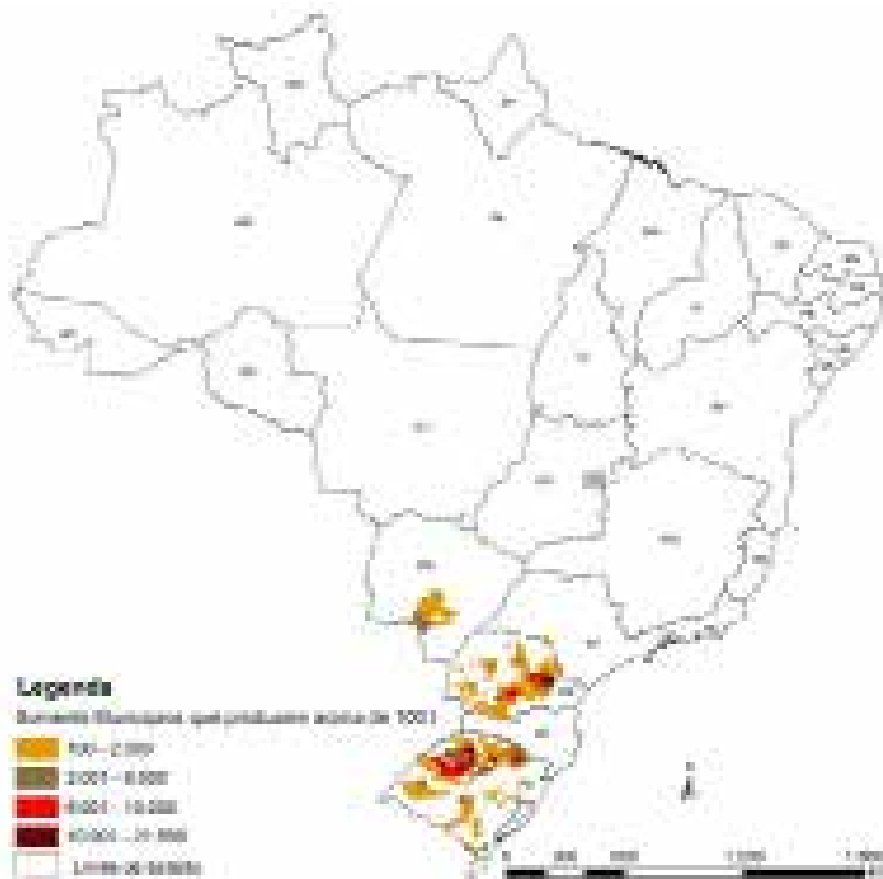
8.2.1. AVEIA

No Paraná, com a colheita já finalizada, verifica-se que a produtividade obtida foi de 2.087 kg/ha, redução de 16,8% em comparação com a da safra passada. A falta de chuvas e ocorrências de geadas em fases importantes da cultura tiveram como reflexo queda no rendimento, porém o produto colhido apresentou boa qualidade. Cerca de 58% da produção já se encontra comercializada.

No Rio Grande do Sul, a colheita está praticamente finalizada, com 98% colhido, restando apenas algumas lavouras nas regiões de Vacaria e Lagoa Verme-

lha. Devido aos estresses sofridos durante o desenvolvimento, as perdas de produtividade e qualidade dos grãos foram grandes. Com exceção das regiões em que o cultivo ocorre mais tarde, Sul e Serra, onde parte da produção possui condições razoáveis de aproveitamento, nas demais os grãos apresentam-se escuros, com altos índices de acidez e deverão ser destinados majoritariamente ao consumo animal. A produtividade média do estado foi ajustada para 1.849 kg/ha, muito inferior ao verificado na safra passada.

Figura 39 – Mapa da produção agrícola – Aveia



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 38 – Comparativo de área, produtividade e produção – Aveia

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	15,0	29,0	93,3	1.500	1.552	3,5	22,5	45,0	100,0
MS	15,0	29,0	93,3	1.500	1.550	3,3	22,5	45,0	100,0
SUL	276,5	311,1	12,5	2.912	1.897	(34,9)	805,3	590,2	(26,7)
PR	58,2	62,9	8,1	2.508	2.087	(16,8)	146,0	131,3	(10,1)
RS	218,3	248,2	13,7	3.020	1.849	(38,8)	659,3	458,9	(30,4)
CENTRO-SUL	291,5	340,1	16,7	2.840	1.868	(34,2)	827,8	635,2	(23,3)
BRASIL	291,5	340,1	16,7	2.840	1.868	(34,2)	827,8	635,2	(23,3)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.

8.2.2. CANOLA

No Paraná, devido ao plantio mais precoce, a canola sofre mais com as intempéries do inverno do que as demais culturas. Algumas geadas ocorridas nesse ano foram suficientes para abortar floradas da canola, o que resultou em perda de produtividade. A colheita já está finalizada e o rendimento obtido ficou em 1.201 kg/ha, redução de 18,8% em relação à safra anterior. Como a produção não é muito significativa, a comer-

cialização já está praticamente encerrada.

No Rio Grande do Sul, a canola, nessa safra, apresentou grande perda de produtividade em virtude das condições adversas durante todo o ciclo produtivo. O rendimento médio ficou em apenas 799 kg/ha, uma redução de mais de 47% em relação à safra anterior.

Figura 40 – Mapa da produção agrícola – Canola



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 39 – Comparativo de área, produtividade e produção – Canola

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	47,5	48,1	1,3	1.514	840	(44,5)	71,9	40,4	(43,8)
PR	6,3	4,8	(23,5)	1.479	1.201	(18,8)	9,3	5,8	(37,6)
RS	41,2	43,3	5,1	1.520	799	(47,4)	62,6	34,6	(44,7)
CENTRO-SUL	47,5	48,1	1,3	1.514	840	(44,5)	71,9	40,4	(43,8)
BRASIL	47,5	48,1	1,3	1.514	840	(44,5)	71,9	40,4	(43,8)

Fonte: Conab.

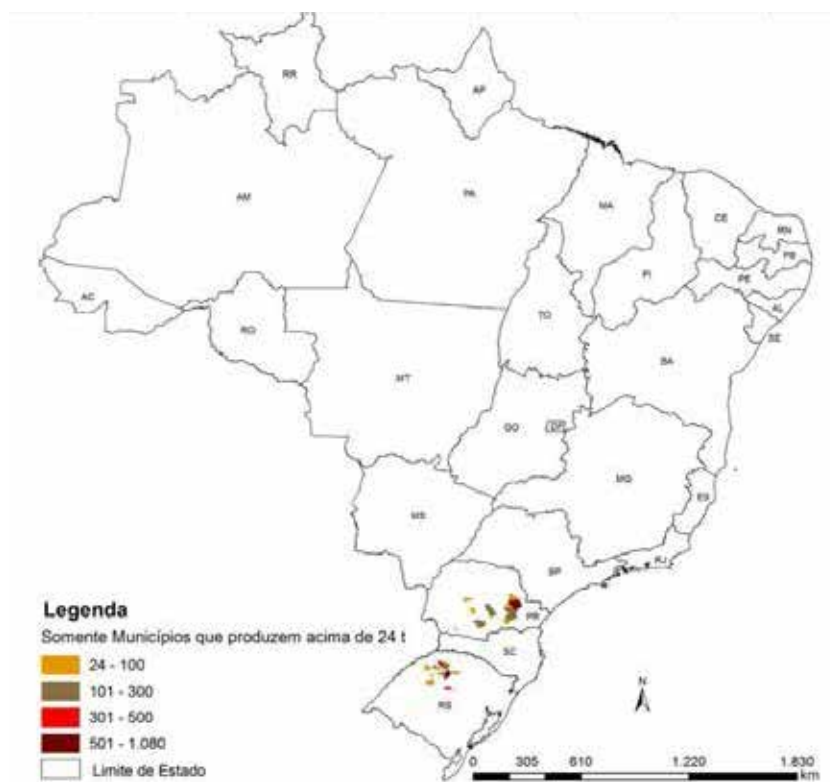
Nota: Estimativa em dezembro/2017.

8.2.3. CENTEIO

No Paraná, a colheita está praticamente encerrada, chegando a 97% da área, e deve ser concluída até o fim de dezembro. A produtividade esperada é de 1.821

kg/ha, 24,2% menor do que a verificada na safra passada devido à longa estiagem de setembro.

Figura 41 - Mapa da produção agrícola - Centeio



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 40 – Comparativo de área, produtividade e produção – Centeio

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	2,5	3,6	44,0	2.600	1.806	(30,5)	6,5	6,5	-
PR	1,0	2,1	110,0	2.402	1.821	(24,2)	2,4	3,8	58,3
RS	1,5	1,5	-	2.700	1.826	(32,4)	4,1	2,7	(34,1)
CENTRO-SUL	2,5	3,6	44,0	2.600	1.806	(30,5)	6,5	6,5	-
BRASIL	2,5	3,6	44,0	2.600	1.806	(30,5)	6,5	6,5	-

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.



8.2.4. CEVADA

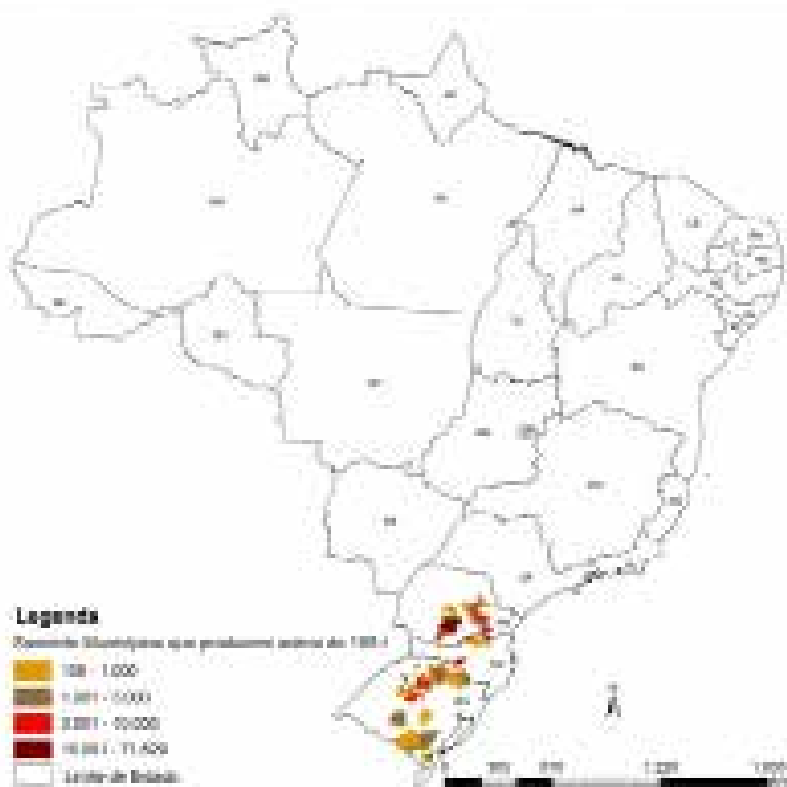
No Paraná, a colheita está praticamente finalizada, com cerca de 97% da área colhida. No momento, estima-se redução de produtividade em torno de 27,3% em relação à safra anterior, decorrente das geadas, estiagem em setembro e chuvas intensas em outubro e novembro. O clima também prejudicou a qualidade do grão. A cevada, para ser considerada cervejeira, tem que ter abaixo de 11% de grãos germinados, que seria a condição considerada como boa para a qualidade do grão.

Em Santa Catarina, o plantio é concentrado em municípios do Oeste, fomentados por cooperativa local, para atender a demanda da indústria cervejeira. A área de cevada em Santa Catarina deve somar aproximadamente 1,2 mil hectares, redução de 7,7% em relação à safra passada. Assim, como acontece com a cultura do trigo, as más condições climáticas na fase de florescimento, representada por estiagem de 40 dias, prejudicaram a etapa posterior (reprodutiva). Os resultados das instabilidades climáticas estão sendo observados no momento da colheita. A produtividade média não deve ser de 1.700 kg/ha, redução de 64,6% se comparada com os valores da safra passada, que alcançaram os 4.800 kg/ha, resultado do clima favorável durante todo o ciclo da cultura. Com aproximadamente 85% das lavouras já colhidas, não só a produtividade sofreu

queda nessa safra, mas também a qualidade do produto colhido até agora vem apresentando resultados negativos. Estima-se que apenas 40% dos grãos se enquadraram como de boa qualidade, podendo ser aproveitados para produção de malte. O restante deve ser comercializado como ração a preços menores.

No Rio Grande do Sul, a colheita da cevada alcançou 50% da área semeada. Nas regiões de Soledade e Cruz Alta, (as mais adiantadas na colheita), Passo Fundo, Erechim e Não-Me-Toque, a qualidade do grão não está atingindo classificações mínimas requeridas pela indústria cervejeira. Problemas iniciais na implantação (devido às chuvas), germinação desuniforme, estiagem e geadas ao longo do cultivo e, como se não bastasse, as chuvas na colheita (outubro) contribuíram para o fracasso das lavouras. Nos municípios de Vacaria, Lagoa Vermelha e Caxias do Sul, onde historicamente o cultivo é mais atrasado, as lavouras estão em sua maioria em enchimento de grãos. A produtividade média esperada no estado é 2.006 kg/ha, redução de 38,7% em relação à safra anterior. Além da baixa produtividade, provavelmente pequena parte do produto colhido será utilizada na indústria cervejeira, sendo a maioria destinado à alimentação animal.

Figura 42 - Mapa da produção agrícola - Cevada



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 41 – Comparativo de área, produtividade e produção – Cevada

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	95,6	109,2	14,2	3.920	2.648	(32,4)	374,8	289,1	(22,9)
PR	42,5	51,0	20,0	4.682	3.388	(27,6)	199,0	172,8	(13,2)
SC	1,3	1,2	(7,7)	4.800	1.700	(64,6)	6,2	2,0	(67,7)
RS	51,8	57,0	10,0	3.274	2.006	(38,7)	169,6	114,3	(32,6)
CENTRO-SUL	95,6	109,2	14,2	3.920	2.648	(32,4)	374,8	289,1	(22,9)
BRASIL	95,6	109,2	14,2	3.920	2.648	(32,4)	374,8	289,1	(22,9)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.

8.2.5. TRIGO

No Paraná, a colheita da safra de trigo está praticamente encerrada, atingindo aproximadamente 99% da área. Em consequência da estiagem em julho, agosto e setembro e, em menor escala, das geadas e das chuvas intensas dos últimos meses, a produtividade recuou para 2.341 kg/ha, redução de 25,4% à obtida na última safra. Vale ressaltar que mesmo com a perda na produtividade, a qualidade do grão não foi prejudicada demasiadamente. A comercialização dessa commodity ocorre regularmente, com aproximadamente 53,3% da safra já vendida.

Em Santa Catarina, com aproximadamente 83% das lavouras já colhidas, a safra de trigo entra na reta final, devendo se encerrar no começo de dezembro. O resultado obtido até o momento reflete as más condições climáticas atuantes durante boa parte do ciclo da cultura. Estiagem ocorrida no início do plantio e desenvolvimento vegetativo, seguido por fortes geadas nessa fase prejudicaram o crescimento, estande e perfilhamento de muitas lavouras. Ainda, durante o florescimento, uma nova estiagem afetou algumas regiões produtoras, principalmente no oeste catarinense, resultando na falha do desenvolvimento dos grãos. Com chuvas mais regulares, a partir de setembro e outubro, as regiões onde as lavouras estavam mais atrasadas tiveram condições de recuperar parte do potencial produtivo, principalmente no Planalto Norte e parte do Meio-oeste. Assim, nessas regiões, tanto a produtividade quanto a qualidade dos grãos estão melhores se comparadas com as demais regiões, embora abaixo do registrado na safra passada. A produtividade estimada até o momento é de aproximadamente 2.660 kg/ha, podendo variar conforme as últimas lavouras vão sendo colhidas. Contudo, com mais de 90% das lavouras enquadradas entre regula-

res e ruins, dificilmente teremos incremento na produtividade atual. Em termos de qualidade dos grãos, aproximadamente 40% são considerados bons, 41% regulares e 19% ruins. O peso hectolitro (PH) varia desde 71 a mais de 80, refletindo as oscilações climáticas e tecnológicas empregadas durante o desenvolvimento da lavoura. Os preços médios variam de R\$ 32,00 a R\$ 33,00 a saca de 60 quilos, para produto padrão, estando abaixo do preço mínimo oficial.

No Rio Grande do Sul, a colheita atingiu 85%, restando apenas as áreas mais frias, como os Campos de Cima da Serra, que estão iniciando as operações. Nas demais regiões, que já se encontravam bem avançadas no levantamento anterior, as áreas já foram semeadas com a cultura seguinte. As condições meteorológicas adversas durante todo o ciclo da cultura fizeram com que a produtividade e qualidade do trigo fossem severamente comprometidas, tendo a primeira sido ajustada para 1.826 kg/ha e apenas cerca de 15% do produto colhido apresentar boa qualidade para o consumo humano. As lavouras das regiões Sul, Campos de Cima da Serra e parte da Serra apresentaram qualidade superior às demais, com boa parte atingindo classificação adequada para panificação, porém, como essas regiões não são tão representativas no estado, a qualidade geral foi muito baixa. Nas regiões mais importantes para a cultura, como Noroeste e Central, quase a totalidade dos grãos colhidos apresenta peso hectolitro (PH) menor que 76 e muitas vezes é enquadrado como triguilho como, por exemplo, em Santo Ângelo, onde 90% do trigo está com PH em torno de 65. O preço médio continua praticamente estagnado, com cotação média de R\$ 29,56 na última semana de novembro devido aos grandes volumes importados, principalmente da Argentina.



Figura 43 - Mapa da produção agrícola - Trigo

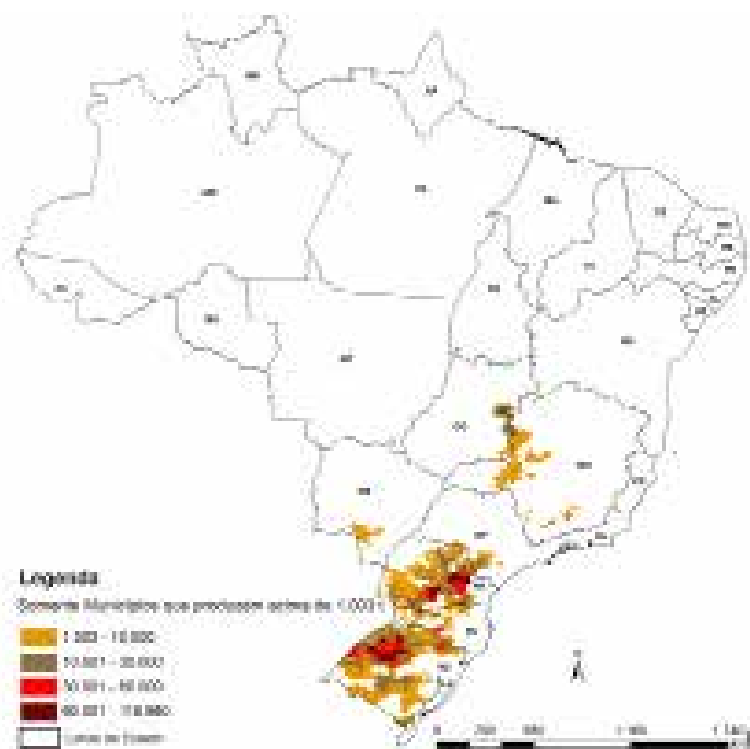


Tabela 42 – Comparativo de área, produtividade e produção – Trigo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	3,0	5,0	66,7	6.000	6.000	-	18,0	30,0	66,7
BA	3,0	5,0	66,7	6.000	6.000	-	18,0	30,0	66,7
CENTRO-OESTE	32,9	31,9	(3,0)	3.657	3.229	(11,7)	120,3	103,0	(14,4)
MS	17,8	20,0	12,2	2.328	1.950	(16,2)	41,4	39,0	(5,8)
GO	14,3	11,0	(23,1)	5.182	5.330	2,9	74,1	58,6	(20,9)
DF	0,8	0,9	12,5	6.000	6.000	-	4,8	5,4	12,5
SUDESTE	161,1	164,5	2,1	2.852	2.996	5,0	459,4	492,9	7,3
MG	84,3	84,6	0,4	2.599	2.678	3,0	219,1	226,6	3,4
SP	76,8	79,9	4,0	3.129	3.333	6,5	240,3	266,3	10,8
SUL	1.921,4	1.715,7	(10,7)	3.190	2.141	(32,9)	6.129,1	3.673,5	(40,1)
PR	1.086,4	962,6	(11,4)	3.140	2.341	(25,4)	3.411,3	2.253,4	(33,9)
SC	58,1	53,9	(7,2)	3.800	2.660	(30,0)	220,8	143,4	(35,1)
RS	776,9	699,2	(10,0)	3.214	1.826	(43,2)	2.497,0	1.276,7	(48,9)
NORTE/NORDESTE	3,0	5,0	66,7	6.000	6.000	-	18,0	30,0	66,7
CENTRO-SUL	2.115,4	1.912,1	(9,6)	3.171	2.233	(29,6)	6.708,8	4.269,4	(36,4)
BRASIL	2.118,4	1.917,1	(9,5)	3.175	2.243	(29,4)	6.726,8	4.299,4	(36,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.



8.2.6. TRITICALE

Em São Paulo, o triticale apresentou estabilidade na área e na produtividade, estimadas em 7,5 mil hectares e 2.779 kg/ha, respectivamente. É cultivado juntamente com as lavouras de trigo, mas ainda assim em áreas menores. A cultura já foi totalmente colhida.

No Paraná, a colheita está praticamente concluída,

chegando a aproximadamente 92% da área. A produtividade média obtida até o momento é de 2.359 kg/ha, redução de 23,8% em comparação com a da safra anterior, decorrente de estresse hídrico das lavouras em fase crítica de floração e enchimento de grãos. Aproximadamente 42% da produção já foi comercializada pelos produtores.

Figura 44 – Mapa da produção agrícola – Triticale

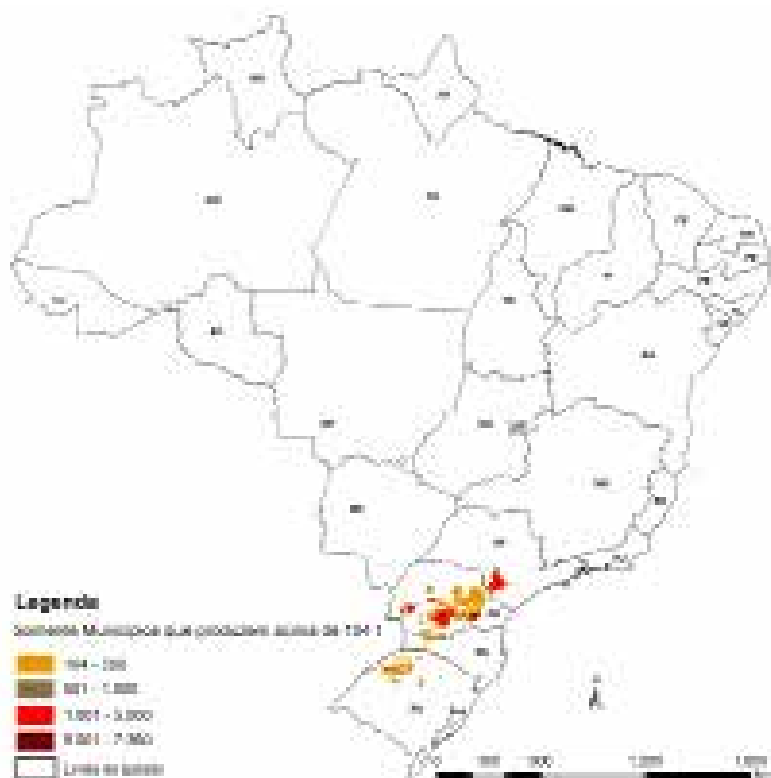


Tabela 43 – Comparativo de área, produtividade e produção – Triticale

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	7,5	7,5	-	2.853	2.773	(2,8)	21,4	20,8	(2,8)
SP	7,5	7,5	-	2.856	2.779	(2,7)	21,4	20,8	(2,8)
SUL	16,0	15,2	(5,0)	2.919	2.158	(26,1)	46,7	32,8	(29,8)
PR	9,7	9,5	(2,1)	3.097	2.359	(23,8)	30,0	22,4	(25,3)
SC	0,6	-	(100,0)	2.243	-	(100,0)	1,3	-	(100,0)
RS	5,7	5,7	-	2.700	1.826	(32,4)	15,4	10,4	(32,5)
CENTRO-SUL	23,5	22,7	(3,4)	2.898	2.361	(18,5)	68,1	53,6	(21,3)
BRASIL	23,5	22,7	(3,4)	2.898	2.361	(18,5)	68,1	53,6	(21,3)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.





9. RECEITA BRUTA

A receita bruta dos produtores rurais das lavouras de algodão, arroz, feijão, milho e soja, da safra 2017/18, esta estimada num total de R\$ 153,35 bilhões. Esse número é 15,2% inferior ao registrado na temporada anterior, quando a soma atingiu R\$ 218,14 bilhões.



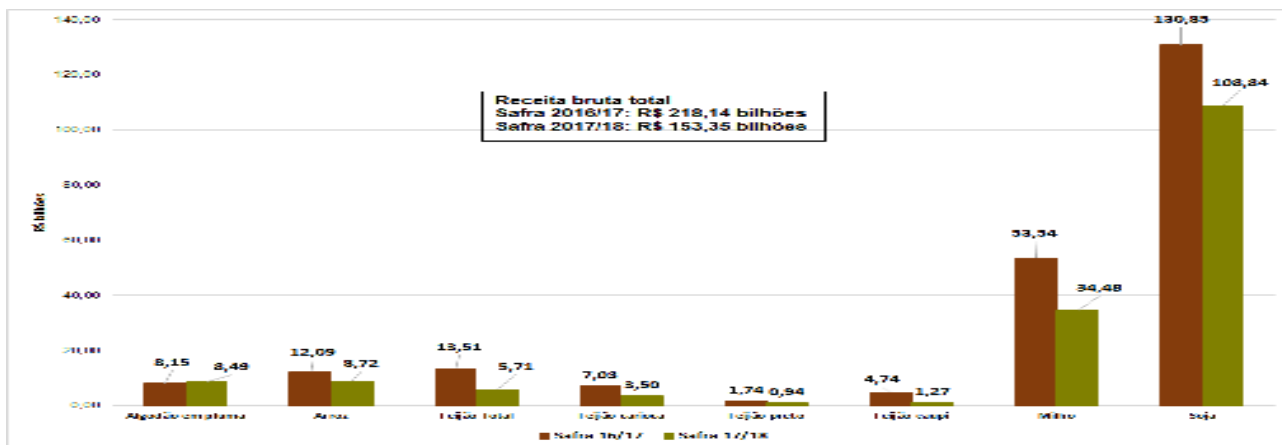
Tabela 44 – Receita bruta da produção agrícola – produtos selecionados

PRODUTO	PRODUÇÃO (Em mil t)			PREÇO MÉDIO - R\$/unidade				VALOR DA PRODUÇÃO - R\$ Milhões		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Unid.	11/2015	11/2016	Var. %	11/2015	11/2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)		(c)	(d)	(d/e)	(f)	(g)	(g/f)
Algodão em pluma	1,53	1,69	10,5%	15	79,96	75,36	-5,8%	8,15	8,49	4,2%
Arroz	12,33	11,61	-5,8%	60	58,85	45,07	-23,4%	12,09	8,72	-27,9%
Feijão Total	3,40	3,27	-3,9%	60	238,49	104,83	-56,0%	13,51	5,71	-57,7%
Feijão carioca	2,18	2,10	-3,6%	60	193,52	99,85	-48,4%	7,03	3,50	-50,2%
Feijão preto	0,51	0,52	2,6%	60	206,09	108,31	-47,4%	1,74	0,94	-46,1%
Feijão caupi	0,71	0,65	-9,4%	60	398,85	118,24	-70,4%	4,74	1,27	-73,2%
Milho	97,84	92,22	-5,7%	60	32,83	22,44	-31,6%	53,54	34,48	-35,6%
Soja	114,08	109,17	-4,3%	60	68,82	59,82	-13,1%	130,85	108,84	-16,8%
TOTAL	-	-	-	-	-	-	-	218,14	166,25	-23,8%

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.

Gráfico 53 – Receita bruta dos produtores rurais – Produtos selecionados - Em bilhões de reais



Fonte: Conab

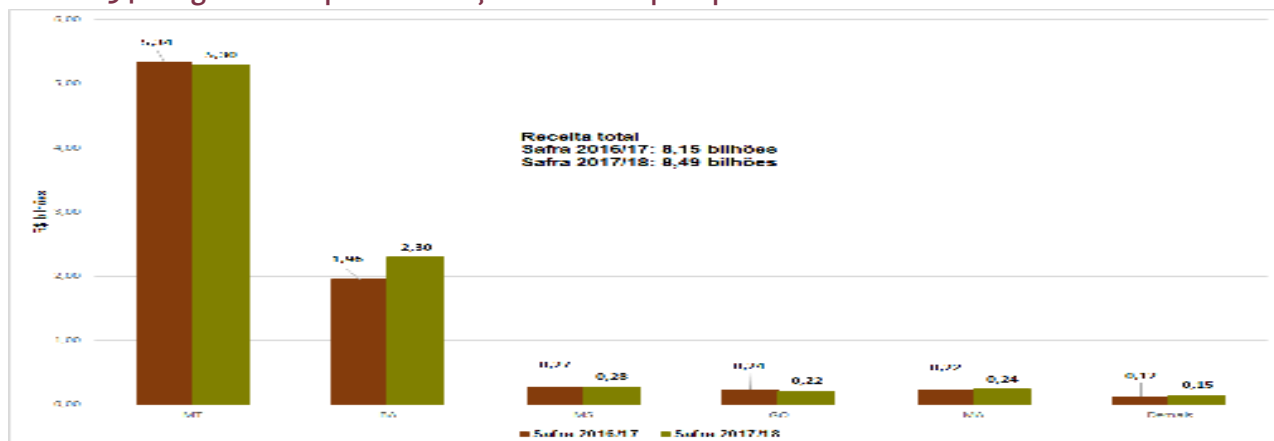
ALGODÃO

A produção do algodão apresenta aumento de 10,5%. Por outro lado, o preço médio nacional para a fibra apresentou uma queda de 5,8%. Essas duas grandezas culminam no valor da receita bruta dos produtores, que apresenta um valor de R\$ 8,5 bilhões para a safra em questão, um aumento de 4,2% em relação à safra anterior, ou seja, o aumento da produção apresentou maior impacto na receita bruta do que a queda relativa dos preços.

As Unidades da Federação com maior produção da fibra supracitada são o Mato Grosso e a Bahia, com 63% e 25%, respectivamente. Os valores da receita bruta para o maior estado produtor, Mato Grosso, foram de 5,3 bilhões e para a Bahia o valor foi de 2,4 bilhões. É importante ressaltar o grande avanço na produção na Bahia, a qual passou de 350 mil toneladas para 430 mil, um aumento de 24%



Gráfico 54 – Algodão em pluma – Preços recebidos pelo produtor – Novembro/2016 a Novembro/2017



Fonte: Conab

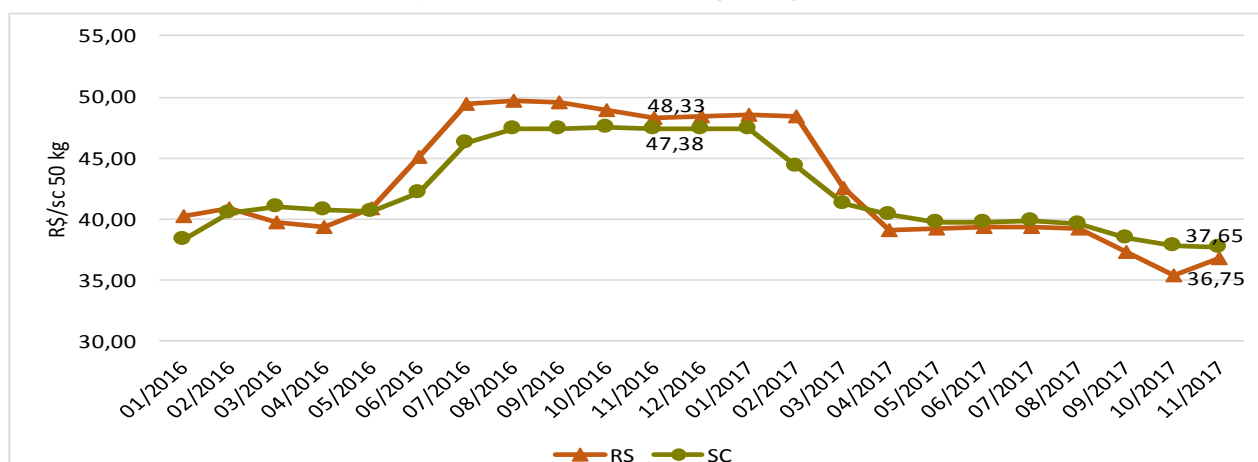
ARROZ

O cereal tem sua produção fortemente concentrada na região Sul do Brasil, fator que indica forte participação dos estados produtores do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, para a formação da receita bruta dos produtores do arroz. Nas referidas Unidades da Federação supracitadas, observam-se diminuições

nas produções de 5%.

Além disso, diminuições nos preços médios praticados também foram observadas, inclusive uma forte tendência de queda nos últimos meses.

Gráfico 55 – Arroz em casca – Preços nominais recebidos pelos produtores



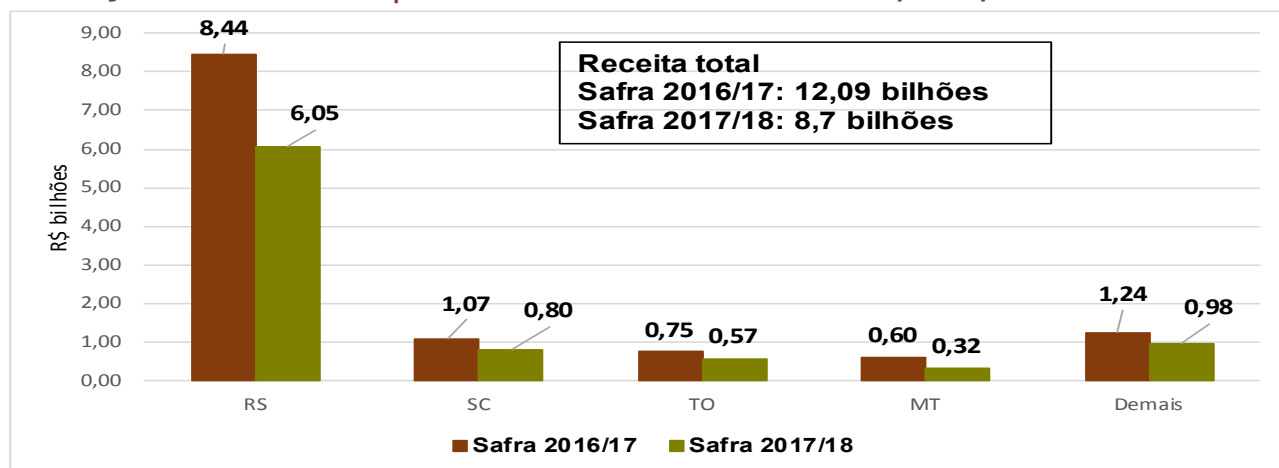
Fonte: Conab

Esses dois fatores culminaram na diminuição da estimativa da receita bruta para os produtores de arroz,

quando comparada com o mesmo período do ano anterior, o decréscimo foi de 28%



Gráfico 56 – Receita bruta dos produtores rurais– Arroz – Safras 2016/17 e 2017/18



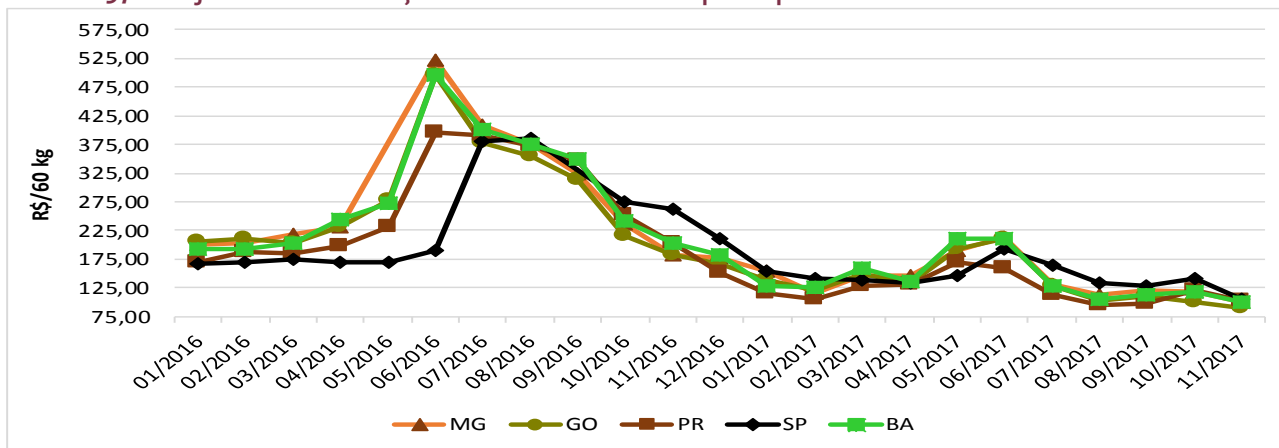
Fonte: Conab

FEIJÃO CARIOCA

O feijão é uma cultura permanente no Brasil, possuindo três distintas safras que incorrem em plantio e colheita simultâneos em diversas localidades no Brasil. Para o feijão-carioca, observa-se decréscimo na produção em distintos estados produtores. Além disso, há uma forte tendência de queda nos preços pra-

ticados com o produtor ao compararmos os valores de novembro de 2016 e novembro de 2017.

Gráfico 57 – Feijão carioca – Preços nominais recebidos pelos produtores

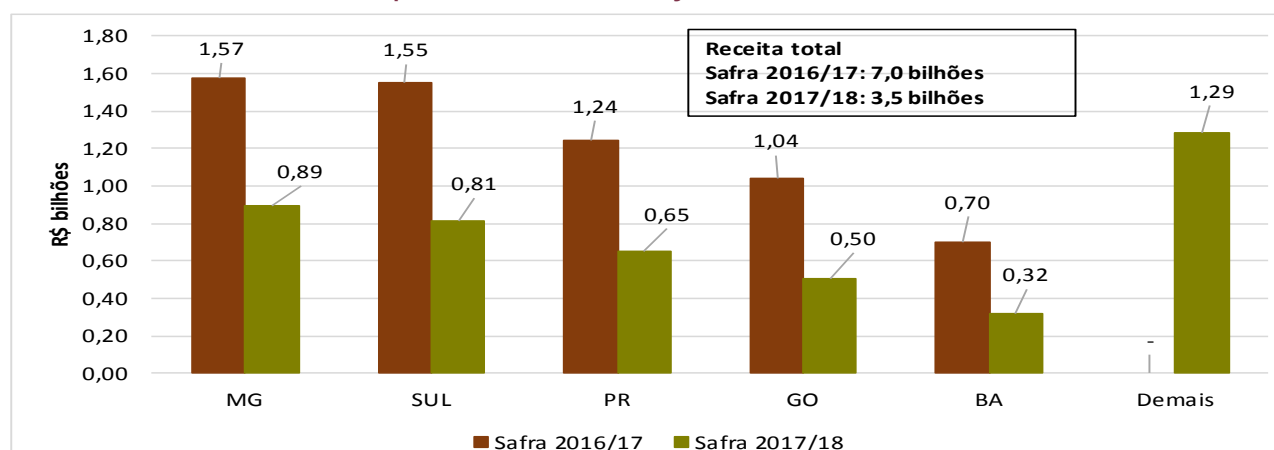


Fonte: Conab

Essa forte diminuição nos preços acarretou em forte queda na estimativa da receita bruta total para o feijão carioca, apresentando valor de 3,5 bilhões para

2017/18, 50% menor do que o observado na safra anterior de 7 bilhões em 2016/17.

Gráfico 58 – Receita bruta dos produtores rurais – Feijão carioca – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab

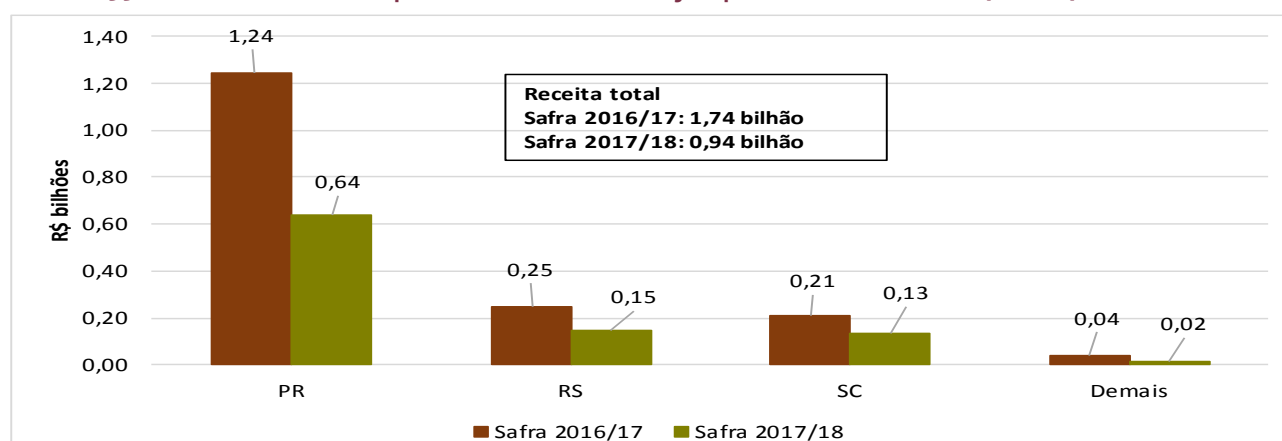
FEIJÃO PRETO

A cultura de feijão-preto, fortemente concentrada na Região sul do Brasil, apresenta comportamento distinto ao feijão-carioca, ou seja, crescimento sutil na produção da semente e queda considerável nos preços recebidos pelo produtor. O Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, juntos, correspondem a 95% da produção do feijão-preto. O Paraná apresenta crescimento de 1% na produção, todavia, encontra-se decréscimo de 49,2% nos preços recebidos, situação

semelhante ocorre em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul.

A partir desse cenário de crescimento na produção e forte queda nos preços praticados a estimativa total da receita bruta, para o feijão-preto, na safra 2017/18, foi de 0,94 bilhão de reais, esse valor é 46,1% menor que o observado na safra 2016/17, de 1,74 bilhão.

Gráfico 59 – Receita bruta dos produtores rurais – Feijão preto – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab

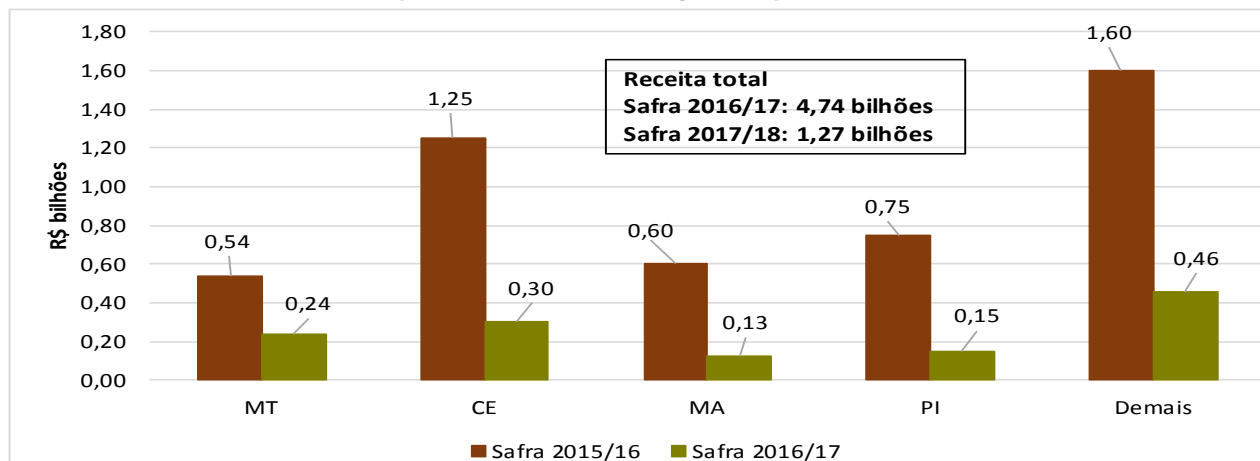
FEIJÃO CAUPI

Já para o feijão-caupi se encontra maior produção na Região Norte - Nordeste do que na Região Centro-Sul. De forma semelhante às demais variedades do feijão, observa-se decréscimo na produção nacional de 9,4% e forte diminuição nos preços médios nacionalmente.

Nesse cenário, com a presença do Mato Grosso, maior

produtor do feijão caupi, também é observado pequeno aumento na produção e forte decréscimo nos preços, 2% e 56%, respectivamente. Isso posto, a receita bruta total do feijão-caupi, para a safra 2017/18, está estimada em 1,3 bilhão de reais, 11,9% menor que o estimado para a safra 2016/17 (4,7 bilhões).

Gráfico 60 – Receita bruta dos produtores rurais – Feijão caupi – Safras 2016/17 e 2017/18



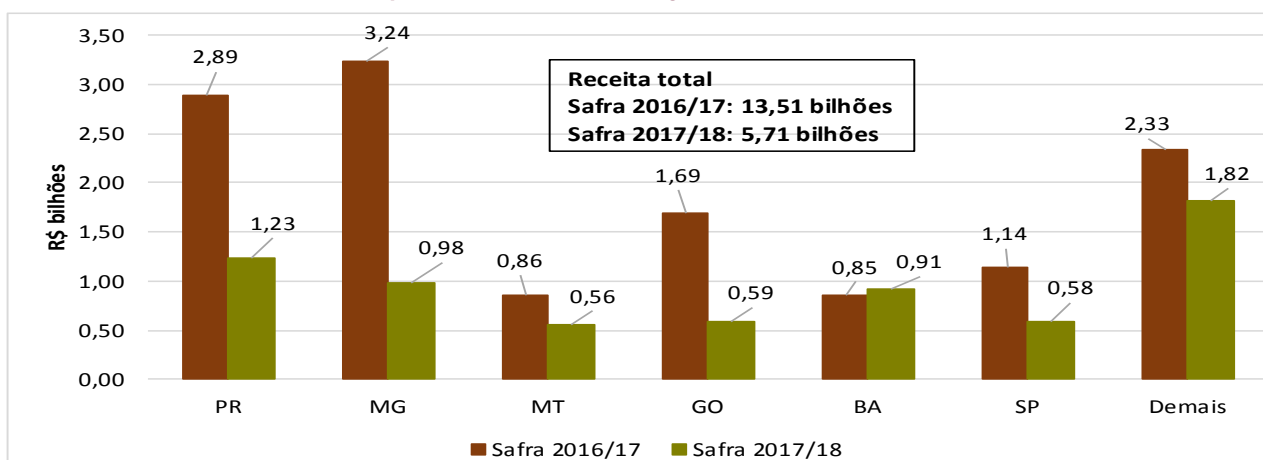
Fonte: Conab

FEIJÃO TOTAL (CARIOCA, PRETO E CAUPI)

Consolidando os valores estimados para a receita bruta do feijão-carioca, do preto e do caupi, obteve-se a

receita bruta do total de feijão de R\$ 13,51 bilhões na temporada 2016/17 e R\$ 5,71 bilhões em 2017/18.

Gráfico 61 – Receita bruta dos produtores rurais – Feijão total – Safras 2016/17 e 2017/18



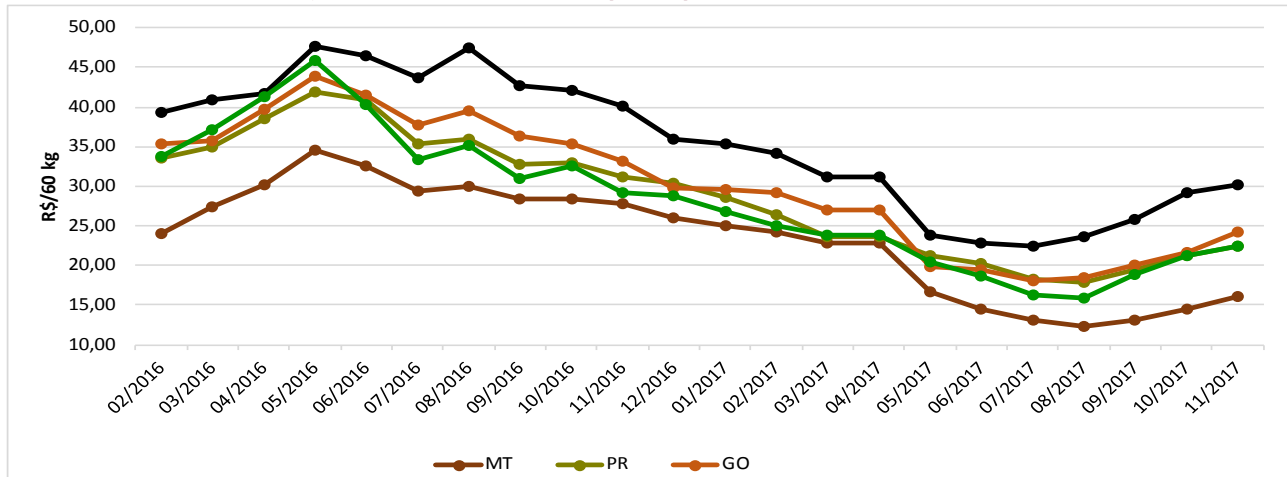
Fonte: Conab

MILHO

O cereal apresenta duas safras no Brasil e, com isso, observa-se plantio e colheita simultâneos em distintas regiões brasileiras. Além dessa característica, a cultura do milho está presente em todas as Unidades da Federação. Os dois maiores estados produtores são o Mato Grosso e o Paraná, com 30,41% e 17,58% da produção nacional, respectivamente.

Os preços internos aparentam estabilização e possível retomada para os próximos períodos. Entretanto, na comparação de novembro de 2016 e novembro de 2017, os preços recebidos pelos produtores apresentam queda média de 31%.

Gráfico 62 – Milho – Preços nominais recebidos pelos produtores

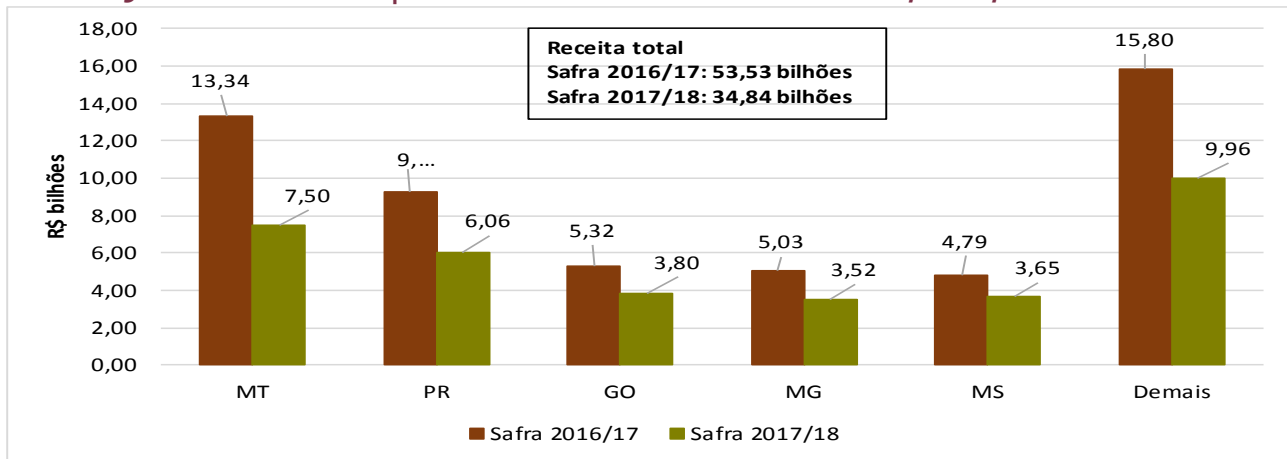


Fonte: Conab

A produção nacional apresentou tendência de leve diminuição na produção, inclusive nos maiores estados produtores, além disso, a queda observada nos preços praticados foi mais impactante no cálculo da receita

bruta. A estimativa da receita bruta total para o milho foi de 34,5 bilhões de reais para a safra 2017/18, já para a safra de 2016/17 observa-se a estimativa de 53,54 bilhões, ou seja, uma queda no valor da receita de 35,6%.

Gráfico 63 – Receita bruta dos produtores rurais – Milho – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab

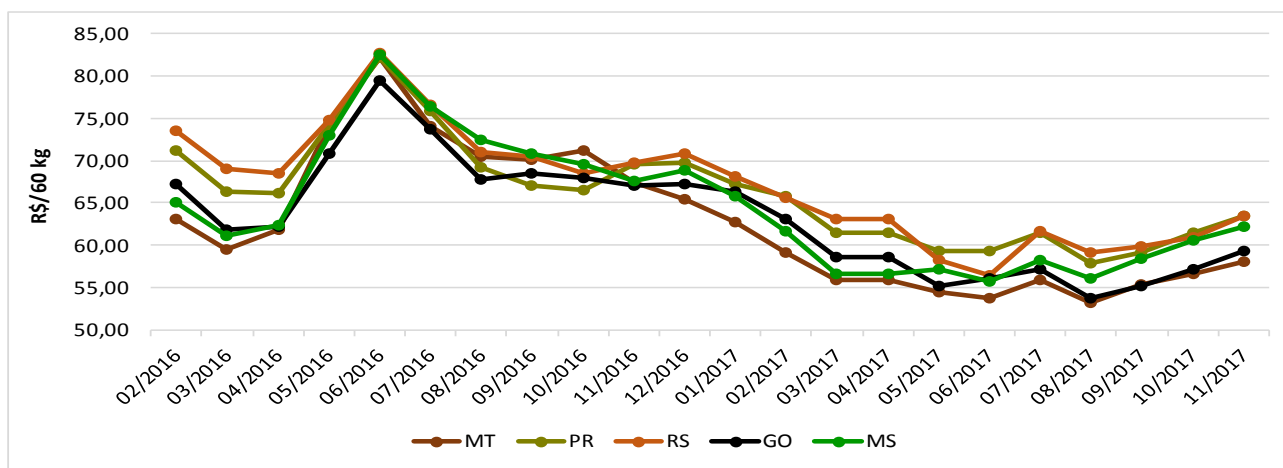
SOJA

Após sucessivas safras com aumentos na produção de soja, observa-se, na projeção para a safra 2017/18 uma pequena diminuição na produção. A produção da safra 2016/17 foi calculada em 114 milhões de toneladas, já para a safra 2017/18 existe a projeção de 109 milhões de toneladas, um decréscimo de 4,3%. Unidades da federação caracterizadas como grandes

produtores, como Mato Grosso, Paraná e Rio Grande do Sul; também experimentam projeções de queda de 1,3%, 6,8% e 6,7%, respectivamente.

Além disso, os preços da oleaginosa sofreram decréscimos em todos os 16 estados produtores, com queda média de 13% nos preços recebidos pelos produtores. .

Gráfico 64 – Soja – Preços nominais recebidos pelos produtores



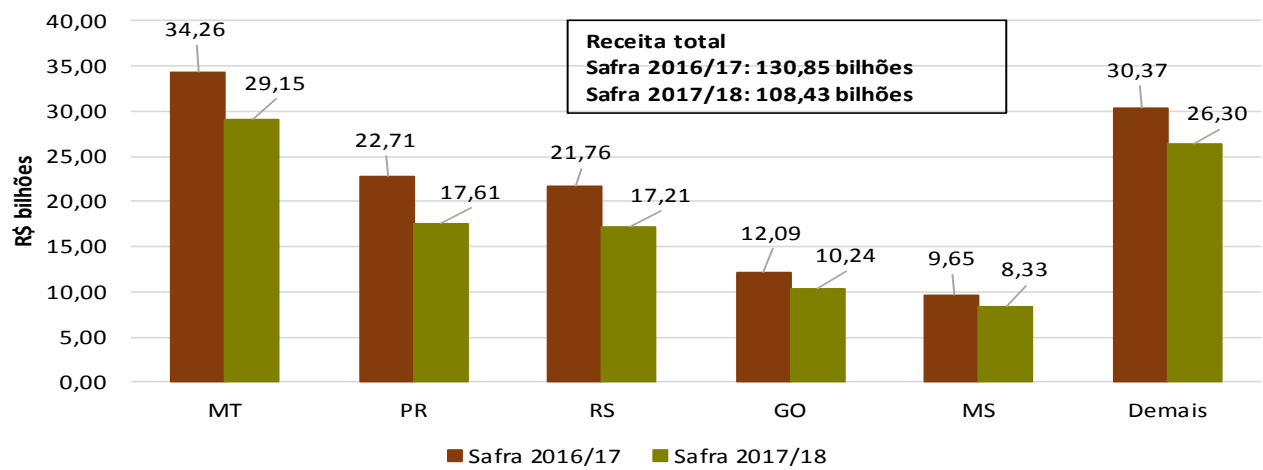
Fonte: Conab

Isso posto, o movimento de decréscimo na produção em paralelo com a queda nos preços recebidos pelo produtor culminou em uma queda na estimativa da receita bruta total para a soja na safra 2017/18. De forma particular, o Mato Grosso apresenta estimativa de receita bruta para a oleaginosa de 29,15 bilhões de reais para a temporada 2017/18. Já para a safra imediatamente anterior, a estimativa ficou em 34,26 bilhões, com decréscimo relativo de 14,9%. Diferente do observado em momentos anteriores, as Unidades da Federação que formam o Matopiba, apresentam-se aumento, apenas na receita bruta estimada para o

Maranhão, com valor de 2,98 bilhões de reais (1,3%). Já para os demais estados observam os seguintes valores: 2,94 bilhões em Tocantins, 2,05 bilhões no Piauí e 4,92 bilhões de reais na Bahia, o que representa queda de 11,1%, 18,2% e 15,2%, respectivamente.

Isso posto, a estimativa total para a receita bruta da soja na safra 2017/18 foi de 108 bilhões de reais, frente à estimativa de 130 bilhões da safra anterior, um decréscimo de 16,8%.

Gráfico 65 – Receita bruta dos produtores rurais – Soja – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab



10. BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

10.1. ALGODÃO

10.1.1. PANORAMA MUNDIAL

De acordo com o Comitê Consultivo Internacional do Algodão – Icac em seu relatório semanal de 28 de novembro de 2017, a estimativa da produção mundial de pluma na safra 2016/17 é de 23 milhões de toneladas e projeta-se para a safra 2017/18 uma produção de 25,74 milhões de toneladas. Esse resultado significaria um aumento de 11,91% na produção. Comparando-se a estimativa para a safra 2017/18 com o total produzido na safra 2015/16, que foi de 21,48 milhões de toneladas de pluma, o aumento seria de 19,81%.

Ainda de acordo com o Icac, o consumo mundial estimado é de 24,52 milhões de toneladas em 2016/17. Já para a safra 2017/18, a previsão é que o consumo fique em 25,22 milhões de toneladas. Em se confirmando as previsões expostas acima, a produção mundial voltaria a ser maior que o consumo em 2017/18, depois de dois anos-safras sendo inferior.

2. Panorama nacional

De acordo com o terceiro levantamento de safra da Conab, a intenção de plantio estimada para a safra 2017/18 será de 1.690 mil toneladas de algodão, esse volume é 10,5% maior que o produzido na safra anterior, que foi de 1.529,5 mil toneladas. Apesar do au-

mento estimado para a produtividade ser de apenas 0,5%, a Conab estima um aumento de 11,1% na área de algodão a ser plantada.

O clima e os preços durante a safra 2016/17 foram sa-

tisfatórios para os produtores brasileiros de algodão. A expectativa para a safra 2017/18 é de normalidade climática e como os preços continuam remuneradores, resultou-se em estímulo a esse aumento de área.

Tabela 45 – Configuração do quadro de oferta e demanda

DISCRIMINAÇÃO	2012	2013	2014	2015	2016	2017 (¹)	2018 (²)
O F E R T A	2.418,5	1.798,2	2.070,5	2.003,3	1.665,2	1.770,7	2.101,4
Estoque Inicial	521,7	470,5	305,1	438,4	349,0	201,2	395,7
Produção	1.893,3	1.310,3	1.734,0	1.562,8	1.289,2	1.529,50	1.690,70
- Centro/Sul	1.343,2	905,1	1.192,0	1.061,6	996,9	1.129,3	1.198,7
- Norte/Nordeste	550,1	405,2	542,0	501,2	292,3	400,2	492,0
Importações	3,5	17,4	31,5	2,1	27,0	40,0	15,0
D E M A N D A	1.948,0	1.493,1	1.632,1	1.654,3	1.464,0	1.375,0	1.680,0
Consumo Interno	895,2	920,2	883,5	820,0	660,0	690,0	720,0
Exportações	1.052,8	572,9	748,6	834,3	804,0	685,0	960,0
Estoque Final	470,5	305,1	438,4	349,0	201,2	395,7	421,4
Meses de Uso	2,9	2,5	3,2	2,5	1,6	3,5	3,0

Legenda: (1) preliminar (2) estimativa.

Fonte: Conab/ Secex/SRF-MF/ Sinditextil-Abit/Anea/Cooperativas/Icac.

10.2. ARROZ

Em outubro, o Brasil exportou 109,4 mil toneladas de arroz base casca e importou 92 mil toneladas. Sobre os preços comercializados, o Brasil vendeu o arroz branco beneficiado em uma média de US\$ 498,61 a tonelada, enquanto os preços de aquisição, principalmente dos nossos parceiros de Mercosul, mantiveram-se em patamar inferior.

Sobre as compras brasileiras de arroz internacional em outubro, o Paraguai, maior exportador para o mercado brasileiro, comercializou 36,3 mil toneladas de arroz base beneficiado em uma média de US\$ 370,29 a tonelada de arroz polido. Cabe destacar que o arroz paraguaio continua sendo direcionado, em sua maioria, para os mercados do sudeste brasileiro. Sobre a Argentina e o Uruguai, o produto importado vem sendo direcionado principalmente para São Paulo e Rio Grande do Sul. Para o final da comercialização da safra 2016/17, a previsão é de uma importação de 1 mil toneladas e exportação de 800 mil toneladas.

Acerca do consumo, esse é estimado em torno de 11,5

milhões de toneladas para a Safra 2016/17 em virtude do cenário econômico brasileiro. Para a safra 2016/17, projeta-se um consumo superior em 12 milhões de toneladas, volume semelhante à média identificada antes do período de recessão brasileira. Sobre a produção nacional, a safra brasileira de arroz 2017/18 deverá ser 5,8% inferior em relação à safra 2016/17, atingindo 11,6 milhões toneladas. Essa retração da produção ocorre em razão do atraso de parte das áreas no Rio Grande do Sul e a menor capitalização dos produtores, que deverão reduzir a quantidade de insumos nas lavouras. Sobre a balança comercial, a expectativa é de equilíbrio na próxima safra, como reflexo de um possível arrefecimento dos preços internos mais competitivos em virtude de uma esperada desvalorização da moeda nacional no ano de 2018.

Com base no cenário descrito no quadro de suprimento, espera-se uma amena redução dos estoques de passagem, sendo previsto um estoque final de 1.458,6 mil toneladas para a safra 2016/17 (fevereiro de 2018) e de 1.070,6 mil toneladas para a safra 2017/18 (fevereiro de 2019).



10.3. FEIJÃO

No mercado atacadista de São Paulo as ofertas estão sendo efetuadas, basicamente, com produtos oriundos da região sudoeste do próprio estado. Os lotes da safra goiana e mineira são remanescentes da terceira safra, com cor abaixo de 8,0, e não atendem a contento a exigência do mercado paulista. Com isso e devido aos baixos preços ofertados para este padrão de mercadoria, sua entrada praticamente parou, e a tendência é de que este feijão mais escuro atenda a própria região e o nordeste do país

No Sul do país a semeadura está praticamente concluída e a colheita iniciando, cuja produção está sendo utilizada para o consumo local. Já em São Paulo, poucas áreas restam para serem colhidas e o seu abastecimento está sendo processado, quase que na totalidade, com produtos oriundos do interior do próprio Estado. Em função do baixo interesse de compra, a oferta está saturando ainda mais o mercado e influenciando negativamente nos preços. Nesta época do ano normalmente o mercado esfria devido à queda do consumo, estimulada pelas festividades de final de ano, e férias escolares. Consequentemente, não se espera em curto prazo uma recuperação dos preços praticados no mercado a não ser por uma significativa frustração da safra.

Em virtude da boa oferta e a expectativa de pouca demanda, os compradores se sentem numa situação cômoda, e aguardam o melhor momento para efetuarem suas compras apostando que, na melhor das hipóteses, a tendência é de que os preços fiquem nos atuais patamares.

Cabe esclarecer que o montante de sobras, ou seja, mercadorias que não são negociadas na zona cerealista de São Paulo, voltam para os armazéns para serem colocadas à venda no dia seguinte e encontram sérios obstáculos para a sua negociação, pois a maioria tem deficiência de qualidade. Muitos comerciantes evitam esse tipo de mercadoria, ao preço que vem sendo praticado, devido às dificuldades de repasse ao setor varejista, e ficam no aguardo de um melhor momento.

Concluindo, o volume de mercadoria colhida em meses recentes em Minas Gerais e Goiás e que ainda não foram comercializados; a entrada da nova safra – 2017/2018, da Região Sul e, principalmente do Estado de São Paulo, prevista para novembro com intensificação das ofertas nos meses de novembro, janeiro e fevereiro; a redução do consumo em períodos de

festividades de fim de ano e férias escolares, trazem perspectivas sombrias às cotações que já se encontram muito baixas.

Feijão-comum preto

O mercado está acomodado, apesar da menor oferta do produto nacional, com o final da colheita no Sul do País, no mês de junho. As mercadorias importadas têm influenciando negativamente nas cotações do produto, e o consumo está retraído nas principais praças de consumo do País, dificultando a formação de um mercado mais dinâmico

O estoque remanescente de posse dos produtores, e a oferta oriunda da nova safra, no Sul do País, ainda que pequena, estão sendo suficientes para garantir o abastecimento com folga, passando certa tranquilidade para que os compradores programem suas aquisições. Com isso, o ritmo de vendas segue fraco e as cotações seguem estáveis desde a última semana de setembro, e com poucas perspectivas de melhora, em virtude da intensificação da colheita da 1ª safra no Sul do País.

O consumo nacional tem variado nos anos de 2010 a 2015, entre 3,3 e 3,6 milhões de toneladas, recuando para 2,8 milhões de toneladas em 2016, o menor registrado na história, em função do elevado aumento dos preços provocado pela retração da área plantada e principalmente pelas condições climáticas adversas. No trabalho em curso, optou-se por uma recuperação do consumo, passando de 2,8 para 3,35 milhões de toneladas.

Desta forma prevê-se o seguinte cenário: computando as três safras, a estimativa da Conab chega em uma produção média de 3.280,4 mil toneladas, o que representa uma variação negativa de 3,5% em relação à temporada 2016/2017. No entanto, a queda acima mencionada não retrata a realidade, por se tratar de um remanejamento de área efetuado no estado da Bahia. Alguns municípios estavam considerando os plantios realizados nos meses de janeiro/fevereiro, como primeira safra, ao invés de segunda safra.

Partindo-se do estoque inicial de 260,5 mil toneladas, o consumo de 3.350,0 mil toneladas, as importações em 150,0 mil toneladas e as exportações de 125,0 mil toneladas, resultará em um estoque de passagem da ordem de 265,9 mil toneladas, o que correspondente a cerca de 1 (um) mês de consumo.



10.4. MILHO

O período comercial da safra 2016/17 está se aproximando do final, restando mais dois meses, onde se deve observar como tenderá o ritmo das exportações e, diante disso, como ficará o estoque final disponível para o restante do primeiro quadrimestre do ano de 2018.

Sabe-se que, de fevereiro a novembro, já foram embarcadas 23,8 milhões de toneladas, restando 6,2 milhões para dezembro e janeiro.

No entanto, notou-se em novembro, uma significativa queda do ritmo exportador, visto que fechou em 3,5 milhões de toneladas, abaixo da média das últimas cinco safras (retirando dados da safra anterior, onde a forte quebra da safra e altos preços internos afetaram o ritmo normal de exportação de milho), de 3,9 milhões de toneladas.

Além disso, as exportações de novembro ficaram 1,5 milhão de toneladas abaixo dos embarques de outubro, levando a crer que a tendência natural é de diminuição ainda maior do volume a ser exportado nos

próximos meses.

Vale lembrar que as negociações de milho para o mercado externo, apesar do interesse comprador, seguem bastante pontuais e disputando acirradamente com os demandantes internos que buscam se abastecer, diante das incertezas em relação ao tamanho da produção de milho primeira safra, com previsão de um evento de La Niña, o que poderia afetar a produção do Sul do país.

Assim, a estimativa de exportação segue mantida em 30 milhões de toneladas, visto que os line ups para dezembro estão abaixo de 2,5 milhões de toneladas. Houve uma alteração nas importações para 800 mil toneladas, visto que, segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), o Brasil internalizou 763 mil toneladas de milho, oriundo, sobretudo, do Paraguai.

Diante do aquecimento da demanda interna, nos últimos meses, os preços de milho tiveram uma alta, variando entre R\$ 15,10 e 21,25/60Kg no Estado do Mato Grosso, R\$ 21,00 e 25,00 no Paraná e R\$ 22,00 e 30,00/60 no Rio Grande do Sul

10.5.1. MERCADO INTERNACIONAL

Segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda), na safra 2017/18 a produção mundial de soja em grãos será de 348,88 milhões de toneladas,

cerca de 1 milhão a mais que a projeção do mês anterior. Este crescimento deve-se ao aumento da estimativa de produção da soja brasileira em 2017/18, em

Tabela 46 - Produção mundial de soja em milhões de toneladas

País/Safra	2013/2014	2014/2015	2015/2016	2016/2017	2017/2018
Estados Unidos	86.700	97.200	96.500	114.100	108.000
Brasil	91.389	106.878	106.857	116.920	120.436
Argentina	53.400	61.400	56.800	57.800	57.000
China	11.951	12.154	11.785	12.900	14.200
Índia	9.477	8.711	6.929	11.500	10.000
Paraguai	8.190	8.154	9.217	10.665	9.400
Canada	5.359	6.049	6.371	6.463	8.200
Outros	16.285	19.467	19.250	20.906	21.652
Total	282.751	320.013	313.709	351.254	348.888

Fonte: USDA, outubro/16

relação ao que foi estimado no mês anterior.

De qualquer maneira a safra de soja mundial deve ficar pouco menos de 3 milhões de toneladas abaixo da safra 2016/17. Nos Estados Unidos, o incremento de aproximadamente, 4 milhões de toneladas em relação à safra anterior, vem se confirmando, visto que a produtividade, apesar de menor que a safra anterior, está com a média acima de 3,3 mil kg/ha, já que ela se

encontra praticamente finalizada

As cotações de soja na Bolsa de Chicago variaram em novembro, de US Cents 959,00 a 997,20/bushel (US\$ 352,37 a 366,41/toneladas), acompanhando as variações da oferta e demanda, onde a produção mundial que, segundo o Usda, indicava um incremento, pressionou as cotações de soja na Bolsa. Contudo, a con-



figuração de um evento de La Niña que pode afetar a safra da América do Sul e um forte período seco na Argentina, provocaram um movimento altista dos preços da oleaginosa.

10.4.2. MERCADO NACIONAL.

As cotações de soja no Brasil, em novembro, permaneceram bem estáveis, com valores em Sorriso – MT de R\$ 57,00 a saca de 60 quilos e em Cascavel – PR, de R\$ 64,00 a saca de 60 quilos.

Todavia, a comercialização, mesmo pontual, se seguiu para a soja disponível e as exportações de soja, segundo a Secretaria de Comércio Exterior – Secex, já ultra-

10.6. TRIGO

Novembro se destacou pelo encerramento da colheita nos maiores estados produtores de trigo do Brasil, momento em que se observaram os diversos danos causados nas lavouras e a perda de qualidade do produto colhido no campo, sendo uma considerável parcela da produção classificada como triguilho. Diante disso, o setor industrial passou a disputar o grão de melhor qualidade, destacadamente aquele colhido na safra 2016/17, o que valorizou as cotações ao longo do período.

Por outro lado, a menor demanda pelos derivados tem pressionado os preços pagos às indústrias moageiras, reduzindo suas margens de comercialização e favorecendo o consumidor final, que passa a encontrar produtos a preços mais atrativos no atacado e varejo.

Conforme levantamento realizado pela Conab durante novembro, a produção de trigo estimada para a safra 2017/18 é de 4.299,4 mil toneladas, o que representa uma redução de 36,1% em relação à produção recorde ocorrida na safra anterior, quando o Brasil colheu 6.726,8 mil toneladas. Na comparação com levantamento realizado em outubro e divulgado no início de novembro, houve uma redução de 269 mil toneladas na estimativa da safra brasileira, fato devido principalmente à menor produtividade observada em estados como o Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul.

passaram 65 milhões de toneladas, levando à revisão da estimativa da safra 2016/17, para 66,5 milhões, visto que há line ups indicando que dezembro deve haver um volume de exportação próximo de 1,0 milhão de toneladas.

Neste cenário, o esmagamento de soja deve diminuir em 1,5 milhão de toneladas e assim, os estoques finais deverão ficar acima de 3,0 milhões de toneladas, o que não é um mal cenário, tendo em vista que a safra brasileira 2017/18 está estimada em 109,2 milhões de

Em que pese a redução na estimativa da produção, para a safra 2017/18, o volume de trigo importado em novembro foi de 476,2 mil toneladas, quantidade 32,04% inferior à registrada no mesmo período do ano anterior. No mês, o cereal foi importado de três países, sendo a Argentina o principal fornecedor, com 92,94% do total, enquanto que o Canadá participou com 3,99% e o Paraguai com 3,07%. Os principais destinos do trigo estrangeiro foram os estados de São Paulo (27,06%), Ceará (24,71%), Rio de Janeiro (10,41%) e Pará (7,32%) que, juntos, foram responsáveis por aproximadamente 70% das importações realizadas. Nesse mesmo período não foi realizada qualquer operação de exportação do grão.

Ainda que se façam presentes as expectativas acerca da retomada do crescimento econômico do país, a menor demanda pelos derivados ensejará um processamento de cerca de 11 milhões de toneladas para a safra 2017/18, sendo reservadas aproximadamente 288 mil toneladas para sementes, o que totalizará um consumo na ordem de 11,3 milhões de toneladas. Apesar dos altos estoques, é prevista uma importação de 7,2 milhões de toneladas para fazer frente ao consumo nacional. Houve um ajuste em relação à última estimativa do volume de importações divulgada pela Conab, sobretudo pela competitividade do produto estrangeiro e a necessidade de abastecimento com grãos de maior qualidade. Por fim, espera-se que sejam exportadas 600 mil toneladas de trigo nesta temporada, valor próximo ao registrado na safra 2016/17.



Tabela 47 – Suprimento e uso de trigo em grão no Brasil - agosto-julho

SAFRA	ESTOQUE INICIAL (01 DE AGOSTO)	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	EXPORTAÇÃO	CONSUMO INTERNO			ESTOQUE FINAL (31 JUN)
						MOAGEM INDUSTRIAL	SEMENTES (1)	TOTAL	
2012/13	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	1.683,9	9.850,0	284,3	10.134,3	1.527,6
2013/14	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	47,4	11.050,0	331,5	11.381,5	2.268,9
2014/15	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	1.680,5	10.300,0	413,7	10.713,7	1.174,6
2015/16	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	1.050,5	10.000,0	367,3	10.367,3	809,3
2016/17(1)	809,3	6.726,8	7.088,5	14.624,6	576,8	11.200,0	317,7	11.517,7	2.530,1
2017/18(2)	2.530,1	4.568,4	7.000,0	14.098,5	600,0	11.000,0	287,6	11.287,6	2.210,9

Fonte: Conab.

Nota: (1) Estimativa (2) Previsão



Tabela 48 - Balanço de oferta e demanda - Em mil toneladas

PRODUTO	SAFRA	"ESTOQUE INICIAL"	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	"ESTOQUE FINAL"
Algodão em pluma	2011/12	521,7	1.893,3	3,5	2.418,5	895,2	1.052,8	470,5
	2012/13	470,5	1.310,3	17,4	1.798,2	920,2	572,9	305,1
	2013/14	305,1	1.734,0	31,5	2.070,6	883,5	748,6	438,5
	2014/15	438,5	1.562,8	2,1	2.003,4	820,0	834,3	349,1
	2015/16	349,1	1.289,2	27,0	1.665,3	660,0	804,0	201,3
	2016/17	201,3	1.529,5	40,0	1.770,8	690,0	685,0	395,8
	2017/18	395,8	1.690,1	15,0	2.100,9	720,0	960,0	420,9
Arroz em casca	2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
	2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
	2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
	2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
	2015/16	962,9	10.603,0	1.187,4	12.753,3	11.428,8	893,7	430,8
	2016/17	430,8	12.327,8	1.000,0	13.758,6	11.500,0	800,0	1.458,6
	2017/18	1.458,6	11.612,0	1.000,0	14.070,6	12.000,0	1.000,0	1.070,6
Feijão	2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
	2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
	2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
	2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
	2015/16	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
	2016/17	186,0	3.399,5	150,0	3.735,5	3.350,0	125,0	260,5
	2017/18	260,5	3.280,4	150,0	3.690,9	3.300,0	125,0	265,9
Milho	2011/12	4.459,6	72.979,5	774,0	78.213,1	51.894,0	22.313,7	4.005,4
	2012/13	4.005,4	81.505,7	911,4	86.422,5	53.263,8	26.174,1	6.984,6
	2013/14	6.984,6	80.051,7	790,7	87.827,0	54.503,1	20.924,8	12.399,1
	2014/15	12.399,1	84.672,4	316,1	97.387,6	56.611,1	30.172,3	10.604,2
	2015/16	10.604,2	66.530,6	3.338,1	80.472,9	54.639,8	18.883,2	6.949,9
	2016/17	6.949,9	97.842,8	800,0	105.592,7	56.165,3	30.000,0	19.427,4
	2017/18	19.427,4	92.222,5	400,0	112.049,9	58.500,0	30.000,0	23.549,9
Soja em grãos	2011/12	3.020,4	66.383,0	266,5	69.669,9	36.754,0	32.468,0	447,9
	2012/13	447,9	81.499,4	282,8	82.230,1	38.694,3	42.791,9	743,9
	2013/14	743,9	86.120,8	578,7	87.443,5	40.200,0	45.692,0	1.551,5
	2014/15	1.551,5	96.228,0	324,1	98.103,6	42.850,0	54.324,2	929,4
	2015/16	929,4	95.434,6	400,0	96.764,0	43.700,0	51.587,8	1.476,2
	2016/17	1.476,2	114.075,3	300,0	115.851,5	45.781,0	66.500,0	3.570,5
	2017/18	3.570,5	109.183,4	400,0	113.153,9	46.781,0	64.000,0	2.372,9
Farelo de Soja	2011/12	3.176,7	26.026,0	5,0	29.207,7	14.051,1	14.289,0	867,6
	2012/13	867,6	27.258,0	3,9	28.129,5	14.350,0	13.333,5	446,0
	2013/14	446,0	28.336,0	1,0	28.783,0	14.799,3	13.716,3	267,4
	2014/15	267,4	30.492,0	1,1	30.760,5	15.100,0	14.826,7	833,8
	2015/16	833,8	30.954,0	0,8	31.788,6	15.500,0	14.443,8	1.844,8
	2016/17	1.844,8	31.955,0	1,0	33.800,8	17.000,0	14.600,0	2.200,8
	2017/18	2.200,8	32.725,0	1,0	34.926,8	17.500,0	15.000,0	2.426,8
Óleo de soja	2011/12	988,0	6.591,0	1,0	7.580,0	5.172,4	1.757,1	650,5
	2012/13	650,5	6.903,0	5,0	7.558,5	5.556,3	1.362,5	639,7
	2013/14	639,7	7.176,0	0,1	7.815,8	5.930,8	1.305,1	579,9
	2014/15	579,9	7.722,0	25,3	8.327,2	6.359,2	1.669,9	298,1
	2015/16	298,1	7.839,0	66,1	8.203,2	6.380,0	1.254,2	569,0
	2016/17	569,0	8.092,5	40,0	8.701,5	6.800,0	1.550,0	351,5
	2017/18	351,5	8.287,5	40,0	8.679,0	6.800,0	1.700,0	179,0
Trigo	2011	2.201,6	5.788,6	6.011,8	14.002,0	10.144,9	1.901,0	1.956,1
	2012	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	10.134,3	1.683,9	1.527,6
	2013	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	11.381,5	47,4	2.268,9
	2014	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	10.713,7	1.680,5	1.174,6
	2015	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	10.367,3	1.050,5	809,3
	2016	809,3	6.726,8	7.088,5	14.624,6	11.517,7	576,8	2.530,1
	2017	2.530,1	4.299,4	7.200,0	14.029,5	11.287,6	600,0	2.141,9

Fonte: Conab.

Notas: Estimativa em dezembro 2017/ Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho.





Distribuição:
Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)
Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)
Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)
SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF
(61) 3312-6277
<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO

